

O Clítico SE: entre a Norma e a Variação

Sofia Isabel Vieira de Vasconcelos

Dissertação de Mestrado
em Consultoria e Revisão Linguística

Março de 2013

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de
Mestre em Consultoria e Revisão Linguística realizada sob a orientação científica de Maria
Fernandes Homem de Sousa Lobo Gonçalves e Maria Alexandra Moreira de Jesus Fiéis e Melo.

Aos meus pais

AGRADECIMENTOS

Agradeço às minhas orientadoras, Maria Lobo e Alexandra Fiéis, pela disponibilidade, pelo interesse e pelo empenho com que me guiaram neste trabalho.

Ao Marco, pela paciência, pela compreensão e pelo carinho em todas as horas.

Aos meus pais, por sempre terem feito tudo por mim.

O CLÍTICO SE: ENTRE A NORMA E A VARIAÇÃO

SOFIA ISABEL VIEIRA DE VASCONCELOS

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: norma, variação, clítico, SE, indeterminado, passivo, anticausativo, inerente

Este trabalho tem como objetivo analisar diferentes estruturas com o clítico SE, considerando a variação que apresentam e a sua relação com a norma, de modo a contribuir para uma clarificação deste tópico no exercício da atividade de Consultoria e Revisão Linguística. Reconhecendo que a variação está inevitavelmente presente no uso da língua, mas também que há contextos em que a norma é socialmente pretendida, procuramos articular as duas perspetivas, observando os dados reais, recolhidos nos *corpora CRPC* (PE) e *NILC* (PB), e alguns instrumentos de normalização.

São seis os tipos de clíticos identificados: claramente argumentais, SE reflexivo e recíproco; com menor peso argumental, SE indeterminado e passivo; sem função argumental, SE anticausativo e inerente. É nos clíticos com pouca ou nenhuma função argumental que é possível identificar variação significativa por parte dos falantes.

A proximidade entre SE indeterminado e SE passivo, que surgem frequentemente em construções idênticas, facilita o aparecimento de variação, nomeadamente ao nível da concordância, questão em que focámos a nossa atenção. Especificamente, foram analisadas estruturas com verbos preposicionados e sujeitos oracionais, que, apesar de apresentarem alguma variação, só permitem SE indeterminado, e também estruturas infinitivas dependentes de diferentes tipos de verbos. Verificou-se que construções com semiauxiliares, causativos e percetivos não levantam problemas de maior com ambos os clíticos, enquanto os verbos de controlo, numa perspetiva normativa, suscitam dúvidas quanto à combinação com SE passivo e à respetiva concordância.

SE anticausativo e inerente foram analisados relativamente à obrigatoriedade do clítico. Para SE anticausativo selecionámos verbos de alternância causativa, verificando a presença/ausência do clítico, também em comparação com o PB. Encontrou-se grande variação de verbo para verbo, havendo, genericamente, mais ocorrências de queda do clítico quando o verbo é usado em sentido literal. Além disso, os verbos em PB são também geralmente mais propícios à queda de SE. Os verbos com SE inerente – *rir(-se)*, *casar(-se)*, *reunir(-se)* e *sentar(-se)* – têm um comportamento também bastante variável.

Ainda com SE inerente, foram analisadas diferentes estruturas com os verbos *lembrar*, *recordar* e *esquecer*, no que diz respeito à presença da preposição e do clítico. Constatou-se que o fenómeno da queda da preposição *de* antes de completivas é semelhante em PE e PB, enquanto a queda do clítico antes de SN ou de completiva não finita é bastante rara em PE e relativamente frequente em PB.

Importa ainda referir que em vários dos pontos estudados os instrumentos normativos se revelaram pouco coerentes ou omissos.

THE CLITIC SE: BETWEEN STANDARD AND VARIATION

SOFIA ISABEL VIEIRA DE VASCONCELOS

ABSTRACT

KEYWORDS: standard, variation, clitic, SE, undetermined, passive, anticausative, inherent

The objective of this dissertation is to analyze different structures with the clitic SE, considering their variation and their relationship with the standard variety, in order to contribute to clarify this topic within the Linguistic Revision and Consultancy activity. Knowing that variation is inevitably present in language use, but also that there are situations that socially require the use of the standard variety, our goal is to articulate both perspectives by analyzing real data, collected on *CRPC* (EP) and *NILC* (BP), and also standardization instruments.

There are six types of clitics: clearly argumental, reflexive and reciprocal SE; less argumental, undetermined and passive SE; without any argumental function, anticausative and inherent SE. The clitics with few or none argumental function are the ones that exhibit significant variation.

The proximity between undetermined and passive SE, which appear frequently in similar constructions, facilitates variation, especially in relation with agreement. Specifically, we analyzed structures with verbs with prepositions and clausal subjects, that, in spite of showing some variation, only allow undetermined SE, and also infinitive structures selected by different types of verbs. We observed that constructions with semi-auxiliary, causative and perception verbs do not raise big problems with any of the clitics, while control verbs, in a standard perspective, raise more doubts concerning the combination with passive SE and the verbal agreement.

Anticausative and inherent SE were analyzed in relation to the obligatory presence of the clitic. Regarding anticausative SE, we selected causative alternation verbs and checked for the presence/absence of clitics in comparison to BP. There was significant variation between verbs; generally, there are more occurrences without the clitic when the verb is used in a literal sense. In addition, verbs in BP are globally more favorable to clitic omission. Verbs with inherent SE – *rir(-se)* ‘to laugh’, *casar(-se)* ‘to marry’, *reunir(-se)* ‘to meet’ and *sentar(-se)* ‘to seat’ – also have a variable behavior.

Also with inherent SE, there were different structures analyzed with verbs *lembrar* ‘to remember’, *recordar* ‘to recall’ and *esquecer* ‘to forget’, concerning the presence of the preposition and of the clitic. We noticed that dropping the preposition *de* is a phenomenon that is quite similar in EP and BP, while dropping the clitic before a noun and an infinitival clause is rare in EP and relatively frequent in BP.

It is also important to mention that the normative instruments were either incoherent or incomplete in the treatment of most of the studied topics.

ÍNDICE

1	Introdução.....	1
2	Norma e Variação	3
2.1	Variação.....	4
2.2	Norma e normalização	6
2.3	Gramaticalidade, aceitabilidade e correção	10
2.4	Norma e variação em Consultoria e Revisão Linguística	12
3	O Clítico SE	15
3.1	Natureza e complexidade.....	15
3.2	Tipos de SE.....	17
3.2.1	SE Reflexivo.....	19
3.2.2	SE Recíproco	20
3.2.3	SE Indeterminado	21
3.2.4	SE Passivo.....	22
3.2.5	SE Anticausativo	24
3.2.6	SE Inerente.....	26
3.3	Síntese	28
4	Variações de SE	29
4.1	SE passivo vs. SE indeterminado e a concordância em número	29
4.2	Alternância causativa	31
4.3	SE inerente	33
5	Estudo	35
5.1	Metodologia	35
5.2	SE indeterminado vs. SE passivo – questões de concordância e definição de domínios oracionais	37
5.2.1	SE indeterminado com objeto preposicionado.....	37
5.2.2	Completivas finitas	42
5.2.3	Estruturas não finitas dependentes de diferentes classes de verbos	43
5.2.3.1	Verbos semiauxiliares	45
5.2.3.2	Verbos de controlo de sujeito	47
5.2.3.3	Verbos causativos/perceptivos	51

5.3	Estruturas com SE anticausativo e SE inerente – variação na realização de SE e nas propriedades de seleção do verbo	53
5.3.1	SE anticausativo	53
5.3.1.1	Os instrumentos	54
5.3.1.2	Os dados	57
5.3.2	SE inerente	61
5.3.2.1	<i>Lembrar, esquecer e recordar</i> : a presença do clítico e da preposição	61
5.3.2.2	<i>Rir, casar, reunir e sentar</i> : a presença do clítico	65
6	CONCLUSÃO	69
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
	LISTA DE TABELAS	81
	LISTA DE GRÁFICOS	83
	ANEXO 1. Contextos de pluralização do verbo <i>precisar</i>	85
	ANEXO 2. Entradas dos verbos <i>precisar</i> e <i>necessitar</i>	87
	ANEXO 3. Concordância em estruturas não finitas dependentes de diferentes classes de verbos	91
	ANEXO 4. Entradas de verbos anticausativos	95
	ANEXO 5. Ocorrências de SE anticausativo	103
	ANEXO 6. Total de ocorrências de verbos anticausativos	109
	ANEXO 7. Entradas dos verbos <i>lembrar, esquecer e recordar</i>	111
	ANEXO 8. Ocorrências de diferentes estruturas com SE inerente – <i>lembrar, esquecer, recordar</i>	115
	ANEXO 9. Entradas dos verbos <i>rir, casar, reunir e sentar</i>	119
	ANEXO 10. Ocorrências de SE inerente	123

LISTA DE ABREVIATURAS

CRPC – *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*

DCVP – *Dicionário Sintático de Verbos Portugueses*

DELP – *Dicionário Editora da Língua Portuguesa*

DHLP – *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*

MEC – Marcação Excepcional de Caso

MLO – Movimento Longo de Objeto

NILC – Núcleo Interinstitucional de Lingüística Computacional (*corpus*)

OD – Objeto Direto

OI – Objeto Indireto

OP – Objeto Preposicionado

PE – Português Europeu

PB – Português do Brasil

SC – Subida de Clítico

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa investigar algumas das estruturas em que surge o clítico SE, contemplando, por um lado, diferentes tipos de variação que surgem nessas construções, e, por outro, a forma como são encaradas pela norma, com o objetivo de contribuir para um trabalho mais eficaz no contexto da Consultoria e Revisão Linguística.

Norma e variação são conceitos de grande relevância em línguas de acentuada projeção e divulgação, como é o caso do português; são também noções que caminham em direções opostas: enquanto a norma aponta para a uniformização, a variação contraria-a e reflete toda a vivacidade da língua e dos seus falantes. Os casos em que isto acontece são os verdadeiros desafios para o consultor e revisor, que terá de recorrer a sólidos conhecimentos linguísticos para justificar as opções que faz e, ocasionalmente, para fazer escolhas relativamente a estruturas que não estão claras na norma ou que apresentam um alto grau de instabilidade. O clítico SE tem a particularidade de ocorrer em várias construções distintas, algumas das quais apresentam um grau considerável de variação. Visto que estas estruturas colocam dúvidas no que diz respeito à sua aceitabilidade, parece-nos ser uma área de variação cujos contornos devem ser definidos descritivamente e em articulação com a questão da norma.

Dado que estamos perante um clítico com funções variadas, também os casos de variação serão diversos. As estruturas que iremos tratar são: a concordância em estruturas de SE indeterminado e SE passivo, mais especificamente com verbos preposicionados, com completivas não finitas e ainda com estruturas finitas dependentes de diferentes tipos de verbos; a presença/ausência de SE anticausativo e de SE inerente; e a relação entre as formas lexicalizadas com SE inerente que apresentam também a possibilidade de realização não pronominal.

Procuraremos ver em que medida os dados de investigação linguística podem contribuir para uma decisão informada num contexto de normalização e mesmo para equacionar a pertinência de uma maior flexibilização da norma. Pretendemos, assim, ajudar o consultor/revisor a tomar decisões nos casos em que a própria norma não é

clara e em que os instrumentos auxiliares não dão respostas. Recorreremos também a dados da variedade brasileira do português, não só para tentar chegar a um melhor conhecimento destas estruturas por comparação, mas também para facilitar as tarefas de revisão/consultoria que digam respeito a essa mesma variedade. Através de uma descrição linguística aprofundada, o consultor/revisor poderá, assim, mobilizar conhecimentos que lhe permitam justificar opções e/ou emitir pareceres de forma mais rigorosa. Por último, o levantamento de áreas de variação permitirá identificar contextos mais propícios à variação e, assim, contribuir para melhor direcionar a atenção de quem efetua funções de revisão/consultoria.

Em suma, neste trabalho propomo-nos “chamar a atenção dos linguistas para o papel que devem ter na fixação da norma” (Castro, 2003: 13), estabelecendo um compromisso entre dois campos que raramente se cruzam: a descrição de propriedades linguísticas que contemplam, naturalmente, a variação da língua, e a norma, indissociável de um contexto de consultoria e revisão linguística.

2 NORMA E VARIAÇÃO

Durante muito tempo, a descrição e a prescrição linguísticas figuravam lado a lado nos volumes que refletiam sobre a língua. Nas últimas décadas, o estudo da língua de forma mais científica é visto como descritivo, distanciando-se claramente da gramática normativa, mais associada a “gramáticos” do que propriamente a linguistas.

A tentativa de equacionar questões de norma e variação não tem sido um caminho frequente dos estudos linguísticos. A variação tem vindo cada vez mais a ser alvo de estudo, no caso português, sobretudo em termos espaciais, sendo noutras línguas bastante profícua a análise da variação socioletal. Já o conceito de norma é normalmente encarado com desconfiança e rejeição por parte de quem estuda aprofundadamente os fenómenos da língua, por implicar juízos de valor relativamente aos dados linguísticos, sendo fundamentalmente referido a propósito de questões de dialetologia (Ferreira *et al.*, 1996), sociolinguística e ensino da língua. Apesar de não ser muito profícua a literatura portuguesa sobre o tema, existem algumas reflexões que não podem deixar de ser referidas, nomeadamente o capítulo inicial de Peres e Mória (1995), não se demarcando de uma perspetiva normativa, que, aliás, é perceptível em toda a obra, as secções introdutórias das gramáticas de Cunha e Cintra (1984) e Mateus *et al.* (2003), ou o pequeno volume inteiramente dedicado ao tema: *Norma e Variação* (Mateus e Cardeira, 2007). Além destes capítulos/obras, encontramos ainda artigos dignos de referência, alguns deles dos mesmos autores: Mateus (2005), equacionando a relação entre norma e variação, Mória (2004), debruçando-se sobre os instrumentos de normalização, Castro (2003), (2006), questionando o papel do linguista e da escola, respetivamente, na questão da norma. De destacar é ainda a bibliografia existente para o galego, que, pela sua natureza de língua em afirmação e em normalização, tem suscitado a produção de vários artigos sobre o tema, como *Norma Lingüística e Variación* (Álvarez e Monteagudo, 2005).

No âmbito da análise linguística de uma língua cabe normalmente a descrição das estruturas que nela ocorrem, a enumeração de ocorrências, a explicação para a ocorrência de esta ou aquela construção, nas inúmeras variedades que a língua pode apresentar. Apesar de muitas das estruturas que a gramática descritiva contempla fazerem parte do padrão, a verdade é que não costuma haver lugar para uma referência mais aprofundada aos conceitos relacionados com a norma. Assim, a gramática normativa acaba por se

afirmar fundamentalmente mais pelo seu peso em termos sociais do que pelo estatuto próprio em termos teóricos no seio da linguística.

2.1 Variação

A variação ocorre em qualquer língua viva. Os falantes usam a língua em diversas situações, sob múltiplas condicionantes, o que potencia usos variados das mesmas estruturas. Dada a riqueza das línguas e as suas múltiplas possibilidades combinatórias, seria impossível que fatores como a dispersão geográfica, a educação, o meio socioeconómico ou o contexto concreto de enunciação não alterassem em maior ou menor medida as produções linguísticas. Além disso, na maioria das vezes a variação em nada prejudica o mútuo entendimento e reflete a riqueza da língua e dos seus falantes.

Além de variar diacronicamente e ir mudando ao longo dos séculos, sincronicamente a língua apresenta variação diatópica, diastrática e diafásica, manifestando-se num dado momento em múltiplas formas. Se a isto juntarmos uma dispersão geográfica que envolve vários países e continentes, como acontece com o português, teremos uma língua bastante rica em exemplos de variação e, portanto, com diversas variedades.

Ainda que as descrições linguísticas assentem normalmente numa projeção abstrata da língua que permite uma análise mais apurada e com menos elementos distratores – “many studies which isolate one of several such jointly available systems were carried out under the further assumption that the only possible basis for description is a homogeneous, invariant system.” (Weinreich, Labov e Herzog, 1968) – nas últimas décadas, a variação linguística tem recebido cada vez mais atenção nos estudos linguísticos. Efetivamente, os falantes usam a língua em grande medida para possibilitar a interação social, pelo que se constitui como um sistema dinâmico, em constante mudança e com inúmeros elementos passíveis de serem estudados. A variação sincrónica de uma língua é, aliás, frequentemente precursora de uma mudança linguística.

A variação pode manifestar-se nas várias áreas da gramática. Quando pensamos em variação em Português Europeu (PE), os dados que se nos apresentam

de forma mais uniforme são os fonéticos e os lexicais, fundamentalmente associados à variação dialetal (de que são exemplos o betacismo ou o <s> beirão, por exemplo, ou, a nível de léxico, os pares *borrego/cordeiro*, *casa de banho/quarto de banho*, *testo/tampa*). Aliás, atualmente a classificação dialetal do PE ainda segue a proposta de Lindley Cintra, baseada em traços fonéticos (Cintra, 1971). É compreensível que, por serem unidades mais delimitadas, tenham recebido um tratamento mais precoce nos estudos de variação, sendo mais tardios os estudos de variação sintática (cf. Carrilho e Pereira, 2011). Curiosamente, a variação nas áreas fonética e lexical é normalmente vista de forma pacífica pelos falantes, sobretudo quando associada a uma manifestação de idiossincrasias regionais.

A variação pode também dar-se ao nível da morfologia e da sintaxe. Enquanto alguns casos poderão ser mais pacíficos e sancionados pela norma, como os plurais abundantes de algumas palavras (*aldeão*, *ancião*, *sultão* – cf. Cunha e Cintra, 1984: 185), já, por exemplo, a terminação -s na 2.^a pessoa do singular do pretérito perfeito será mais provavelmente associada pela generalidade dos falantes a um caso de desvio. A variação socialmente marcada suscita reações mais condenatórias por parte dos falantes do que a variação geográfica. Entre os exemplos de variação sintática recorrentemente estudados destacamos o queísmo/dequeísmo (Duarte, 2003c: 617-619; Arim, 2008), a concordância com expressões partitivas (amplamente tratada em Peres e Mória, 1995), ou com o verbo impessoal “haver” (Castro, 2003)¹.

No domínio da sintaxe, verificam-se frequentemente construções paralelas dentro da mesma língua, algumas delas usadas indiferentemente na variedade padrão por falantes cultos. Em Azeredo (2008: 64-65), encontramos exatamente a afirmação de que “a variedade padrão é elástica e comporta usos alternativos”, quando o autor contrapõe exemplos como “Nós voltemo(s) da praia tarde” ou “A gente voltamo(s) da praia tarde”, pertencentes à língua, mas não ao modelo de uso padrão, a exemplos como “Naquela época, importava-se todas essas mercadorias/Naquela época importavam-se todas essas mercadorias”, “permutáveis no mesmo nível de linguagem”. No mesmo sentido se pronuncia Álvarez (2005: 361): “No campo da

¹ Em Mateus (2005) encontramos uma pequena lista de alguns exemplos de variação sintática, além de inúmeros outros exemplos em Peres e Mória (1995).

sintaxe a variación séntese comunmente como algo positivo, como unha amplitude de recursos que constitúe en si mesma unha riqueza.”

Categorias como os pronomes ou as preposições, mais funcionais do que lexicais, ou as estruturas que envolvem concordância favorecem o aparecimento deste tipo de variação.

2.2 Norma e normalização

Norma, entendida enquanto conjunto de produções linguísticas de alguma forma padronizado, tanto poderá dizer respeito à norma linguística que um grupo de médicos segue quando fala entre si ou à norma que cada um desses médicos usa com os seus pacientes ou ainda à que partilha em casa com a família. Cada uma terá genericamente um conjunto de propriedades linguísticas que a torna propícia para ser usada em determinadas situações, com determinados interlocutores. Neste sentido, *norma* refere-se a características linguísticas típicas, frequentes, e existirão então inúmeras normas. Esta aceção de norma, presente em Mateus e Cardeira, 2007 (pp. 25-26), Bechara, 1999 (p. 42) e Azeredo, 2008 (pp. 62-66), é análoga à de Coseriu, quando se refere à tríade Sistema-Norma-Fala:

“No se trata de la *norma* en el sentido corriente, establecida o impuesta según criterios de corrección y de valoración subjetiva de lo expresado, sino de la norma objetivamente comprobable en una lengua, la norma que seguimos necesariamente para ser miembros de una comunidad lingüística, y no aquella según la cual se reconoce que «hablamos bien» o de manera ejemplar, en la misma comunidad. Al comprobar la norma a la que nos referimos, se comprueba *cómo se dice*, y no se indica *cómo se debe decir*: los conceptos que, con respecto a ella, se oponen son *normal* y *anormal*, y no *correcto* e *incorrecto*.

(Coseriu, 1973: 90)

Já aquela a que se chama a norma-padrão não será identificável como estritamente falada por um grupo específico de indivíduos, numa zona ou situação concreta. É fundamentalmente um conjunto idealizado de opções linguísticas que se crê serem as corretas, sendo própria dos meios de comunicação, privilegiada no ensino, ligada aos centros de poder e grandemente associada à escrita (Faria, 2003:

34-35). É determinada não por algum tipo de critério linguístico, mas sim por fatores de ordem social:

“de um ponto de vista estritamente linguístico, todas as variantes têm idêntico interesse e dignidade enquanto objectos de estudo, uma vez que todas elas são sistemas organizados por uma gramática.”

(Peres e Mória, 1995: 35)

“factores que só longinquamente se relacionam com a natureza da língua: o número de falantes, a importância histórica, o estatuto adquirido em contextos multilingues institucionalizados. [...] Portanto, se do ponto de vista linguístico não há hierarquia entre as variedades de uma língua, toda a afirmação que se produza nesse sentido radica em critérios de carácter social ”

(Mateus, 2005: 14-15)

A norma-padrão tem sempre uma forte componente de idealização; possui um carácter abstrato, quando comparada com as realizações concretas dialetais, socioletais ou idioletais. Ainda que seja maioritariamente baseada numa dada variedade, como acontece com a associação entre a norma-padrão do PE e a variedade da zona de Coimbra a Lisboa, a verdade é que tem sobretudo um pendor suprarregional. Frequente é também a caracterização do padrão pela negativa, ou seja, face ao seu carácter algo abstrato, acaba por ser mais fácil dizer o que não pertence ao padrão do que aquilo que ele realmente é: “...la LE [lengua estândar] es de suyo un objeto de naturaleza abstracta que se define por lo que no es más que por lo que es” (Demonte, 2005: 18).

Em línguas de grande difusão, espalhadas por vários continentes, como acontece com a portuguesa, é natural que a variação seja maior, refletindo as diferenças de indivíduos, de grupos, de situações e intenções comunicativas. Aliás, consideram-se já duas normas-padrão na língua portuguesa, PE e PB, número que pode aumentar no futuro com a emergência de normas africanas. Por conseguinte, é também natural que surjam desde cedo forças contrárias à variação, tentando uniformizar ao máximo as produções, com escolhas baseadas em critérios de âmbito muito mais social do que linguístico. Em suma, à variação contrapõe-se um processo de normalização, em que se procura atingir uma meta ideal – a norma-padrão.

As razões para normalizar uma língua não são muito distintas das que levam à normalização noutras áreas. Quanto mais pessoas usam a língua e quanto mais são as situações em que ela é fulcral, maior parece ser a necessidade de estabelecer uma maior uniformidade, que não cause entraves de comunicação nessa multiplicidade de aplicações e “em última análise, o papel da norma linguística torna-a um instrumento essencial de cidadania nas sociedades contemporâneas.” (Mateus, 2005: 16).

Claro que a vivacidade da língua nas mãos dos falantes é muito mais propícia a variação e, apesar de os instrumentos normativos e a força da língua escrita desacelerarem grandemente essa variação, a verdade é que é impossível fixar em absoluto uma língua e a própria norma também muda – “O conhecimento consciente de uma língua (por quem dela queira ser mais do que utilizador) implica o reconhecimento dessa dinâmica evolutiva e diversificante que torna qualquer língua resistente à normalização.” (Martins, 2003: 1). Além disso, parecendo-nos importante que em alguns contextos haja um grau acentuado de uniformização, ela não é necessária em absoluto, podendo cair no ridículo quando levada ao extremo:

“A variação, com as hesitações e contradições que gera, é inerente à produção linguística e textual de uma comunidade viva e aberta à evolução do mundo. A atitude normativa não pode combater, nem ignorar, este facto natural. Deve evitar, perante as variantes, tomar decisões correctivas automáticas, como se toda a variação fosse erro. [...] Ora, a fronteira entre práticas linguísticas erradas e práticas toleráveis é muitas vezes difícil de traçar.”

(Castro, 2006: 6)

Entendendo a normalização, segundo Milroy, como sendo essencialmente um processo de uniformização – “...as a process, standardization consists of the imposition of uniformity upon a class of objects, and so the most important structural property of a standard variety of a language is uniformity or invariance.” (Milroy, 2007: 133) – depressa se constatará que não se manifesta com a mesma intensidade em todas as áreas da gramática. Em termos de léxico, por exemplo, a mera existência de dicionários acaba por constituir uma acentuada carga normativa neste domínio.

Já na esfera da morfossintaxe, não serão tão abundantes os instrumentos realmente normativos. Além de uma ou outra gramática mais tradicional, o que

encontramos sobretudo são obras de divulgação que apresentam algumas uniformizações “forçadas” e pouco fundamentadas². Na generalidade, não são utilizadas sequências agramaticais como exemplo de desvio; normalmente, as estruturas apontadas como aquelas a evitar fazem parte das hipóteses oferecidas pelo sistema para uma determinada realização e são produtivamente usadas por um grupo de falantes. Todavia, fatores extralinguísticos levam a essa discriminação. As estruturas verdadeiramente agramaticais, por não ocorrerem naturalmente ou ocorrerem de forma muito pontual, não oferecem dúvidas e, como tal, não precisam de ser alvo de normalização.

Compreende-se que a normalização ao nível do léxico seja muito mais acolhida, no seio dos estudos linguísticos, na área da terminologia, dado que em áreas técnicas específicas é desejável que todos os intervenientes usem os mesmos termos para os mesmos conceitos, de forma a não incorrerem em erros com consequências potencialmente graves. Assim, neste tipo de comunicação é importante que não haja ruído e a informação seja perfeitamente compreendida, é necessário que haja harmonização. Isto poder-nos-á levar a refletir sobre se há uma necessidade semelhante para as estruturas sintáticas; verifica-se que podemos transmitir a mesma informação através de diferentes estruturas sintáticas, sem que isso coloque quaisquer problemas de mútua compreensão. Trata-se sobretudo de, em contextos de alguma formalidade, assegurar que a regularização a esse nível contribua para uma melhor clareza e um maior rigor.

Este trabalho de normalização, bastante difícil, deverá ser o mais rigoroso possível, aliando sólidos conhecimentos linguísticos a informações pormenorizadas sobre as produções linguísticas dos falantes. Dificilmente poderá ser feito em absoluto.

² Muitos instrumentos de divulgação, numa tentativa de simplificar e dar respostas a um público não especializado, podem incorrer em generalizações pouco sólidas. É o caso de alguns prontuários – *Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa* (Bergstrom e Reis, 2011), *Prontuário da Língua Portuguesa* (Porto Editora, 2007), *Novo Prontuário Ortográfico* (Castro Pinto, 2006), *Prontuário: erros corrigidos de Português* (D’Silvas Filho, 2010) – e outros manuais de divulgação – *Grandes Dúvidas da Língua Portuguesa* (D’Silvas Filho e Elsa Santos, 2011), *Assim é que é falar!* (Rocha, Matos e Tavares, 2010), entre outros. A referência a estes materiais não tem o objetivo de colocar em causa a sua qualidade enquanto instrumentos de divulgação, pois, por isso mesmo, têm algumas limitações quanto a um tratamento linguístico mais aprofundado de algumas questões; pretende-se apenas destacar que num contexto mais exigente, como o da consultoria e revisão, podem ser insuficientes.

Não é aliás um carácter “ditatorial” que se deseja, mas sim uma linha de rigor que oriente os falantes e profissionais da língua, nos contextos que tornam necessário o uso da norma-padrão: “A norma não pode ser rígida, monolítica, a língua muda, as normas gramaticais se modificam e nada é mais prejudicial que um purismo estreito, quase sempre baseado num conhecimento deficiente da própria língua.” (Callou, 2008: 19).

2.3 Gramaticalidade, aceitabilidade e correção

Segundo Chomsky, em *Syntactic Structures* (1957), um dos objetivos da análise linguística é exatamente explicar por que razão algumas frases são gramaticais e outras agramaticais. Para o autor, os falantes de uma determinada língua produzirão naturalmente apenas frases gramaticais, no âmbito das possibilidades das suas competências linguísticas. Além disso, a gramaticalidade será independente de critérios semânticos (“...any search for a semantically based definition of “grammaticalness” will be futile” – Chomsky, 1957: 15). Assim, a célebre frase “Colorless green ideas sleep furiously” será gramatical, já que não viola nenhum princípio sintático, mas devido às várias contradições de sentido não será genericamente considerada como aceitável pelos falantes.

A aceitabilidade estará menos determinada pelos mecanismos intrínsecos da língua e mais ligada à reação dos falantes, a questões que não estão tanto no domínio da competência, mas sim da *performance*: uma frase muito longa e com orações encaixadas poderá ser gramatical, mas rejeitada pelos falantes devido a dificuldades de processamento linguístico. Assim, é possível que uma frase gramatical seja recusada por várias razões: extensão, sucessivos encaixes, frases *gardenpath*³, inadequação ao contexto.

A gramaticalidade e a aceitabilidade estão dependentes das características da língua, ao contrário da norma, que efetua uma seleção entre várias opções

³ Frases com ambiguidade estrutural temporária, em que se faz uma análise sintática que em determinado ponto da frase se percebe estar errada, o que obriga a “voltar atrás” na frase, a reanalisá-la e dar-lhe uma nova interpretação. Ex.: O João contou ao amigo que encontrou a solução para o problema as suas dúvidas – numa primeira análise a oração iniciada por “que” parece completiva e só quando nos deparamos com “as suas dúvidas” se percebe que é relativa.

perfeitamente gramaticais. Deste modo, quando se considera que algo não pertence à norma, não quer dizer que seja agramatical, mas sim que não é considerado “correto” num contexto em que é expectável a norma-padrão. Entramos então no domínio da correção, conceito menos linguístico e mais social. Assim, ao passo que a gramaticalidade se situa na esfera do que é natural e instintivo para um falante, a norma-padrão é “construída”, é social e convencionalmente determinada:

“En definitiva, lo incorrecto “se postula”, mientras que lo agramatical “se descubre”. La corrección, que se suele articular en normas, es un concepto social, mientras que la gramaticalidad, que se suele articular en principios, es, más apropiadamente, un concepto natural. La gramaticalidad de las expresiones representa una propiedad constitutiva e interna de su naturaleza formal, mientras que la corrección responde a factores regulativos, que a menudo vienen a ser relativamente externos a su estructura y a su significado.”

(Bosque e Rechax, 2009: 32)

Um falante não especialista na língua não terá normalmente acesso ao verdadeiro sentido de gramaticalidade e quando lhe é solicitado algum juízo sobre a língua, será provável que responda seguindo critérios de aceitabilidade, de correção e não apenas de gramaticalidade. Os não especialistas podem estar condicionados por procurarem dar uma resposta certa, baseando-se no que conhecem da gramática prescritiva, das regras adstritas à norma, eventualmente “mascarando” as produções que fariam naturalmente:

“[i]t does not make any sense to speak of grammaticality judgments given Chomsky’s definitions, because people are incapable of judging grammaticality—it is not accessible to their intuitions [...]. Linguists might construct arguments about the grammaticality of a sentence, but all that a linguistically naive subject can do is judge acceptability.”

(Schütze, 1996: 26)

Proceder a uma classificação nominal – gramatical/agramatical, aceitável/não aceitável – obriga a que os juízos se encaixem nesta classificação binária, de valor absoluto. Portanto, muitas vezes opta-se por uma classificação de carácter ordinal, que oferece mais possibilidades, mais graus para os juízos linguísticos. Os juízos podem

assim ser comparados entre si consoante o grau mais ou menos aceitável. Ainda assim, serão três ou quatro níveis, expressos por uma combinação de * e ?, o suficiente para dar conta das *nuances* de gramaticalidade? Talvez uma maior ou menor especificação não possa ser julgada em termos absolutos, mas dependendo do fenómeno linguístico em causa. Além disso, apesar de uma classificação ordinal permitir classificar uma estrutura como mais ou menos aceitável do que outra, não determina de forma exata essa diferença. Em três estruturas classificadas respetivamente com *, ? e ??, não se consegue avaliar se a distância de aceitabilidade entre ? e * é maior ou menor do que entre ? e ??. (cf. Keller, 2000: 30-32). A variação da sinalética mostra que mesmo os linguistas sentem dificuldades ocasionais em aferir a inclusão de determinada estrutura no sistema. E aquilo que é gramatical numa dada variedade poderá não o ser noutra, se levarmos em conta o que é gerado pelo sistema linguístico dos falantes. Poderemos considerar que uma frase com *queísmo* é gramatical em determinadas variedades, mas talvez não seja em todas, por exemplo, em variedades mais próximas do padrão. Assim, verifica-se que a associação entre gramaticalidade e a geração espontânea que o nosso sistema linguístico permite não é de forma alguma simples e linear.

2.4 Norma e variação em Consultoria e Revisão Linguística

O trabalho na área da Consultoria e Revisão Linguística implica sólidos conhecimentos linguísticos, que permitam identificar e utilizar as estruturas linguísticas mais adequadas. Ora, estas estruturas são, na maioria dos casos, as da norma-padrão, pelo que o profissional tem necessariamente de saber o que pode ser considerado norma ou não e fazer diversas opções em consequência dessas determinações. O que gramaticalmente é lícito, perfeitamente corrente em algumas variedades, não pode surgir em textos mais formais; aquilo que o cliente normalmente procura não é a zona cinzenta em que se consagra a variação e se admitem diferentes estruturas, mas sim uma distinção mais precisa, uma separação rigorosa e coerente.

No entanto, como já foi referido, nem sempre é possível determinar com exatidão o que pertence ao padrão, mesmo consultando os instrumentos normativos, ora porque pecam por falta de rigor, ora porque o tópico é realmente problemático e o

instrumento normativo não o consegue resolver por completo. E mesmo quando a própria norma-padrão permite duas ocorrências, o profissional é instado a optar por uma e manter a escolha ao longo do mesmo texto, de forma a ser coerente. Enquadrar as produções linguísticas no domínio do “correto” é, portanto, uma tarefa necessária, mas nem sempre simples e objetiva:

“O conceito de correcção que a linguística moderna propõe é um conceito matizado, que substitui a oposição dicotómica entre “certo” e “errado” por uma escala gradativa que, tendo em conta a projecção dos factos linguísticos na esfera do social, do histórico e do social, separa aquilo que na língua é “obrigatório” (a que será errado fugir) daquilo que é inadmissível (que será errado praticar). Entre estes dois extremos dispõem-se situações intermédias, que vão desde o “facultativo” [...] e o “tolerável” [...] até ao “grosseiro” e “impróprio”[...].”

(Castro, 1991: 56)

Além de fazer escolhas, o consultor (e mesmo o revisor) pode também ser chamado a defendê-las, a justificar-se perante uma qualquer questão linguística. Nesse caso, não chegará obviamente ter optado por uma determinada palavra ou construção de forma impressionística, será sim necessário recorrer a um conhecimento explícito bastante apurado sobre a língua, eventualmente sobre questões deveras complicadas.

É neste sentido que desenvolvemos este trabalho: com o objetivo de aliar consulta de instrumentos de normalização, literatura de especialidade e *corpora* para resolver casos de dúvida e fundamentar devidamente as opções, a propósito de um elemento gramatical que se pretende conhecer melhor, um pouco à semelhança do que Telmo Mória refere para o papel do linguista:

“a descrição gramatical do português, tal como ela nos é oferecida na diversidade de textos escritos produzidos actualmente, é ainda em grande medida um tarefa por realizar em muitos dos seus aspectos, com questões sensíveis em que os “novos usos” colocam verdadeiros desafios ao utilizador e – indirectamente – ao linguista! [...] Os falantes certamente acabarão por incorporar umas e rejeitar outras, com ou sem a nossa intervenção, mas julgo que esta pode ser relevante para que os falantes façam escolhas informadas e livres sobre opções em concorrência.”

(Mória, 2008: 9)

3 O CLÍTICO SE

O clítico SE, elemento com múltiplas características e presente em várias línguas românicas, tem sido bastante estudado. É possível encontrar literatura especializada dedicada a estruturas com este clítico baseada nas diferentes línguas: italiano (Cinque, 1988), romeno (Dobrovie-Sorin, 2005), português (Naro, 1976; Raposo e Uriagereka, 1996; Martins, 2003a) e espanhol (Mendicoetxea, 1999; Otero, 1999; López, 2002; Vergara, 2006). É de realçar o carácter mais exaustivamente descritivo destes últimos quatro autores relativamente ao espanhol, de particular interesse por ser a língua mais próxima do português no que toca ao comportamento de SE.

No entanto, a generalidade destes trabalhos está globalmente orientada para explicações teóricas de fundo e não propriamente para questões de variação, apenas superficialmente referidas. Os trabalhos oriundos do Brasil são mais pródigos na análise de questões de variação, nomeadamente em estruturas com SE anticausativo (Souza, 1999; Ribeiro, 2010). No que toca à variedade portuguesa, temos a descrição recente e bastante pormenorizada de Sílvia Ribeiro (2011), que apenas deixa de fora SE inerente, forma que é tratada em Fonseca (2010).

Apesar de existirem algumas referências pontuais sobre variação em estruturas com SE nestes trabalhos e, por exemplo, em Peres e Móia (1995), a verdade é que tem sido dada mais atenção à variação verificada na posição dos clíticos e não tanto nos contextos que propomos aqui analisar. Ainda assim, a relação SE indeterminado/SE passivo parece ser aquela que, neste âmbito, tem reunido mais atenções (Matos e Duarte, 1986; Martins, 2003a; Correia, 2003; Miguel, 2006).

3.1 Natureza e complexidade

Será porventura difícil encontrar na nossa língua um elemento tão pequeno que ofereça uma tal variedade de usos como acontece com SE⁴. E de imediato

⁴ A título de curiosidade, no *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, que utilizamos neste trabalho para a análise de estruturas com SE em PE, este clítico representa um pouco mais de 0,5% de todas as ocorrências, o que não deixa de ilustrar a alta frequência deste elemento, deixando adivinhar a multiplicidade de funções por ele desempenhadas.

encontramos uma primeira dificuldade no que diz respeito à classificação deste elemento. Frequentemente designado por pronome átono, escolhemos aqui não usar esta denominação, pois, como veremos adiante, a aceção comum de pronome não se aplica a todas as realizações de SE. O facto de surgir sempre junto do verbo, mas com mobilidade, podendo estar em posição proclítica, mesoclítica ou enclítica, e também de não influenciar o acento do “hospedeiro”, dificulta a conceção de que se trata de um afixo verbal, referida, por exemplo, em Mendicoetxea (1999: 1649-1652). Por outro lado, este elemento prosodicamente fraco também não é propriamente um pronome, no sentido de substituir um sintagma nominal. Os diferentes valores que assume aproximam-no em algumas realizações das características do pronome, quando se trata de um SE reflexivo ou recíproco, por exemplo, mas já um SE inerente terá mais semelhanças com um afixo verbal.

Assim sendo, preferimos a designação de clítico, que se aplica de forma mais genérica aos vários usos de SE. Um clítico caracteriza-se pela sua posição de certa forma intermédia entre a palavra e o afixo – “neither clearly independent words nor clearly affixes” (Zwicky, 1977: 1). Zwicky estabelece uma divisão em três classes de clíticos – *special clitics*, *simple clitics* e *boundwords*. SE inclui-se nesta primeira categoria, a dos clíticos especiais: “Cases where an unaccented bound form acts as a variant of a stressed free form with the same cognitive meaning and similar phonological makeup.” (Zwicky, 1977: 3). Duarte, Matos, Gonçalves e Ribeiro (2001) abordam, para o português, os clíticos especiais, que se caracterizam por ocorrerem numa “ordem não canónica”, por exibirem uma “posição móvel relativamente ao seu hospedeiro” “categorialmente fixo, o núcleo verbal” e por apresentarem “propriedades fonológicas idiossincráticas”.

Podemos considerar que SE é uma forma que pode desempenhar múltiplas funções e que, ao contrário de outros clíticos, não possui marcação de género nem de número (e.g.: *o/a/os/as*, *lhe/lhes*), estando apenas marcado para a 3.ª pessoa. Historicamente, o uso do clítico SE estendeu-se progressivamente a vários tipos de construções sem que isso implicasse a perda de usos anteriores, ou seja, SE foi sempre somando funcionalidades à medida que a língua portuguesa se desenvolvia, estendendo progressivamente o tipo de verbos com que se combinava (cf. Naro, 1976;

Martins, 2003a). A multifuncionalidade de SE também se deverá aos poucos traços de marcação que possui, à semelhança do que observa Grimshaw para o italiano *sí*:

“The observation that the impersonal subject clitic is the same as the reflexive clitic has been a puzzling one: what do they have in common? [...] what they have in common is not some elusive reflexivity or other syntactic/ semantic property, but the simple absence of morphosyntactic detail.” (Grimshaw, 1997: 8-9)

Além disto, dada a sua polivalência, SE atua nas interfaces da gramática, tendo realizações em que possui um peso sintático e uma realização argumental (*e.g.*: reflexivo) e outras em que não tem qualquer função argumental, comportando-se como um afixo do verbo junto ao qual aparece (*e.g.*: anticausativo).

3.2 Tipos de SE

Segundo Brito, Duarte e Matos (2003b), cuja classificação adotamos neste trabalho, SE possui seis utilizações diferentes em português, o que não deixa de ser notável, sobretudo para uma partícula tão dependente, que está subordinada fonológica e sintaticamente a um verbo⁵. Nas frases (1) a (6) estão presentes os vários SE, cujas características analisaremos com maior detalhe no decurso deste capítulo.

- | | |
|--|-----------------|
| (1) Ele viu- se ao espelho. | → Reflexivo |
| (2) Eles abraçaram- se efusivamente. | → Recíproco |
| (3) Trabalhou- se muito neste projeto. | → Indeterminado |
| (4) Guardaram- se muitos livros no sótão. | → Passivo |
| (5) A porta fechou- se . | → Anticausativo |
| (6) O Carlos queixou- se do colega. | → Inerente |

As várias estruturas com SE que iremos seguidamente apresentar evidenciam a polifuncionalidade deste clítico, que, no seio de estruturas tão diversificadas, apresenta propriedades bem diversas. Em primeiro lugar, nas construções passivas e indeterminadas, o SE é sempre SE, traduzindo uma ausência de pessoa, ao passo que

⁵ O espanhol possui ainda um SE aspetual, inexistente no português – *Juan se comió una manzana*.

nas restantes é mais claramente a realização da 3.^a pessoa e pode alternar com as formas de 1.^a e 2.^a pessoa (*me, te, nos, vos*). Além disso, o seu estatuto argumental e a sua relação com a transitividade das estruturas também é variável. A tabela que se segue, de Ribeiro (2011), apresenta de forma resumida os traços destes vários tipos de SE, permitindo-nos ter uma visão geral das suas várias realizações. A autora distribui os clíticos por quatro grupos: anafórico (reflexo e recíproco), impessoal (indeterminador e apassivador), decausativo (que corresponde ao que neste trabalho designamos anticausativo) e inerente.

	SE anafórico		SE impessoal		SE	SE
	reflexo	recíproco	indeterminador	apassivador	decausativo	inerente
Estatuto argumental	+	+	+	+	—	—
Manifestação do argumento externo	—	—	+	+	—	—
Manifestação do argumento interno	+	+	+	—	—	—
Referência dependente e definida	+	+	—	—	—	—
Referência autónoma e indeterminada	—	—	+	+	—	—
Operador diatésico	—	—	—	+	—	—
Marcador diatésico	—	—	—	—	+	—

Tabela 1. Síntese dos traços prototípicos dos vários usos de SE – Ribeiro, 2011: 276

Excetuando o decausativo e o inerente, todos os outros clíticos são argumentais: o reflexo e o recíproco substituem o argumento interno e são referencialmente dependentes, ao passo que o indeterminador e o apassivador são manifestações mais ténues do argumento externo (ou interno, no caso de SE indeterminador combinado com verbos inacusativos). Finalmente, no que toca à diátese, ao esquema relacional da frase, SE passivo provoca uma mudança de ativa para passiva, enquanto SE decausativo, por não ser sempre obrigatório, não opera a alternância causativa, apenas a marca.

E mesmo no seio desta classificação, será de realçar que alguns destes tipos de SE apresentam também comportamentos internos diferenciados que vale a pena

analisar. Com esta descrição mais pormenorizada daremos conta não só da amplitude de comportamentos deste clítico, mas encontraremos já alguns indícios que poderão justificar índices de variação mais acentuados numa estrutura do que noutras.

3.2.1 SE Reflexivo

O SE reflexivo ocorre em estruturas em que o sujeito do verbo pratica uma ação sobre si próprio. É de natureza anafórica e tem como referência definida o sujeito; pode ser redobrado através de expressões como *a si mesmo/próprio*.

(7) A Mariana_i enxugou-se_i.

(8) A Mariana enxugou-se *a si mesma*.

Ocorre com verbos transitivos, diretos (9) ou indiretos (10), que selecionam um Agente ou Experienciador para o argumento externo, e um Tema ou Beneficiário para o argumento interno⁶. A particularidade destas construções é a sobreposição de papéis, pois a ação recai sobre o próprio Agente/Experienciador, que adquire simultaneamente funções de Tema/Beneficiário.

(9) A Ana cobriu-se rapidamente.

(10) O Carlos perguntou-se a razão daquela resposta.

Existem várias posições acerca do estatuto argumental deste SE (e também de SE recíproco). Para Brito, Duarte e Matos (2003b), ocupa uma posição argumental, materializa a função de objeto direto ou indireto, pelo que os verbos destas construções são transitivos. Reinhart (2000), com base em dados do holandês, considera estas estruturas como inergativas, sendo o SE um vestígio da redução do argumento interno, posição análoga à de Dobrovie-Sorin (2005). Aliás, são várias as propostas teóricas acerca da (não) argumentalidade deste SE, bem como da transitividade, inergatividade ou inacusatividade das estruturas em que aparece (cf. Alboui, Barrie e Fregeni, 2004: 2; Ribeiro, 2011: 90). Ribeiro (2011) efetua vários testes que apontam para uma maior plausibilidade da argumentalidade de SE e para a

⁶ Usamos neste trabalho essencialmente quatro papéis temáticos, Agente, Experienciador, Causa e Tema, com referências pontuais a outros pertinentes. Seguimos Ribeiro, 2011 (29-35), que selecionou e caracterizou estes papéis por serem os mais relevantes e adequados para a descrição de estruturas de SE.

hipótese transitiva, nomeadamente através da distribuição paralela entre SE (11) (13) e os clíticos de OD/OI (12) (14) e a agramaticalidade de frases como (15) e (16), que exemplificam a impossibilidade de coocorrência de SE com objeto direto ou indireto.

(11)A Ana cobriu-se rapidamente.

(12)A Ana cobriu-**a** rapidamente.

(13)O Carlos perguntou-se a razão daquela resposta.

(14)O Carlos perguntou-**lhe** a razão daquela resposta.

(15)*A Mariana cobriu-se a filha rapidamente.

(16)*O Carlos perguntou-se ao Mário a razão daquela resposta.

Assim, na linha de Ribeiro (2011) e também de Brito, Duarte e Matos (2003b), consideramos SE reflexivo, tal como SE recíproco, clítico argumental.

3.2.2 SE Recíproco

SE pode ocorrer numa das várias construções recíprocas que o PE permite. A reciprocidade pode ser manifestada por meio de verbos inerentemente recíprocos, por expressões adverbiais ou ainda expressões como *um com o outro*, *um ao outro*, podendo estas últimas coocorrer com a construção recíproca pronominal.

(17)Eles_i beijaram-se_i um ao outro_i apaixonadamente.

As construções pronominais recíprocas têm como característica fundamental a presença de pelo menos duas entidades que estabelecem entre si uma ação mútua. Assim, há uma fusão entre Agente e Tema, pois as entidades envolvidas nesta ação recíproca, que tem um movimento de “vaivém”, trocam constantemente de papel e ora praticam, ora sofrem a ação.

(18)O João e a Ana abraçaram-se.

a) = O João abraçou a Ana.

b) = A Ana abraçou o João.

Existem exemplos de reciprocidade em que não existe uma bidirecionalidade, como em (18), mas sim uma linearidade, ou seja, os elementos não praticam a mesma ação ao mesmo tempo, mas sim em sequência, por exemplo com verbos como

suced-se ou *alternar*-se. No seguimento de autores como Lagendoen (1978), Bosque (1985), Branco (1990) e Hernandez (2010), estas estruturas, apesar de não serem semanticamente recíprocas, como sucede com verbos como *beijar-se*, *conhecer-se*, *cumprimentar-se*, têm sintaticamente o mesmo comportamento e devem, portanto, ser analisadas no grupo das construções recíprocas.

Este SE recíproco partilha algumas propriedades com o SE reflexivo, pela sua natureza anafórica e pelo comportamento próximo em termos argumentais. Assim, as diferentes posições no que toca à argumentalidade do recíproco são bastante semelhantes àsquelas que referimos para o reflexivo.

3.2.3 SE Indeterminado

As estruturas de SE indeterminado possuem um sujeito arbitrário, sem referência definida, que remete para um conjunto de pessoas não especificado (*alguém*, *todos*, *toda a gente*). Salvo em casos bastante específicos, por exemplo literários e metafóricos, o sujeito terá de ser humano.

(19) Come-se bem neste restaurante. = Toda a gente / a maioria das pessoas come bem neste restaurante.

O verbo está na 3.^a pessoa, por ser esta a não marcada, por ser interpretada como a não-pessoa, sem referência específica. Para Brito, Duarte e Matos (2003b), trata-se de um SE nominativo, através do qual se manifesta reduzidamente o sujeito frásico. É, portanto, um clítico argumental, que surge na sequência da indeterminação do argumento externo (ou interno nos verbos inacusativos, cf. Tabela 1).

Já quanto a restrições de predicado, quase todos os verbos permitem este tipo de construção, como demonstram as frases (20) a (25) (excetua-se verbos de sujeito expletivo ou estruturas com outros tipos de SE – cf. Afonso, 2006: 46-52).

- | | |
|--|----------------------------|
| (20) <u>Nasce</u> -se pouco em Portugal. | Intransitivo (inacusativo) |
| (21) <u>Chora</u> -se muito nos casamentos. | Intransitivo (inergativo) |
| (22) <u>Vê</u> -se demasiada televisão. | Transitivo Direto |
| (23) Nesta empresa <u>telefona</u> -se muito aos clientes. | Transitivo Indireto (OI) |

(24) Aqui gosta-se muito de sardinha.

Transitivo Indireto (OP)

(25) Em algumas situações fica-se nervoso.

Copulativo

A construção de SE indeterminado tem alguns pontos de contacto com a de SE passivo, tendo, segundo autores como Naro (1976) e Martins (2003a), a primeira derivado da segunda. Em alguns casos uma mesma frase pode receber as duas interpretações e só a concordância estabelecerá a diferença. No entanto, como teremos oportunidade de aprofundar, a proximidade entre estas estruturas provoca variações no que diz respeito à concordância, o que coloca algumas questões sobre o enquadramento das construções com estes dois tipos de SE na norma-padrão.

3.2.4 SE Passivo

O português não tem morfemas verbais que expressem a passiva; o verbo é, por defeito, ativo e precisa de elementos externos à sua estrutura para exprimir a voz passiva. Esta construção só ocorre com verbos transitivos, dada a passagem necessária do objeto direto da ativa a sujeito da passiva, com a particularidade de o sujeito passivo assumir tipicamente o papel de um Tema.

A passiva manifesta-se de duas formas: a passiva sintética com SE (27), em que o agente da passiva, sujeito na ativa, não está presente na frase, e a passiva perifrástica (28), sem SE, tendo o verbo *ser* como auxiliar e o verbo principal no particípio passado, com possibilidade de explicitação do agente.

(26) A equipa cumpriu as metas estabelecidas.

(27) Cumpriram-se as metas de vendas estabelecidas.

(28) As metas estabelecidas foram cumpridas pela equipa.

Na passiva sintética, podemos dizer que se dá uma redução de transitividade, pois o Tema passa a ocupar uma posição de tópico, enquanto o Agente desaparece formalmente da frase. Devido à incompatibilidade entre este clítico e a explicitação do agente da passiva, Ribeiro (2011) entende que o SE passivo tem uma posição argumental correspondente ao argumento externo, mas de uma forma atenuada, por não permitir a identificação do seu referente.

(29)*Cumpriram-se as metas pela equipa.

Brito, Duarte e Matos (2003b) perspetivam este SE como um marcador passivo que absorve o argumento externo. Já para Mendicoetxea (1999), na passiva sintética, o verbo deixa de se comportar como transitivo e apresenta características de inacusativo, deixando o argumento externo de estar presente e o argumento interno passa de caso acusativo para nominativo. A típica posição pós-verbal dos sujeitos de passivas sintéticas é também um comportamento que as aproxima de estruturas inacusativas.

Parece-nos pertinente fazer aqui uma breve referência ao SE médio, designação que surge com frequência, nomeadamente na literatura espanhola relativa aos tipos de SE (Mendicoetxea, 1999; Lopez, 2002; Vergara, 2006; Bosque e Rechax, 2009), mas também a propósito do português (Duarte, 2003b: 536-538). A referência a SE médio surge com dois grandes sentidos: uma noção mais ampla em que construções médias incluem vários tipos de construções com SE, variando de autor para autor, e outra mais restrita, em que se fala de voz, apresentando semelhanças com a voz passiva.

Nesta última aceção, referida por Mendicoetxea (1999), “*el se medio-pasivo convierte um verbo transitivo que denota una realización en un verbo estativo o imperfetivo que denota una propiedad.*” (p. 1663). A construção com SE médio não é compatível com uma referência específica de tempo (30), só ocorre com tempos verbais que permitem uma interpretação genérica e surge frequentemente com um modificador adverbial que indique modo (*facilmente, depressa, bem*, etc.) (31). Indica uma propriedade do sujeito e não uma ação.

(30) Engomou-se este casaco na semana passada. [SE passivo]

(31) Este casaco engoma-se bem. [SE médio]

Duarte (2003b: 536-538) acrescenta ainda que o argumento externo sofreu uma operação lexical de saturação, manifestando-se morfologicamente como o clítico SE. Visto que as diferenças entre ambas as construções são relativamente ténues e assentam sobretudo num carácter de genericidade, não consideraremos este SE de forma independente.

3.2.5 SE Anticausativo

SE anticausativo, como a própria denominação indica, ocorre em estruturas não causativas, isto é, surge junto a verbos que permitem duas construções, uma causativa (32) e outra não causativa (33).

(32)A chuva molhou a roupa.

(33)A roupa molhou-se.

Na estrutura causativa os verbos comportam-se como transitivos e possuem dois argumentos, um externo com a função de Causa e um interno com a função de Tema ou Experienciador. Trata-se de eventos com causa externa, em que o sujeito desencadeia uma mudança sofrida pelo objeto direto. Na realização não causativa, em posição de sujeito surge então o argumento interno, daí podermos classificar estas estruturas como inacusativas.

A Causa pode estar expressa como adjunto (34), portanto o SE não substitui argumentalmente esse elemento, ao contrário do que verificámos nas estruturas de SE passivo, incompatíveis com o sintagma-*por*.

(34)A roupa molhou-se com a chuva/*por causa da chuva*.

Havendo estas duas estruturas, será pertinente questionarmo-nos sobre se existe apenas uma entrada lexical para a realização causativa e para a realização anticausativa. Segundo Brito, Duarte e Matos (2003: 517), dever-se-á adotar a posição de Reinhart (2000) e seguir o princípio de Uniformidade Lexical:

“Lexicon Uniformity Principle.

Each verb-concept corresponds to one lexical entry with one thematic structure. --->
The various thematic forms of a given verb are derived by lexicon-operations from one thematic structure.”
(Reinhart, 2000: 5)

Assim, nestas estruturas de alternância causativa estamos perante realizações do mesmo verbo que mantêm o mesmo sentido, apenas se alterando a estrutura argumental. Para que derivem diferentes estruturas de uma mesma entrada lexical, será necessário o efeito de uma operação de transformação, neste caso de Redução do argumento externo. Este pressuposto está de acordo com a denominação

causativa/anticausativa: uma deriva da outra. O processo de Redução dar-se-á ao nível do léxico a não ser que haja um clítico presente e assim será uma redução sintática, em que o clítico absorverá o caso reduzido (Reinhart, 2000: 65).

À semelhança das considerações de Sánchez López (2002) e Ribeiro (2011), parece-nos pertinente distinguir dois subtipos de estruturas anticausativas, consoante os papéis temáticos envolvidos. Assim sendo, temos verbos de mudança de estado ou posição (Sánchez López, 2002)/mudança de estado físico (Ribeiro, 2011), que possuem como argumento interno um Tema (35)-(36), e verbos de reação emocional (Sánchez López, 2002)/mudança de estado psicológico (Ribeiro, 2011), com argumento interno Experienciador (37)-(38). Enquanto, no primeiro caso, o argumento interno está completamente à mercê da causa externa, no segundo caso é “un ente animado que no controla el proceso que se produce en él, pero sobre el que tiene un cierto nivel de responsabilidad” (Sánchez López, 2002: 94).

(35)O calor estragou a sopa.

(36)A sopa_{Tema} estragou-se.

(37)A Isabel aborreceu a Ana.

(38)A Ana_{Exp} aborreceu-se.

Não poderemos afirmar que o clítico funciona nas estruturas anticausativas como intransitivizador, inibindo a realização completa da estrutura argumental do verbo, isto porque ele nem sempre está presente (conforme considera Ribeiro, 2011, ao classificar este SE como marcador e não operador de diátese – cf. Tabela 1). Deste modo, teremos de efetuar outra subdivisão em termos de comportamento: SE obrigatoriamente presente (39), SE obrigatoriamente ausente (40) e SE opcional (41).

(39)A trovoada amedrontou os meninos.

(a) *Os meninos amedrontaram.

(b) Os meninos amedrontaram-se.

(40)A comida rápida engordou as crianças.

(a) As crianças engordaram.

(b) *As crianças engordaram-se.

(41)O calor descongelou a carne.

(a) A carne descongelou.

(b) A carne descongelou-se.

O conjunto de verbos em que SE é facultativo não está, no entanto, claramente definido. A distinção há pouco feita entre verbos de mudança de estado físico ou psicológico é importante quanto a esta presença ou ausência do clítico, visto que é fundamentalmente nos verbos de mudança de estado físico que existe variação. Muitos destes verbos, como *derreter*, *evaporar*, *afundar*, etc., apresentam realizações com e sem o clítico, enquanto os verbos de natureza psicológica não evidenciam variação significativa.

3.2.6 SE Inerente

O clítico SE inerente ocorre em formas verbais que estão registadas no léxico com o SE, ou seja, em que o clítico constitui uma parte integrante da sua entrada lexical. Também podem ser chamadas de estruturas reflexivas intrínsecas (Otero, 1999), por oposição às extrínsecas, de natureza sintática, a que nos referimos neste trabalho simplesmente como reflexivas. Na mesma linha de análise, surgem também classificadas como pseudorreflexas (Fonseca, 2010). São estruturas em que se deu um processo de gramaticalização do clítico; de todos os SE, este é, portanto, aquele que tem um comportamento não argumental e mais similar ao de um afixo.

(42)O João arrependeu-se do que fez.

Todavia, o comportamento dos verbos com SE inerente não é homogêneo. Podemos estabelecer a seguinte subdivisão:

- verbos que só podem ocorrer com o clítico: *arrepender-se*, *queixar-se*, *suicidar-se*, *portar-se*, *vangloriar-se*...

(43)O Marco queixou-se das condições de trabalho.

(44)*O Marco queixou das condições de trabalho.

- verbos com opcionalidade de clítico: *rir(-se)*, *casar(-se)*

(45)O Marco riu-se bastante durante o filme.

(46)O Marco riu bastante durante o filme.

- verbos com alternativa transitiva: *lembrar(-se)*, *decidir(-se)*, *debater(-se)*, *despedir(-se)*

(47)O Marco recusou fazer o trabalho.

(48)O Marco recusou-se a fazer o trabalho.

Centremos a nossa atenção neste último tipo de SE inerente. Existem duas possibilidades de estrutura: sem o clítico requer-se um argumento interno com caso acusativo (47) e com o clítico um argumento interno preposicionado (48). Estas alternâncias podem ter diferenças semanticamente ténues, como em (49) e (50), ou, pelo contrário, podem implicar alterações de sentido evidentes, como em (51) e (52). Não raras vezes, a existência de duas estruturas diferentes para um mesmo verbo e um mesmo sentido (ou muito similar) poderá levar a interferências entre as construções.

(49)O Marco resolveu-se a ir embora.

(50)O Marco resolveu ir embora.

(51)O Marco empenhou-se no trabalho.

(52)O Marco empenhou o relógio.

Estas estruturas de SE que possuem uma realização alternativa sem o clítico são também denominadas antipassivas (Bogard, 1999). A antipassiva é uma estrutura recorrente em línguas ergativas⁷, todavia o autor considera que existe para o espanhol uma estrutura equivalente. Assim, ao passo que na passiva é o Agente que enfraquece e pode ser omitido (obrigatoriamente na passiva sintética, sob a forma de um sintagma preposicional na passiva perifrástica), na antipassiva é o Tema que sofre esse enfraquecimento, podendo ser omitido em alguns contextos (54) ou, mais frequentemente, ocorrer sob a forma de um sintagma preposicionado (55). Em

⁷ Nas línguas ergativas há uma equivalência sintática entre o sujeito de verbos intransitivos e o objeto de verbos transitivos, contrariamente à equivalência entre sujeitos de verbos transitivos e intransitivos, típica das línguas nominativas-acusativas, como é o caso do português.

ambos os casos, é a presença de SE que determina estas diferentes realizações argumentais.

(53)O António já decidiu mudar de emprego.

(54)O António já se decidiu.

(55)O António já se decidiu a mudar de emprego.

3.3 Síntese

Verifica-se, assim, que este clítico SE é particularmente polifuncional, apresentando ocorrências de natureza claramente argumental e referencialmente dependente, como é o caso de SE reflexivo e SE recíproco, outras de carácter mais autónomo, como SE indeterminado e passivo, e ainda não argumentais e lexicalmente marcadas, caso de SE anticausativo e inerente. Esta diversidade de funções e de estruturas possibilita também uma assinalável multiplicidade de casos de variação, nomeadamente nos clíticos que não têm peso argumental ou que influenciam as estruturas sintáticas em que ocorrem.

4 VARIAÇÕES DE SE

A partir de observações pontuais na bibliografia citada e de dados empíricos decorrentes do trabalho de revisão de texto, constatámos que existem alguns casos relevantes de variação em estruturas com SE. Destacamos essencialmente três casos que parecem ser suficientemente frequentes para merecerem um estudo mais aprofundado, por, em graus variáveis, serem suscetíveis de gerar dúvidas a um consultor/revisor: a proximidade entre SE indeterminado e SE passivo, a presença ou queda de SE anticausativo e também de SE inerente.

4.1 SE passivo vs. SE indeterminado e a concordância em número

As construções de SE passivo e indeterminado apresentam semelhanças entre si e nem sempre é fácil distingui-las. Em ambas, o objeto afetado pela ação aparece em destaque, omitindo-se o agente. Segundo Ana Maria Martins (2003), não havendo em português equivalentes diretos da morfologia verbal passiva latina, surge, ainda nos primórdios do português, a construção passiva sintética, que combina o verbo na ativa com SE, ocorrendo com frequência durante todo o período medieval: “a sua natureza passiva é evidenciada pela limitação do âmbito da construção aos verbos transitivos, pela concordância obrigatória entre o verbo e o seu argumento interno, que assume o papel de sujeito gramatical, e pela expressão opcional do agente.” (p. 20). Por volta do século XV surgem construções sem concordância, ou seja, de sujeito indeterminado, que parecem resultar de um “processo de reanálise da construção de se passivo.” (p. 22).

Verbos que não regem preposição permitem livremente as construções de SE indeterminado e SE passivo. Visões mais conservadoras afirmarão que a única interpretação possível será a passiva, dado que a construção de sujeito indeterminado não seria compatível com verbos transitivos diretos. Esta posição, várias vezes repetida a propósito do verbo *vender* é, por exemplo, veiculada por Cunha e Cintra (1984: 309):

“Em frases do tipo: Vendem-**se** casas.

Compram-**se** móveis.

Consideram-se *casas* e *móveis* os sujeitos das formas verbais *vendem* e *compram*, razão por que na linguagem cuidada se evita deixar o verbo no singular.”

Todavía, este género de construcciones é atualmente aceite por muitos autores, como Peres e Mória (1995: 237), que não veem objeções à aceitação de uma estrutura já tão utilizada. Amaya Mendicoetxea considera que estas construcciones com verbos transitivos em que não há acordo não são de sujeito indeterminado mas sim passivas – “considerando así el giro no concertado (*Se vende botellas*), no como una oración impersonal, sino como una ‘variante’ de las oraciones de pasiva con *se* (*Se venden botellas*)” (Mendikoetxea, 1999: 1677) –, em que a concordância não se dá por fatores como a coordenação de sintagmas nominais, o distanciamento entre verbo e sintagma nominal e o tipo de verbo. Também Naro refere a posição do sintagma nominal como um elemento favorável a um aumento da não concordância com verbos transitivos:

“[...] most of the individual differences between the passive with deleted agent and the impersonal are too subtle to provoke significant reaction. [...] it is quite possible that members of the older generation would not realize that an error, from their point of view, had been committed here, because they would not even hear the plural subject until after they had already accepted the singular verb.”

(Naro, 1976: 804)

A posição pós-verbal do sintagma facilita a sua interpretação como um objeto direto, daí que encontremos tanto uma construcción como outra em casos em que os falantes provavelmente querem dizer o mesmo. Dada a significativa aceitabilidade destas estruturas de verbo + SN, não nos debruçaremos sobre elas.

Todavía, existem outras estruturas deste género, na fronteira entre SE passivo e indeterminado, que evidenciam a interferência de estruturas. A grande maioria dos verbos permite SE indeterminado e, portanto, conjuga-se no singular; não será particularmente nestes casos que encontraremos estruturas mais problemáticas, mas sim quando existe concordância no plural, em que parece haver uma interpretação passiva com verbos ou sequências de verbos que nem sempre a permitem.

“Las construcciones impersonales con *se* y verbos transitivos plantean cuestiones específicas por su posible solapamiento con las construcciones pasivas. La confusión entre una y otra clase de *se* – impersonal y pasivo – hace que presenten un alto grado de inestabilidad.”

(López, 2002: 35)

Assim sendo, centraremos as nossas atenções em casos de concordância com objetos preposicionados (e.g.: *precisa(m)-se de*), com completivas finitas (e.g.: *considera(m)-se que*) e também com sintagmas nominais em construções como *deve(m)-se comprar os livros*, em que não é facilmente perceptível o grau de dependência sintática de estruturas não finitas introduzidas por verbos de diferentes classes (*dever, querer, pretender, mandar*, etc.).

4.2 Alternância causativa

A variação com SE anticausativo prende-se essencialmente com a presença ou ausência do clítico. Têm sido levados a cabo alguns estudos a propósito do PB nesta matéria, havendo uma tendência para a queda de SE crescente e superior à do PE:

“Como vimos, o uso obrigatório do *se* com formas incoativas no PB, de fato, deixou de ser um processo puramente gramatical e passou a ser condicionado por fatores relativos à possibilidade de ambiguidade na interpretação do sujeito da forma incoativa. Portanto, para estes casos, de fato, devemos presumir que o clítico *se* é inserido independentemente do processo básico, que é o da formação incoativa sem o *se*.”

(Ribeiro, 2010: 108)

Segundo este autor, a presença de SE não é a ocorrência por defeito e surge fundamentalmente para eliminar ambiguidades, ou seja, quando o verbo admite que tanto a Causa como o Tema/Experienciador sejam animados e, portanto, possam ser à partida sujeito tanto de uma estrutura causativa como de uma estrutura anticausativa.

(56) O João assustou-se.

(57) O João assustou a Maria.

Ainda para Ribeiro (2010), com um elemento não animado, ainda que não seja um fator impeditivo, são menores as possibilidades de que ocupe esta dupla função:

(58) A água evaporou-se.

(59)*A água evaporou o álcool.

É com os verbos que se constroem com Experienciador que estes elementos com traços animados normalmente ocorrem. Efetivamente, verbos psicológicos de

alternância causativa não costumam evidenciar queda de SE, como se pode verificar em Ribeiro (2010: 95-96), não se verificando relativamente a esses verbos diferenças assinaláveis entre PB e PE. Amália Mendes faz uma constatação semelhante:

“A predominância do sentido psicológico parece ser determinante para a ocorrência da construção anticausativa pronominal, sendo que o verbo na forma pronominal é mais frequente quando o sujeito é de tipo humano.”

(Mendes, 2004: 54)

Assim sendo, e face aos elementos fornecidos pela bibliografia consultada, não nos parecem relevantes para o nosso estudo verbos de alternância causativa que se constroem com Experienciador. Deste modo, é com os verbos de mudança de estado físico que é frequente encontrarmos variação quanto à presença de clítico:

(60) [...] preparavam-se para jantar à mesa do capitão quando o navio **se afundou** em 1912. (CRPC)

(61) Nós estávamos a cerca de 50 metros de Montrouis quando o navio **afundou**. (CRPC)

(62) [...] pede uma gota de verniz para a meia que **se rompeu** [...] (CRPC)

(63) [...] muitas dessas fibras, e são milhões, **rompem**. (CRPC)

(64) A porta **abre-se**, e o Palma aparece de espingarda nas mãos. (CRPC)

(65) Subiram os foguetes, as portas da capela **abriram**, os andores saíram [...] (CRPC)

Para Sílvia Ribeiro, esta presença/queda de SE será uma questão de variação em que é difícil encontrar regularidades:

“(...) talvez possamos procurar a justificação para esta opcionalidade de SE na própria variação da língua. Por um lado, a perda de SE decorre, em nosso entender, do carácter menos reflectido do uso da língua. Em contextos menos formais e mais oralizantes o falante pode ter tendência a deixar cair o clítico. Quando os enunciados resultam de reflexão prévia, é mais difícil que este elemento seja omitido.”

(Ribeiro, 2011: 251)

Sendo provável que em muitos casos haja realmente uma simples facultatividade, numa situação de revisão interessará ser o mais preciso possível e, portanto, procuraremos apurar se existem diferenças assinaláveis entre verbos e se é possível identificar alguns contextos específicos que favoreçam a ausência do clítico.

4.3 SE inerente

Como foi referido no capítulo anterior, os verbos com SE inerente apresentam alguma diversidade de comportamentos. Iremos focar a nossa atenção em dois subtipos de verbos com SE inerente, que poderão ser propensos a variação.

Alguns verbos, como *lembrar*, *esquecer* e *recordar*, podem integrar uma estrutura antipassiva, apresentando argumentos de diferente natureza consoante a presença ou ausência do clítico inerente, com ligeiras mudanças semânticas:

(66) O Bruno **lembrou-se da** viagem de finalistas com saudade. V_{SE} de SN

(67) O Bruno **lembrou** a viagem de finalistas com saudade. V SN

Assim, em PE, o verbo com clítico combina-se com um argumento preposicionado, enquanto o verbo sem clítico se combina com um argumento não preposicionado. Já o PB admite o argumento preposicionado, mesmo sem o clítico:

(68) O Bruno **lembrou da** viagem de finalistas com saudade. V de SN

Antes de completiva não finita o PB continua a oferecer estas duas possibilidades, enquanto o PE apenas admite o verbo com clítico seguido de preposição:

(69) A Rita **lembrou-se de** trazer os copos. (PE/PB)

(70) A Rita **lembrou de** trazer os copos. (PB)

Todavia, note-se que esta combinação em PB, apesar de bastante corrente, não é ainda aceite unanimemente, como se percebe pela nota do *DHLP*, na entrada de *esquecer*:

“a construção *esquecer de (algo ou de fazer algo)* é comum na língua falada coloquial brasileira e tb. muito us. na literatura escrita, embora alguns gramáticos a condenem (p.ex.: *esqueci do seu livro; esqueci de comprar os ingressos*)”

Assim sendo, analisaremos com maior detalhe a possibilidade de queda de clítico antes de SN e completiva não finita, em PE e PB, com o objetivo de verificar se existe variação relevante em PE⁸ e quais as diferenças em relação a PB.

⁸ Estes verbos apresentam múltiplas estruturas, algumas não conformes com a norma; muitas estão identificadas em Pereira (2012: 228): V_{SE}(dat.) de INF (“Eu lembra-me de ver semear trigo à enxada”), V_{SE} SN (“Eu não me lembro bem a canção”), V_{SE} INF (“...este senhor que se lembrou levar uma garrafa de água...”). Dados os limites do nosso trabalho, focamos a nossa atenção em construções menos associadas a variação dialetal, preferindo as que mais provavelmente ocorrerão num contexto formal, de consultoria/revisão.

Outro aspeto de relevo diz respeito à queda da preposição em verbos com SE inerente, havendo uma mudança de um argumento preposicionado para um não preposicionado. Estamos, portanto, perante casos de *queísmo* (Duarte, 2003c: 617-620), que podem ser encontrados em estruturas com inúmeros verbos, além dos pronominais.

(71) A Ana **esqueceu-se de que** ainda faltava um exame.

(72) A Ana **esqueceu-se que** ainda faltava um exame.

Nem só as completivas iniciadas por *que* apresentam variação, podendo também verificar-se oscilação da presença da preposição antes de interrogativas parciais:

(73) Lembras-te **quanto** custou o computador?

(74) Lembras-te **de quanto** custou o computador?

Todos os casos até agora referidos apresentam possibilidade de variação quanto ao clítico inerente e ao tipo de argumento selecionado, pois trata-se de verbos com uma alternativa transitiva. Todavia, alguns verbos de SE inerente têm, aparentemente, a possibilidade de ocorrerem com o clítico (75) ou sem ele (76), sem que daí decorram quaisquer alterações da estrutura argumental:

(75) O público **riu** bastante durante o espetáculo.

(76) O público **riu-se** bastante durante o espetáculo.

Na sequência do que sucede com SE anticausativo, importa verificar se existe algum contexto propício à presença/queda do clítico com estes verbos ou se são verdadeiros casos de simples facultatividade.

5 ESTUDO

5.1 Metodologia

Visto que foram analisadas estruturas de diferente natureza e com fenómenos de variação diversos, apontaremos aqui uma linha metodológica geral, seguida de procedimentos específicos para cada um dos casos. Em termos genéricos, todos os contextos foram alvo de pesquisa no *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*⁹. Por ser um *corpus* na sua grande maioria composto por textos escritos provenientes da imprensa e do texto jurídico, parece-nos ser uma fonte adequada, pois enquadra-se no tipo de dados com que um consultor/revisor tem de lidar. As pesquisas foram feitas primordialmente em relação à variedade do PE. Necessitámos também de pesquisar dados sobre o PB, mas como não conseguimos obter dados em quantidade significativa no CRPC, para esse efeito recorreremos ao *corpus* NILC/São Carlos¹⁰, que contém textos brasileiros do registo jornalístico, didático e epistolar, o que se adequa aos nossos objetivos.

Em termos globais, os dados foram analisados quantitativamente, explicitando-se as diferentes frequências de ocorrência e tentando identificar padrões, e também qualitativamente, de forma a ilustrar o comportamento de algumas destas estruturas. Para cada caso de variação foi constituído um conjunto de formas verbais relevantes a pesquisar, com base nos vários exemplos/listas presentes na bibliografia utilizada.

Procedemos também à análise da informação contida nos instrumentos de normalização quanto aos casos abordados. Assim, ao longo deste trabalho consultámos três dicionários, além de outras fontes consideradas relevantes. Os dicionários são diversos: *Dicionário Editora da Língua Portuguesa*, da Porto Editora (DELP), mais generalista, usado pelo grande público, *Dicionário Houaiss* (DHLP) (sem esquecer a comparação entre as versões PE e PB) e *Dicionário Sintático dos Verbos Portugueses* (DSVP), o mais especializado.

Relativamente às estruturas de SE indeterminado, delimitámos um conjunto de verbos preposicionados usados frequentemente com este clítico (*e.g.*: *precisar-se de*,

⁹ <http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/>

¹⁰ <http://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=SAOCARLOS>

tratar-se de, apelar-se a), verificando as ocorrências totais com o verbo no plural. Foram também analisadas estruturas compostas por V_{SE} + V não finito + SN plural; tendo sido escolhidos alguns verbos exemplificativos e analisadas quantitativamente 50 ocorrências de cada. Para encontrar as sequências relevantes recolheram-se sequências de verbo com clítico seguido de verbo não finito em que foi necessário ver caso a caso as formas seguidas de um SN plural, pela ordem aleatória dada pela pesquisa, até perfazer as 50 ocorrências. Esta quantidade deve-se não só à morosa tarefa de procurar os casos seguidos de SN plural um a um, mas também à impossibilidade de encontrar um maior número de exemplos para a maioria dos verbos superiores (apenas os mais frequentes como *dever, poder* ou *querer* apresentam sequências relevantes em número significativamente maior); aliás, alguns verbos nem sequer atingiram as 50 ocorrências. Foi ainda realizada uma análise qualitativa de estruturas de SE com completiva finita.

No que diz respeito a SE anticausativo, selecionámos um conjunto de verbos com um comportamento instável no que toca à presença ou ausência do clítico, com base na bibliografia consultada. Primeiramente, consultámos os instrumentos normativos, para verificarmos a forma como esta variação é tratada. Analisámos também dados de *corpora* para verificar e/ou complementar as informações obtidas nos instrumentos. Procurámos apurar se existe alguma tendência de queda do clítico e se existem contextos que o potenciem e, para isso, recolhemos uma amostragem de realizações não causativas desses verbos, quantificando a frequência do clítico. Estas ocorrências tiveram de ser despistadas uma a uma, de modo a retirar construções causativas, passivas e de sujeito indeterminado, bem como ocorrências dos verbos com sentidos não relevantes (por exemplo, *partir* significando *ir embora*); a extensão da amostragem foi limitada a 50 ocorrências para cada verbo em sentido literal e outras 50 em sentido figurado, distribuição que também foi feita caso a caso; não sendo possível atingir esse número, trabalhamos com um número inferior, desde que minimamente significativo (20-30 ocorrências). Os mesmos verbos foram pesquisados em dados do PB, visto que a bibliografia consultada evidencia uma acentuada tendência para a omissão de SE em muitos contextos anticausativos, pelo que procurámos apurar as semelhanças ou diferenças entre as duas variedades.

Quanto a estruturas com SE inerente, analisámos o comportamento de verbos com dupla realização, pronominal e não pronominal, de sentido bastante similar – *lembrar, esquecer, recordar* – de modo a verificar que interferências poderiam existir em termos de realização argumental, nomeadamente no que diz respeito à queda de preposição e também à queda do próprio clítico. Observámos ainda o comportamento do clítico inerente quanto à sua presença/ausência nos verbos *rir(-se), casar(-se), reunir(-se)* e *sentar(-se)*. Para todas as estruturas em discussão recolheram-se sempre que possível 50 ocorrências em PE e 50 em PB, para cada verbo, as quais foram analisadas quantitativa e qualitativamente, mais uma vez em articulação com os instrumentos de normalização. No caso dos últimos quatro verbos o método é o usado com SE anticausativo (sem distinção entre sentido literal e figurado, por não ser pertinente nestes verbos). Relativamente a *lembrar, esquecer* e *recordar*, foram procurados os lemas dos verbos e foram verificadas algumas centenas de ocorrências, uma a uma, de modo a encontrarmos casos relevantes, até completar 50 ocorrências de cada uma das estruturas em estudo.

5.2 SE indeterminado vs. SE passivo – questões de concordância e definição de domínios oracionais

Conforme já referimos, as estruturas de SE indeterminado e de SE passivo têm uma grande proximidade e são várias as interferências daí decorrentes. Optámos por não abordar a concordância com sintagmas nominais, amplamente discutidas na literatura, mas sim outros casos menos abordados e mais problemáticos para um contexto de consultoria e revisão linguística.

5.2.1 SE indeterminado com objeto preposicionado

Por existir equivalência semântica entre objetos diretos de estruturas indeterminadas e sujeitos de estruturas passivas, encontram-se ocasionalmente sintagmas preposicionados que são analisados pelos falantes como sujeitos, desencadeando a concordância.

(77) Na sua perspectiva, **tratam-se** de "equivocos" que importa esclarecer. (CRPC)

(78) **Precisam-se** rapidamente de "casos de sucesso" claros [...] (CRPC)

(79) Desde o ano passado que **se assistem** a diversas movimentações [...] (CRPC)

Pesquisámos no CRPC vários verbos preposicionados¹¹ que surgem frequentemente com SE e constatámos que são poucas as estruturas em que realmente se observa a variação. As que evidenciaram um número relevante de ocorrências do verbo no plural foram as seguintes:

	Próclise			Ênclise			Total de Plural %
	Construções no Plural	Construç. Total	Plural %	Construções no Plural	Construç. Total	Plural %	
<i>Tratar-se de</i>	179	25019	0,7%	258	23387	1,1%	0,9%
<i>Necessitar-se (de)</i>	4	26	15,4%	4	84	4,8%	10,1%
<i>Precisar-se (de)</i>	41	171	24,0%	10	121	8,3%	16,1%
<i>Assistir-se a</i>	8	1901	0,4%	15	1396	1,1%	0,7%
<i>Recorrer-se a</i>	2	724	0,3%	5	785	0,6%	0,5%

Tabela 2. Estruturas de SE indeterminado com verbos preposicionados no plural

Tratar-se de apresenta um número considerável de estruturas no plural. Este é, aliás, um exemplo recorrente de variação, genericamente visto como desviante. É um caso particular, comparativamente às outras estruturas testadas, porque não parece ser simplesmente uma construção com SE indeterminado, mas sim uma combinação de propriedades deste SE e de SE inerente. Repare-se que outras construções não apresentam quaisquer alterações de sentido em estrutura de indeterminação:

(80) **Precisa-se de** comprar mais roupa de inverno.

(81) **Preciso de** comprar mais roupa de inverno.

(82) **Trata-se de** uma dúvida pertinente.

(83) ??**Trato de** uma dúvida pertinente.

O verbo *tratar*, combinado com a preposição *de* e com o clítico, adquire um sentido particular, à semelhança do que acontece com alguns verbos de SE inerente, em que a presença de SE faz com que o verbo tenha um sentido diferente daquele que tem sem o SE (e.g.: *empenhar* vs. *empenhar-se*). Talvez por isso não se associe

¹¹ São exemplos de algumas construções pesquisadas, mas sem ocorrências desviantes, ou apenas uma: *falar-se de*, *apelar-se a*, *aludir-se a*, *obedecer-se a*, *acreditar-se em*, etc.

facilmente o sujeito não expresso a “alguém” ou a outra expressão semelhante. Aliás, além da concordância com o objeto preposicionado (84), surgem também com alguma frequência construções com inserção de sujeito (85).

(84) Na sua esmagadora maioria **tratam-se de** empresas que já estão implantadas na China ou têm algum tipo de relação económica com o país. (CRPC)

(85) Ele não esteve lá no dia 30 de Dezembro de 1999 porque essa data **se tratou** de um erro, entretanto, já assumido pelo notário. (CRPC)

Quanto aos restantes casos, as construções com *assistir* e *recorrer* não são muito significativas, havendo concordâncias ocasionais quando os falantes tomam o objeto preposicionado por sujeito, como se observa na Tabela 2. Mais intrincado é o caso de *precisar* e *necessitar*, em que a queda da preposição desempenha um papel fulcral no tipo de transitividade do verbo e, conseqüentemente, no tipo de estruturas em que pode figurar.

Verifica-se que a ausência de *de* é preponderante: o verbo *precisar*, de que temos mais ocorrências, apresenta 92,2% de queda de preposição (47 em 51 – Anexo 1), com maior incidência nos casos de próclise. Referimo-nos a queda de preposição, por considerarmos que o verbo rege de facto preposição, nomeadamente antes de sintagmas nominais e completivas não finitas. É o que se pode confirmar no *DSVP*¹² (Anexo 2). Os valores percentuais aqui apresentados podem levar a que se coloque em causa o que dizem os instrumentos, no entanto, esta necessidade da preposição será corroborada por critérios linguísticos que apresentaremos seguidamente. Relativamente aos outros dicionários, o *DELP* não é completamente conclusivo, pois apenas refere estes verbos como transitivos, mas os sinónimos fornecidos têm *de*, o que indicia a necessidade da preposição; já o *DHLP* tem na versão portuguesa uma nota, em ambos os verbos, referindo que existe alguma variação, sobretudo com queda da preposição antes de completiva não finita e, no caso de *precisar* do PB, antes de completiva finita, mas a verdade é que os exemplos são iguais aos da versão brasileira. A posição de Peres e Mória (1995) é também bastante liberal:

¹² Neste dicionário apenas se permite queda da preposição antes de completivas finitas; com *necessitar*, surge uma possível queda da preposição antes de não finita, mas é um uso considerado não padrão.

“É ainda interessante referir o caso dos verbos *precisar* e *necessitar*, predicados que admitem tanto complementos preposicionados com *de* como complementos não preposicionados. Apesar de a presença da preposição ser opcional, parece-nos que actualmente as formas preposicionadas são bastante mais frequentes, quando os complementos em causa são nominais ou oracionais infinitivos. Veja-se:

(384) O Paulo precisa (de) comprar um casaco novo.

(385) Este cão está a precisar (de) um bom banho.

(386) O Paulo necessita (de) ir ao médico.

(387) Esta empresa necessita (de) cinco novos funcionários.”

(Peres e Mória, 1995: 114)

Já para Duarte (2003c: 636-637) não há essa possibilidade, visto que estes dois verbos, e também *gostar*, são considerados como casualmente defetivos, seleccionando sempre a preposição antes de “completivas não finitas” e de “complementos nominais”. A autora justifica a não marcação com o caso acusativo, mesmo com completivas finitas, que usualmente perdem a preposição, através da impossibilidade de retoma anafórica pelo clítico demonstrativo *o*, conforme o exemplo:

(86) O Joel precisa que te despaches. → *O Joel precisa-o.

Além disso, se admitirmos de facto a queda da preposição, e o consequente estatuto de transitivo direto destes verbos, estaremos também a admitir a possibilidade de construção passiva, o que legitimaria a pluralização. No entanto, se testarmos a passiva perifrástica, a aceitabilidade da estrutura é bastante duvidosa, contrariamente ao que sucede com verbos cuja transitividade não oferece dúvidas¹³:

(87) Não basta um aeroporto e um simulacro de hotel. **Precisam-se** outros meios. (CRPC)

(88) *Outros meios **são precisados** pelas entidades responsáveis.

(89) **Procuram-se** outros meios.

(90) Outros meios **são procurados** pelas autoridades responsáveis.

Estamos perante um fenómeno frequente, não pertencente ao padrão: a queda da preposição *de*. Parece-nos que este verbo não apresenta as características de um verbo

¹³ Não esquecendo que existem, de facto, verbos transitivos estativos que não admitem a construção passiva, como *ter*, consideramos esta impossibilidade de passivização como um indicador.

transitivo, pelo que se deverá considerar que rege a preposição *de*. Ainda que haja alguma variação nestas estruturas, num contexto mais normativo, como o da revisão/consultoria, não serão admissíveis frases como (91), visto que o objeto preposicionado não tem a função de sujeito e portanto não pode desencadear a concordância, nem estruturas sem preposição (92) antes de complementos nominais ou completivas não finitas.

(91) [...] vêm dizendo: **Precisam-se** de médicos no hospital de Lagos» (CRPC)

(92) **Precisam-se** mais conhecimentos para o ler que para o escrever. (CRPC)

Foram identificados 7 casos de ocorrências em estruturas relativas e clivadas, em que o *que* retoma o constituinte clivado, ou seja, em que o SN precede o verbo. No entanto, a maioria das ocorrências de *precisar-se* no plural verificou-se em frases com o sintagma anteposto, numa estrutura de topicalização selvagem. Segundo Brito, Duarte e Matos (2003a: 501-502), esta forma particular de topicalização, apesar de manter uma “conectividade referencial” “entre o constituinte topicalizado e a posição sintáctica de que o mesmo foi extraído”, não mantém uma “conectividade categorial e casual”, o que se traduz normalmente na queda da preposição (93). Nestes casos, a ausência da preposição facilita a perceção da estrutura como passiva.

(93) Coesão e eficácia, **precisam-se** []. (CRPC)

Segundo as autoras, esta estrutura caracteriza-se por ser “típica do modo oral”, ao que acrescentaríamos que também ocorre na escrita em contextos dominados pela economia de palavras e em que predomina a função apelativa, nomeadamente títulos de jornais e anúncios. Repare-se que em construções que não são de SE indeterminado é admissível o tópico preposicionado (94), ao passo que a construção de SE indeterminado parece não admitir tão facilmente a preposição (96).

(94) De coesão e eficácia, todos **precisamos**.

(95) *Coesão e eficácia, todos **precisamos**.

(96) ?De coesão e eficácia, **precisa-se**.

Em suma, a construção de SE com *precisar* e *necessitar* antes de sintagma nominal e completiva não finita será, de um ponto de vista mais normativo, considerada como de sujeito indeterminado e não como passiva, não se dispensando a preposição em PE. Poderá haver flexibilidade tendo em conta as particularidades de

determinados contextos, como anúncios de emprego com topicalização, sublinhando-se, no entanto, que o seu uso deverá estar limitado a contextos discursivos específicos.

5.2.2 Completivas finitas

Estruturas de SE em frases complexas constituem também uma área de variação no que diz respeito à concordância. Quando o verbo que se combina com SE antecede completivas finitas, os casos que encontrámos não parecem ser muito duvidosos; ainda assim, merecem uma breve caracterização, dado que não foram escassos os exemplos encontrados.

Em primeiro lugar, foi possível localizar no CRPC estruturas claramente agramaticais, mas que apresentam algumas ocorrências significativas. Trata-se de frases em que o SE está simplesmente a mais, provavelmente fruto de uma reformulação incompleta da frase:

- (97) As células estaminais embrionárias têm a capacidade de dar origem a todos os tipos de células que compõem um organismo. Por isso, os cientistas **consideram-se** que poderão vir a ser preciosas no tratamento de várias doenças (...) (CRPC)
- (98) Pelo contrário, e mais uma vez, os especialistas na matéria, não o Governo, **referiram-se** que tinha sido vendido caro e muito caro. (CRPC)
- (99) Os meus amigos **disseram-se** que Portugal era um sítio maravilhoso [...] (CRPC)

Mais numerosos são os casos em que se pluraliza indevidamente o verbo:

- (100) **Aceitam-se** que tenham de ser adiados alguns aperfeiçoamentos [...] (CRPC)
- (101) Por isso, **impõem-se** que os pareceres do Conselho de Comunicação Social tenham carácter vinculativo. (CRPC)

Estas estruturas poderão, como os sintagmas nominais, ser interpretadas como passivas (Correia, 2003; Azeredo, 2008) (102) ou como construções de sujeito indeterminado (Duarte, 2003a; Ribeiro, 2011) (104).

- (102) Aceita-se_{pas} [**que alguns aperfeiçoamentos tenham de ser adiados**]_{SU}

- (103) **Isso** é aceite [por...].

- (104) Aceita-se_{ind} [**que alguns aperfeiçoamentos tenham de ser adiados**]_{OD}

- (105) As pessoas aceitam **isso**.

Independentemente da interpretação que lhes é dada, apenas é permitida a forma no singular, pois um sujeito oracional só é compatível com a concordância no singular.

(106) *São aceites que alguns aperfeiçoamentos tenham de ser adiados.

Parecer-nos-á natural que a concordância no plural surja quando o sujeito da completiva está também no plural, havendo uma espécie de concordância por proximidade (cf. Hemforth e Konieczny, 2003), como sucede de (97) a (101). Todavia, apesar de em número menor, encontrámos casos em que estranhamente o que está no plural é um elemento mais encaixado (107) ou em que não existe simplesmente nenhum elemento da completiva no plural (108).

(107) **Impõem-se** que seja vista a estrutura destas duas espécies de serviços [...] (CRPC)

(108) No despacho saneador considerou-se que os AA eram partes legítimas dado o articulado na petição, **consideram-se** que a questão do abuso de direito não podia ser desde já conhecida por falta de elementos de facto [...] (CRPC)

5.2.3 Estruturas não finitas dependentes de diferentes classes de verbos

Existem várias construções de dois verbos – verbo finito+verbo não finito – que levantam problemas quanto à concordância, fundamentalmente por não ser fácil identificar o grau de independência do verbo não finito, ou seja, se existe apenas um domínio oracional, uma unidade sintática entre os dois verbos, ou se estamos perante dois verbos principais, com domínios oracionais independentes, em que há uma frase matriz e uma frase encaixada. A existência de domínios oracionais independentes impossibilitará a transposição do sujeito para junto do primeiro verbo, impedindo a concordância. Refletiremos sobre a possibilidade de concordância nos casos de seguida ilustrados:

(109) Ainda **se continuam** a gastar grandes verbas nos Paços dos Duques [...] (CRPC)

(110) Agora sim, **podem-se** ver as estrelas. (CRPC)

(111) Cada vez mais **se pretendem** criar assimetrias e diferenças [...] (CRPC)

(112) **Pensavam-se** utilizar saldos médios dos bilhetes do Tesouro [...] (CRPC)

(113) **Mandaram-se** copiar extractos e corrigir imensas matrizes [...] (CRPC)

(114) **Ouvem-se** saltar rolhas de garrafas de «champagne» [...] (CRPC)

Os casos apresentados são de diferentes tipos:

a) Verbos semiauxiliares – (109)-(110) – segundo Gonçalves (1999) e Duarte (2003c), estes verbos partilham algumas das propriedades dos auxiliares (como *ter* ou *ser*), tais como a impossibilidade de coocorrência com uma completiva finita ou a impossibilidade da ocorrência de diferentes marcadores temporais, mas distanciam-se noutras, permitindo em alguns casos a negação frásica antes do verbo principal e a colocação do clítico após o verbo principal. É o caso de *começar a*, *deixar de*, *tornar a*, *costumar*, *poder*, *dever*, etc. Estes dois últimos verbos são, além disso, verbos de elevação, pois selecionam uma completiva cujo sujeito é elevado a sujeito do verbo de elevação.

b) verbos de controlo de sujeito – (111)-(112) – selecionam uma oração não finita cujo sujeito é nulo e referencialmente correspondente ao do verbo de controlo. São verbos como *querer*, *resolver*, *decidir*, *desejar*, *ousar*, *tencionar*, etc.

c) verbos causativos e percetivos – (113)-(114) – selecionam completivas não finitas em que o sujeito da completiva é substituível por um pronome acusativo e não nominativo (e.g.: *Ouvi-os chegar*; *Mandei a criança/-a comer a sopa/comê-la*), construção denominada Marcação Excecional de Caso (MEC); podem também formar um complexo verbal com o verbo encaixado, numa construção de União de Orações (e.g.: ***Ouvi chegar os vizinhos***; ***Mandei comer a sopa à criança***). São exemplos de verbos causativos *mandar*, *fazer*, *deixar*, e de percetivos *ouvir*, *sentir*, *ver*.

Todas as frases serão possíveis no singular, numa interpretação de SE indeterminado. Resta-nos saber se também permitirão a estrutura passiva e que elementos subjazem a essa (im)possibilidade. Importa dizer também que a informação em instrumentos de normalização é particularmente escassa, provavelmente porque este tópico requer uma análise de particular minúcia. Aliás, a propósito destas estruturas, Peres e Móia (1995) afirmam “que não é fácil determinar uma fronteira que separe claramente os casos aceitáveis dos agramaticais” (p. 251).

Antes de procedermos à análise de cada uma destas estruturas, importa referir, como dado indicador, a frequência com que a concordância surge em alguns destes verbos nas produções dos falantes. Pesquisámos no CRPC verbos ilustrativos de todas as classes referidas, selecionando 50 sequências de verbo finito_{SE} + verbo não finito

seguido de SN no plural (excetuando os percetivos, de que encontrámos menos ocorrências) e obtivemos os seguintes resultados quanto ao número do verbo superior com SE (cf. tabela exemplificativa no Anexo 3):

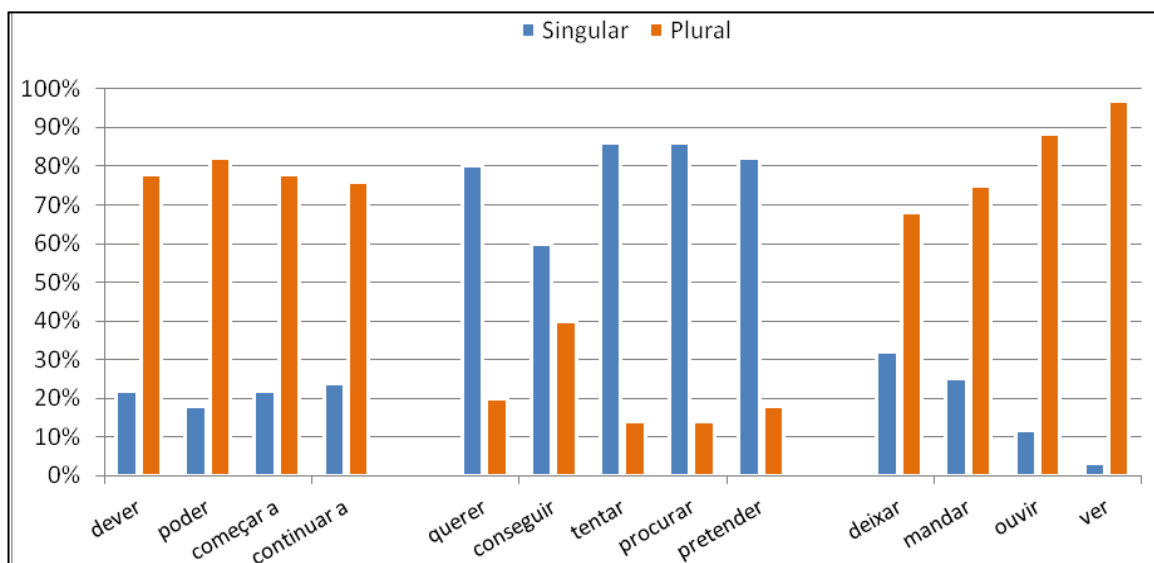


Gráfico 1. Concordância em estruturas não finitas dependentes de diferentes classes de verbos

Podem-se observar de imediato dois comportamentos bem distintos: por um lado, nos verbos semiauxiliares e nos verbos percetivos/causativos predomina a concordância com o SN plural, em resultados que rondam os 70%/80%; por outro lado, os verbos de controlo de sujeito apresentam um comportamento contrário, com o predomínio da não concordância, nunca inferior a 60% e aproximando-se mais frequentemente dos 80%. Nestes verbos, é possível verificar que existe alguma oscilação de verbo para verbo, sendo *conseguir* e também *querer* mais abertos à concordância, enquanto os restantes são mais resistentes. Quanto aos verbos causativos/percetivos observa-se que nos causativos, apesar de predominar a concordância, existem ocorrências significativas no singular, entre os 24% e os 32%, enquanto nos verbos percetivos são mais escassos esses casos, entre os 3% e os 12%.

5.2.3.1 Verbos semiauxiliares

Numa perífrase verbal, há uma ligação próxima entre os dois verbos e existe um único domínio oracional. É o que sucede com os verbos auxiliares e semiauxiliares.

O objeto direto do verbo principal, ao tornar-se sujeito da passiva, poderá estar junto ao verbo principal, mas também junto ao semiauxiliar, devido à possibilidade de Subida de Clítico (SC), ou seja, de um clítico que é selecionado pelo verbo do domínio

encaixado surgir junto ao verbo semiauxiliar (e.g.: *O João pode levar-te a casa.* → *O João pode-te levar a casa*). Assim, poderemos ter uma construção passiva em que o sujeito do verbo encaixado assume a posição de sujeito de todo o conjunto, legitimando a concordância, como sucede com os verbos de elevação (115). Estas estruturas permitem a ênclise ao verbo principal, mantendo o auxiliar no plural (116), e também a realização da passiva perifrástica (117).

(115) [...]quando não **se podem** abrir as portas, **devem-se** substituir as fechaduras. (CRPC)

(116) as portas **podem abrir-se**, as fechaduras **devem substituir-se**.

(117) quando as portas não **podem ser abertas**, as fechaduras **não devem ser substituídas**.

A possibilidade de passiva perifrástica mostra como outros verbos semiauxiliares se comportam da mesma forma.

(118) (a) Começam-se a fazer os trabalhos em casa.

(b) Os trabalhos começam a ser feitos em casa.

(119) (a) Acabam-se de fazer os trabalhos em casa.

(b) Os trabalhos acabam de ser feitos em casa.

(120) (a) Deixam-se de fazer os trabalhos em casa.

(b) Os trabalhos deixam de ser feitos em casa.

(121) (a) Continuam-se a fazer os trabalhos em casa.

(b) Os trabalhos continuam a ser feitos em casa.

(122) (a) Costumam-se fazer os trabalhos em casa.

(b) Os trabalhos costumam ser feitos em casa.

(123) (a) Tornam-se a fazer os trabalhos em casa.

(b) Os trabalhos tornam a ser feitos em casa.

(124) (a) Chegam-se a fazer os trabalhos em casa.

(b) Os trabalhos chegam a ser feitos em casa.

De entre os vários critérios de auxiliaridade, alguns dos quais referidos na secção anterior, um é especialmente pertinente para esta discussão, a ocorrência em “passivas encaixadas sem alteração do significado básico da activa correspondente”

(Gonçalves e Costa, 2002: 28). Assim, estas estruturas podem ser interpretadas das seguintes formas:

- SE Passivo (sujeito SN) – $[[V_{se} + V] [SN]_{SU}] \rightarrow [[Devem-se substituir] [as fechaduras]_{SU}]$
- SE Indeterminado – $[V_{se} [V] [SN]]_{OD} \rightarrow [Deve-se [[substituir] [as fechaduras]_{OD}]]$

Consideramo-las todas perfeitamente aceitáveis, sendo a primeira a única que permite a pluralização do verbo superior.

5.2.3.2 Verbos de controlo de sujeito

Outro grupo de verbos, com semelhanças com o anterior e incluído muitas vezes na esfera dos verbos auxiliares, apresenta também exemplos de concordância:

(125) [...] as inscrições que **se decidam** fazer são aqui decididas [...] (CRPC)

(126) Os fins que com tais acções **se procuravam** obter nesses períodos eram contudo diferentes. (CRPC)

(127) [...] qualquer outra solução é desfavorável aos princípios que aqui aparentemente **se visam** defender. (CRPC)

(128) Podemos mesmo admitir que nesta revisão **se pretendem** inserir disposições que alterarão profundamente o estipulado para a venda [...] (CRPC)

No entanto, estes verbos têm um comportamento diferente, não permitindo nem a passiva perifrástica (130), nem a ênclise ao verbo principal com o primeiro verbo pluralizado (131). Note-se que os verbos semiauxiliares referidos anteriormente permitem ambas as estruturas.

(129) **Pensavam-se** utilizar saldos médios dos bilhetes do Tesouro [...] (CRPC)

(130) *Saldos médios dos bilhetes do Tesouro **pensavam ser utilizados**.

(131) ***Pensavam utilizar-se** saldos médios dos bilhetes do Tesouro.

Estes verbos agora apresentados, ao contrário dos anteriores, são verbos de controlo de sujeito. Não obedecem à maioria dos critérios de auxiliaridade referidos por Gonçalves e Costa (2002), não podendo, portanto, ser sequer considerados semiauxiliares. No entanto, evidenciam uma propriedade em comum com os auxiliares e semiauxiliares, a SC. Ora, autores como Gonçalves e Costa (2002), Duarte (2003c),

Gonçalves e Matos (2008) consideram que alguns destes verbos permitem a reestruturação, construção em que passa a haver um único domínio oracional, à semelhança do que acontece com os verbos de elevação. Segundo Duarte (2003c: 645-646), a SC (132) é exatamente um dos comportamentos invocados como evidenciando essa possibilidade de reestruturação, a par do Movimento Longo de Objeto¹⁴ (MLO) (133) e da agramaticalidade de frases com SC e negação frásica no domínio encaixado (134).

(132) “[O João]_i não *te tenciona* [[-]_i contar a história].”

(133) “*Tencionam-se usar todos os recursos disponíveis* neste projecto.”

(134) “*[O João]_i *tenciona-te* [[-]_i *não* contar a história].”

(Duarte, 2003c: 646)

Para Gonçalves e Costa (2002), existe uma dependência temporal do domínio não finito relativamente ao domínio do verbo de controlo, o que torna agramatical a coocorrência de expressões adverbiais com valores temporais que se excluem mutuamente:

(135) “*Os jornalistas, *anteontem*, quiseram divulgar a fotografia do culpado, *ontem*.”

(Gonçalves e Costa, 2002: 85)

As autoras afirmam também que apenas alguns verbos de controlo permitem estas estruturas, dando como exemplos *querer*, *desejar*, *tentar* e *conseguir*, ao passo que outros, como *decidir*, não evidenciam os mesmos traços:

(136) “Os jornalistas, *anteontem*, decidiram revelar a fotografia do culpado, *ontem*.”

(Gonçalves e Costa, 2002: 86)

No entanto, mesmo um verbo como *querer* não exhibe sempre um comportamento idêntico, pois a inclusão de mais informação na frase ou o uso de outros tempos verbais (cf. Fiéis e Madeira, 2012: 276) tornam possível a independência temporal dos dois domínios:

(137) Os jornalistas, *anteontem*, quiseram divulgar a fotografia do culpado *ontem*, mas a polícia não autorizou.

(138) Os jornalistas, *anteontem*, queriam divulgar a fotografia do culpado *hoje*.

(139) Os jornalistas, *hoje*, querem divulgar a fotografia do culpado *amanhã*.

¹⁴ Construção de passiva pronominal em que o objeto do verbo encaixado se realiza como sujeito da frase principal.

O aspeto de maior relevo para o nosso trabalho diz respeito à possibilidade de existir MLO. Visto que “o Objecto deslocado não pode atravessar um nó CP” (Gonçalves e Matos, 2008: 209), ou seja, não pode passar de um domínio oracional para outro, admite-se que se deu uma reestruturação de dois domínios oracionais em um só.

No entanto, parece-nos que este ponto de vista pode ser discutido, sobretudo se levarmos em conta uma perspetiva mais normativa, menos aberta a juízos de gramaticalidade não unânimes por parte dos falantes. Apesar destes critérios para a identificação de estruturas de reestruturação, existem outros que distanciam os verbos aqui referidos dos semiauxiliares, à exceção da SC, e mesmo em Gonçalves e Costa (2002) sublinha-se que o “comportamento destes verbos, neste aspecto, é surpreendente” (p. 35).

A própria possibilidade de SC coloca algumas dificuldades no que diz respeito à sua admissibilidade. O verbo *querer*, o mais usado como exemplo na literatura, parece ser bastante permissivo quanto à SC. Todavia, nos exemplos que se seguem, de Brito, Duarte e Matos (2003b: 859), considerando ambos os padrões de colocação de clítico gramaticais, num contexto de produção escrita com alguma formalidade, não nos parece que a forma com SC seja tão facilmente aceite pela maioria dos falantes como a alternativa sem SC:

(140) “(a) O João *quere-a* convidar.

(b) O João quer convidá-la.”

Se atentarmos em construções de SC com outros verbos de controlo de sujeito, a aceitabilidade das estruturas não é consensual:

(141) ?O João tentou-os comprar.

(142) ?O João conseguiu-os comprar.

(143) ??O João tencionou-os comprar.

(144) ??O João desejou-os comprar.

(145) ??O João procurou-os comprar.

(146) ??O João pretendeu-os comprar.

(147) *O João pensou-os comprar.

(148) *O João ousou-os comprar.

Segundo Fiéis e Madeira (2012), a aceitabilidade destas estruturas com subida de clítico relaciona-se com a presença de elementos proclisadores e com o próprio tipo de clítico. As autoras referem também uma “gradação da aceitabilidade das construções” (p. 277), em que verbos como *querer* ou *conseguir* são dos mais permissivos relativamente à SC contrariamente às posições mais conservadoras suscitadas, por exemplo, por *afirmar* ou *julgar*, ficando em posição intermédia verbos como *ousar*, *prometer* ou *decidir*.

Os exemplos (141) a (144) dizem respeito a verbos que surgem na literatura referida como permitindo MLO, mas mais uma vez essa possibilidade não nos parece ser pacificamente aceite:

- (149) ?Tentaram-se comprar livros infantis.
- (150) ? Conseguiram-se comprar livros infantis.
- (151) ?? Tencionaram-se comprar livros infantis.
- (152) ?? Desejaram-se comprar livros infantis.
- (153) ?? Procuraram-se comprar livros infantis.
- (154) ?? Pretenderam-se comprar livros infantis.
- (155) * Pensaram-se comprar livros infantis.
- (156) * Ousaram-se comprar livros infantis.

Deste modo, a possibilidade de SC e de MLO não nos parece conclusiva, embora admitamos que possa haver um *continuum* de aceitabilidade relativamente a estes verbos. Além disso, a impossibilidade de transformação da estrutura passiva exemplificada em (130) e (131) leva-nos a optar nestes verbos por uma estrutura de SE indeterminado e, portanto, sem concordância (159).

- (157) Podemos mesmo admitir que nesta revisão **se pretendem** inserir disposições que alterarão profundamente o estipulado para a venda [...] (CRPC)
- (158) Podemos mesmo admitir que alguém / a assembleia / o grupo de trabalho pretende inserir disposições ...
- (159) Podemos mesmo admitir que nesta revisão **SE_{ind} pretende** [inserir disposições que alterarão profundamente o estipulado para a venda ...]_{OD}

No mesmo sentido se manifestam Peres e Mória (1995: 250-251), a propósito de uma construção semelhante com “tentar”, relativamente à qual defendem a alternativa de SE indeterminado.

5.2.3.3 Verbos causativos/percetivos

Analisaremos agora as construções com verbos causativos e percetivos, como as apresentadas a seguir:

(160) E para melhor e mais rápida execução, **fazem-se** demolir todos os edifícios [...] (CRPC)

(161) **Mandaram-se** copiar extractos e corrigir imensas matrizes [...] (CRPC)

(162) No silêncio, **ouviam-se** bater os tampos de prata das caixas de rapé. (CRPC)

(163) Nos limos da ribeira, por baixo da ponte, **vêem-se** ondear as enguias. (CRPC)

Estes verbos integram frequentemente estruturas de MEC, pois selecionam completivas não finitas cujo sujeito está no caso acusativo, atribuído pelo verbo superior. O facto de o sujeito receber caso do verbo superior mostra que são domínios não autónomos. No entanto, exibem outras propriedades que mostram que têm alguma autonomia sintática: permitem negação no domínio encaixado (168) e não permitem SC (169).

(164) O Marco mandou [o amigo trazer o computador].

(165) O Marco mandou[-o trazer o computador].

(166) O Marco ouviu [o telefone tocar].

(167) O Marco ouviu-[o tocar]

(168) O Marco mandou o amigo não trazer o computador.

(169) *O Marco não o mandou o amigo trazer.

Uma alteração da ordem de palavras leva-nos a outra possibilidade, em que os dois domínios oracionais podem ser reanalisados como um só, num predicado complexo, constituindo uma construção de União de Orações (cf. Duarte, 2003c: 647-651).

(170) O Marco ouviu tocar o telefone.

Aqui, o SN passa a desempenhar a função de OD do complexo verbal. Neste caso, é possível a ocorrência de um SE passivo e da respetiva concordância, visto ser permitido MLO. Este é, aliás, um dos testes que comprova a dependência sintática

destas estruturas. É esta construção de União de Orações que ocorre nas sequências com verbos causativos e percetivos em causa neste trabalho, como (171).

- (171) Por um lado, **deixam-se subir** os custos dos factores de produção e lançam-se novos encargos. (CRPC)

A construção no singular, uma União de Orações com SE indeterminado, é também legítima: “os custos dos factores de produção” seria igualmente OD do complexo verbal e o sujeito seria indeterminado:

- (172) [Alguém] **deixa subir** os custos dos factores de produção.

- (173) **Deixa-se subir** os custos de produção.

Os verbos percetivos comportam-se de forma idêntica, apresentado apenas algumas restrições relativamente aos verbos com que podem formar União de Orações, pois esta “está restringida a contextos em que o verbo do domínio encaixado é intransitivo ou inacusativo” (Duarte, 2003c: 650), podendo, nesses casos, ser substituída por uma construção de MEC (176):

- (174) O Francisco mandou limpar o quarto aos seus filhos.

- (175) *O Francisco viu limpar o quarto aos seus filhos.

- (176) O Francisco viu os seus filhos limpar o quarto.

Apesar disto, nas 31 ocorrências relativas ao verbo *ver*, 4 eram com verbos transitivos, tendo havido igualmente pluralização, ou seja, entendeu-se que houve MLO e União de Orações num contexto que não o permite.

- (177) [...] logo aqui **se viram sentir** aspirações de chefia, de mandatos [...] (CRPC)

- (178) E quando **se vêem ganhar** medalhas de ouro a povos de muito menor [...] (CRPC)

- (179) [...] propostas de acções futuras que não **se vêem ganhar** contornos objectivos. [...] (CRPC)

- (180) Daí o **verem-se formular** correlativas e valiosas sugestões ao Governo [...] (CRPC)

A análise dos vários exemplos neste capítulo deverá contribuir para que o revisor/consultor fique desperto para alguns contextos em que surgem com alguma frequência desvios à norma. Além disso, nos casos de mais difícil resolução, os das estruturas não finitas, o que se pretende é explicitar as opções mais conformes com a norma e, se necessário, justificá-las de forma rigorosa.

5.3 Estruturas com SE anticausativo e SE inerente – variação na realização de SE e nas propriedades de seleção do verbo

5.3.1 SE anticausativo

Referimos anteriormente que os verbos que evidenciam variação quanto à presença de SE são fundamentalmente os de mudança de estado físico, pelo que será nesse conjunto que nos iremos centrar. Assim sendo, delimitámos para o nosso trabalho o seguinte conjunto de verbos:

- mudança de estado material - *evaporar; derreter; dissolver; congelar; cristalizar; solidificar;*
- mudança de volume/dimensão – *encher; esvaziar; dissipar;*
- mudança de estado/integridade – *partir; quebrar; romper;*
- mudança de posição – *afundar; abrir; fechar;*

Segundo Sílvia Ribeiro, “precisamente os mesmo verbos podem também ser usados quando se descrevem situações de mudança de estado físico ou de estado psicológico” (2011: 246), dando como exemplo o verbo “dissipar”. De facto, a maioria dos verbos que indicam mudança física apresenta essa realização resultante de extensão semântica, portanto, parece-nos que não devem ser analisadas da mesma forma frases como (181) e (182):

(181) [...] é dissolvê-los em água e permitir que a água **se evapore**. (CRPC)

(182) Ao **evaporar-se** na névoa de Kiev, o senhor Ribkin mostrou o caminho. (CRPC)

Também Amália Mendes veicula uma ideia semelhante:

“O número de verbos com pluralidade de sentidos que admite alternância anticausativa intransitiva é muito maior do que o número de verbos intrinsecamente psicológicos com esta característica, e apresenta algumas variações, como seria de esperar. Os vários significados dos verbos têm claramente efeito sobre a sintaxe da anticausativa, e encontramos assim várias possibilidades sintácticas (...)”

(Mendes, 2004: 301).

Assim, considerando que também a forma verbal em sentido figurado poderá apresentar variação, os verbos serão sempre analisados em dois grupos: sentido literal, de

mudança de estado físico, e sentido figurado, em que já não é esse sentido físico que está em causa, mas um sentido derivado, mais psicológico ou abstrato. Vejamos o exemplo do verbo *cristalizar*, tendo como apoio as entradas do *DHLP*, bastante pormenorizadas no que diz respeito à distinção entre sentidos. Dividiremos as ocorrências de *cristalizar* em que significa “passar a ter ou constituir cristais”, claramente físico e literal, daquelas em que significa “manter num mesmo estado; estacionar”:

(183) Nestas ligas o composto Sn Sb **cristaliza** em cubos de grande dureza no seio do eutético. (CRPC) – literal

(184) E se calhar tinha de **cristalizar-se** inevitavelmente ao transformar-se em programa político. (CRPC) – figurado

Esta distinção revela-se bastante importante, pois, como teremos oportunidade de verificar, a queda de SE é muito mais frequente quando estamos perante o verbo empregado no seu sentido literal. São poucos os verbos em que não procedemos a esta distinção, ora porque as ocorrências em sentido figurado são muito reduzidas (*congelar*, *partir*), ora porque existem vários sentidos possíveis e com pouca variação (*abrir*, *fechar*).

5.3.1.1 Os instrumentos

Começamos por analisar as entradas dos verbos seleccionados nos três dicionários já referidos, verificando até que ponto são fornecidas respostas às necessidades do revisor/consultor em termos de normalização e de delimitação da variação da presença/queda de SE.

O *DELPE* (Anexo 4) tem as suas entradas organizadas segundo a classificação dos verbos quanto ao tipo de argumento seleccionado. A maioria dos verbos apresenta apenas uma classificação transitiva e depois uma pronominal (não consideramos classificações não relevantes, de outros contextos que saiam do âmbito causativo/anticausativo):

“*Derreter* – v. trans. 1. tornar líquido; liquefazer 2. fundir 3. dissolver 4. *figurado* consumir 5. *figurado* comover verbo pron. 1. liquefazer-se 2. *figurado* dissipar-se; desfazer-se 3. *figurado* comover-se; enternecer-se 4. *figurado* apaixonar-se.”

As únicas exceções são *congelar* – só pronominal como sinónimo de *solidificar-se*, intransitivo nos restantes sentidos –, *cristalizar* – só intransitivo – e *solidificar* – com uma única etiqueta que reúne classificação transitiva, intransitiva e pronominal.

Este último verbo é então o único em que é completamente admitida a variação. Assim sendo, não pertenceriam à norma as seguintes frases:

(185) O barco **afundou**.

(186) O gelado **derreteu**.

(187) O composto **cristalizou-se**.

O *DELP* parece-nos, assim, excessivamente normalizador, anulando os casos de variação, o que se afigura como demasiado forçado, sobretudo em verbos que na realidade são bastante variáveis, como constatámos relativamente a *derreter* ou *cristalizar*, nos dados que apresentaremos no próximo ponto.

Ao consultarmos o *DHLP* (Anexo 4), existe à partida um problema: a mera “tradução” do PB para a versão PE. Quanto à presença/queda de SE, as entradas e os exemplos são iguais, apenas mudando algumas marcas típicas de PB, como em “seus projetos afundaram(-se)” → “os seus projectos afundaram(-se)”. A única alteração de SE dá-se num exemplo de *evaporar*, pois de “os perfumes mal vedados acabam evaporando” passa-se a “acabam por se evaporar”, mas sendo o único caso, é possível que, ao alterar gerúndio, o SE tivesse sido incluído de forma não propositada.

Portanto, à exceção deste reparo, a forma como as entradas são apresentadas, a classificação quanto à seleção argumental e os exemplos são exatamente iguais¹⁵, dando a impressão de que não existe qualquer diferença de utilização entre PE e PB. Verifica-se, no entanto, que este dicionário dá uma maior atenção a esta questão, apresentando exemplos com e sem o clítico em mais verbos, a saber: *evaporar*, *derreter*, *congelar*, *cristalizar*, *solidificar*, *romper*, *quebrar* e *afundar*. Ainda assim, existe alguma incoerência na apresentação dos exemplos, pois há frases em que o clítico é apresentado entre parênteses, numa perspetiva de completa facultatividade (como “afundar(-se)”, “cristalizar(-se)” ou “congelar(-se)”), outras entradas em que há um exemplo com o clítico e outro sem, o que pode levar-nos a colocar a hipótese da influência do contexto (“<nas mãos dele o dinheiro evapora facilmente> <evaporou-se no meio da multidão>”), e ainda

¹⁵ A versão mais recente (2011, 2 vol.) não tem as frases-exemplo, pelo que nos referimos à edição de 2003 (6 vol.). Mesmo nesta versão de 2011 não encontramos diferenças no remanescente das entradas.

combinações das duas representações (“<o gelo derreteu> <o sorvete derreteu(-se) antes que o tomasse>”).

Deste modo, além da indistinção PE/PB e de algumas incongruências de representação, restam ainda dúvidas relativamente a realizações intransitivas que o dicionário não legitimou (*encher, esvaziar, partir, dissipar, romper, abrir, fechar*). No entanto, alguns destes verbos têm ocorrências significativas sem SE; Peres e Mória, por exemplo, referem o caso de “abrir”, admitindo as duas formas (1995: 206). Assim, segundo o DHLP, não seriam admissíveis frases como:

(188) [...] os estádios não **enchem** na totalidade antes das competições finais. (CRPC)

(189) Em V-2 - a válvula de descarga **abre** e o ar e é impulsionado ((SIC)) [...] (CRPC)

(190) No centro da argola coloque uma lata para o buraco não **fechar**. (CRPC)

Ainda relativamente ao PB, veja-se a *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (2008), que parece assim não estar em completa sintonia com o DHLP:

“É claro que o sujeito de muitas orações pode receber o papel de paciente independentemente de o verbo dessa oração vir seguido de pronome reflexivo (**A comida esfriou, O copo quebrou, O pneu esvaziou, O gelo derreteu, A porta abriu**). Nestes exemplos, contudo, não há qualquer índice formal da atribuição de papel semântico ao sujeito. Nas construções com pronome reflexivo, pelo contrário, isso é revelado justamente pelo pronome.”

(Azeredo, 2008: 277)

Consultámos ainda o *DSVP* (Anexo 4) na expectativa de encontrar uma informação mais pormenorizada, dada a especificidade do dicionário. De facto, é possível verificar que estão bem explícitos os casos de variação, dado que cada estrutura argumental tem uma entrada específica, com exemplos ilustrativos. Comparativamente aos dicionários anteriores, são mais os verbos de mudança de estado físico que permitem a estrutura com e sem o clítico. Apenas os verbos *dissolver, encher, esvaziar, dissipar* e *fechar* apresentam somente a variante pronominal e o verbo *congelar* só a intransitiva (não estão dicionarizados os verbos *solidificar* e *cristalizar*). O facto de as entradas não terem descrição semântica, misturando exemplos em que os verbos não significam o mesmo, não torna claro se nos verbos que apresentam como possíveis as duas estruturas, N-V_{se} e N-V, essa possibilidade diz

respeito exatamente aos mesmos contextos ou não. Só no caso do verbo *abrir* é que podemos inferir inequivocamente essa conclusão porque há dois exemplos iguais: “As paredes abriram com o terremoto.” / “As paredes abriram-se com o terremoto.”

Assim, através dos dicionários, também não ficamos a saber “para que lado pende mais” a norma nos casos de variação – a intuição de falante sugere-nos que, por exemplo, *cristalizar* ocorrerá muito mais sem o clítico do que *romper* –, mas a verdade é que também já não será função do dicionário chegar a um tão grande grau de minúcia.

5.3.1.2 Os dados

Verifiquemos então o que mostram os dados concretos de produção, como forma de tentar resolver ou minorar as divergências encontradas nos instrumentos, mas também com o objetivo de verificar as frequências do clítico com os vários verbos e os seus contextos de ocorrência, informações não veiculadas pelos instrumentos.

Conforme já referimos, pesquisámos as ocorrências dos verbos tanto em PE (CRPC), como em PB (NILC), tentando, sempre que possível, atingir um máximo de 50 ocorrências anticausativas de cada verbo em sentido literal e a mesma quantidade em sentido figurado, em ambas as variantes (Anexo 5). Os dados encontram-se graficamente representados da seguinte forma¹⁶:

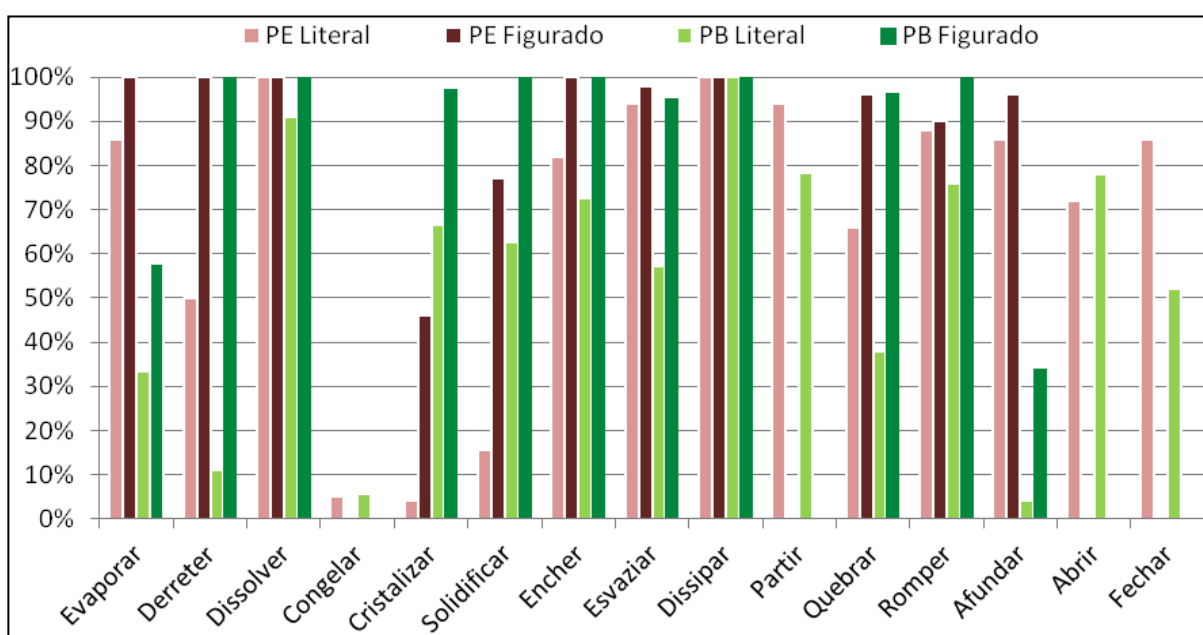


Gráfico 2. Percentagens de ocorrências de SE anticausativo

¹⁶ Recorde-se que não foram pesquisados sentidos figurados dos verbos *congelar*, *partir*, *abrir* e *fechar*.

A primeira evidência é a preponderância do clítico quando o verbo é usado em sentido figurado, mostrando-se muito mais resistente à queda, tanto em PE como em PB. Por exemplo, o verbo *derreter*, que apresenta em PE 50% de ocorrências com SE (191) e a mesma percentagem sem SE (192), nunca perde o clítico quando o verbo não indica mudança de estado físico (193).

(191) [...] chegou mesmo a **derreter-se** a estrutura metálica dos bancos. (CRPC)

(192) [...] o plástico pode **derreter**, colocando a nu as ligações eléctricas. (CRPC)

(193) [...] agora temos uma rapariga inteligente, capaz de abrir caminho a punho e que não **se derrete** ao primeiro olhar de Bond. (CRPC)

Mesmo nos verbos em que há alguma queda, é sempre inferior quando comparada ao emprego em sentido literal. Este facto poder-se-á relacionar com a baixa queda do clítico em verbos psicológicos, visto que estes verbos em sentido figurado não se referem a uma mudança de estado físico, mas psicológica ou abstrata.

A presença de SE como forma de resolver possíveis ambiguidades, conforme sugerido por Ribeiro (2010), observa-se em muitas destas frases. Enquanto é possível que “a subida da actividade económica mundial” seja sujeito de uma estrutura anticausativa, como se verifica na frase (194), mas também de uma causativa (195), no caso de (196) e (197), é mais improvável que “solidificar” não se refira a uma propriedade de “líquido”.

(194) A subida da actividade económica mundial está a **solidificar-se** e deve ganhar força nos próximos meses. (CRPC)

(195) A subida da actividade económica mundial está a **solidificar** as exportações.

(196) [...] qualquer líquido, a temperatura adequadamente baixa, **solidifica**. (CRPC)

(197)?? ...qualquer líquido, a temperatura adequadamente baixa, **solidifica** a água/o vapor/as amostras ...

Constata-se também que, na maioria dos casos, é menor a percentagem de uso de SE no PB (as exceções são *cristalizar* e *solidificar* – com poucas ocorrências – e *congelar*, *fechar* e uma das realizações de *romper* – com margens reduzidas). Com alguns verbos – *evaporar*, *derreter*, *afundar* – a percentagem de SE em PE é sensivelmente o dobro da que encontramos em PB. É possível identificar um comportamento paralelo entre as duas variedades, ou seja, os verbos com mais queda do clítico são os mesmos em PE e PB, tal

como também são os mesmos os que o mantêm mais; a diferença está em que normalmente a presença de SE em PB é razoavelmente inferior, como nos exemplos: *encher* – PE 80%, PB 72,5%; *quebrar* – PE 66%, PB 38%; *romper* – PE 88%, PB 76%.

O comportamento diferenciado destes verbos em PE mostra que, efetivamente, estamos perante uma questão em grande parte dominada por idiossincrasias lexicais. Assim, quanto ao seu sentido literal, *congelar*, *cristalizar*, *solidificar* revelam os menores níveis de permanência do clítico, abaixo dos 16%; *evaporar*, *romper*, *quebrar*, *afundar*, com variação reconhecida nos dicionários *DHLP* e *DSVP*, apresentam alguma variação, mas não muito elevada, entre os 66% e os 88% de ocorrências com SE; com níveis semelhantes, ligeiramente superiores de permanência de SE, entre os 72% e os 96%, temos *encher*, *esvaziar*, *partir*, *abrir*, *fechar*, em geral apenas apresentados nos instrumentos como pronominais; *derreter* evidencia percentagens idênticas de queda e permanência de SE; *dissipar* e *dissolver* apresentam 100% de uso de SE.

Se procurarmos estabelecer uma relação entre a presença do clítico e a frequência dos verbos (Anexo 6), verifica-se que os verbos com maior queda de SE são, de facto, menos frequentes, abaixo das 1000 ocorrências no CRPC – *derreter*, *congelar*, *cristalizar*, *solidificar*. Todavia, não podemos generalizar por inteiro, pois verbos como *evaporar* ou *dissipar*, também menos frequentes, apresentam pouca ou nenhuma queda de SE.

Observa-se que em muitos destes verbos há uma percentagem razoável de queda do clítico, mas não muito elevada. Em muitos casos, a presença ou ausência de SE parece ser aleatória e não há nada na frase que permita identificar algum fator que influencie a presença do clítico:

(198) Dias depois, quando as neves principiavam a **derreter-se** [...] (CRPC)

(199) [...] a caixa do aparelho começava a **derreter** nas proximidades dos terminais [...] (CRPC)

(200) Uma dezena e meia de barcos de pesca **afundaram-se** [...] (CRPC)

(201) No Tejo, um cacilheiro **afundou-se** perto das docas da Lisnave [...] (CRPC)

(202) Segundo o SNPC, alguns barcos de recreio **afundaram** na doca de Faro. (CRPC)

No entanto, foi possível identificar alguns padrões de comportamento. Com o verbo *encher*, parece haver uma obrigatoriedade do clítico quando a causa está presente sintaticamente:

(203) No dia 12 de Maio, Abílio sabe que o Jamor vai **encher-se** de leixonenses. (CRPC)

(204) O recinto da competição voltou a **encher** para assistir a mais uma vitória dos portugueses. (CRPC)

Considerando as 50 ocorrências do verbo em sentido literal, 35 tinham a causa expressa e em todas elas o clítico está presente. Quanto às 15 frases sem causa expressa, 6 mantêm o clítico, mas a maioria, 9, realiza-se sem SE.

Também os verbos *abrir* e *fechar* evidenciam um comportamento particular: perdem mais facilmente o clítico quando se expressa um estado ao invés de um evento pontual – nos 10 casos semelhantes a (206), 8 não tinham clítico. Apesar de não ser condição essencial, verifica-se que há uma maior queda de SE, mesmo em outros verbos, quando as formas verbais estão conjugadas no presente, no pretérito imperfeito, no infinitivo ou no gerúndio.

(205) O homem estava entregue. E os portões do Linho **fecharam-se**. (CRPC)

(206) A cozinha era atroz, as portas não **fechavam**. (CRPC)

Após esta análise dos instrumentos e dos dados de produção, importa explicitar as conclusões que podemos retirar para o trabalho do consultor/revisor:

- a informação dos instrumentos não é uniforme, o que demonstra não só a variação existente, mas também alguma falta de rigor nos próprios instrumentos;
- em PB há mais queda de SE, pelo que deve haver mais flexibilidade na revisão de textos que estejam na variedade brasileira;
- os verbos polissémicos não têm sempre o mesmo tipo de comportamento – em usos em sentido figurado, que não implicam mudança de estado material, será aconselhável manter o clítico;
- os verbos que indicam mudança de estado material mostram alguma variação; apesar de não ser possível retirar conclusões completamente objetivas, não deverá haver queda do clítico em verbos como *dissipar* ou *dissolver*, ao contrário de *congelar*, que raramente o admitirá. Quanto aos outros verbos, enquanto uns ocorrem indiferentemente sem o clítico, outros evidenciam alguns contextos que propiciam a queda ou manutenção de SE e que devem ser levados em conta.

5.3.2 SE inerente

Nesta secção analisamos os verbos *lembrar*, *esquecer* e *recordar* em dois aspetos: a presença/ausência da preposição *de* antes de completivas finitas e de interrogativas parciais (neste caso *lembrar*, dada a escassez de dados para os outros verbos¹⁷) e a presença/ausência do clítico antes de SN e de completivas não finitas introduzidas por *de*. Além disso, à semelhança do que foi feito para SE anticausativo, verificaremos também a presença/ausência de SE inerente em verbos que apresentam essa dupla possibilidade.

5.3.2.1 *Lembrar, esquecer e recordar*: a presença do clítico e da preposição

Conforme referido anteriormente, verbos como *lembrar*, *esquecer* e *recordar* possuem duas estruturas argumentais distintas: com SE e argumento preposicionado ou sem SE e argumento não preposicionado (cf. entradas de dicionários – Anexo 7). Devido à proximidade destas construções e às poucas alterações semânticas implicadas, colocamos a hipótese de que o cruzamento entre estruturas se manifeste em PE, um pouco no sentido do que sucede em PB. De modo a verificarmos esta possibilidade, pesquisámos nos respectivos *corpora* 50 ocorrências das estruturas [V_(se) de SN] e [V_(se) de INF], tendo sido obtidos os seguintes resultados (cf. tabelas exemplificativas 15 e 16 – Anexo 8):

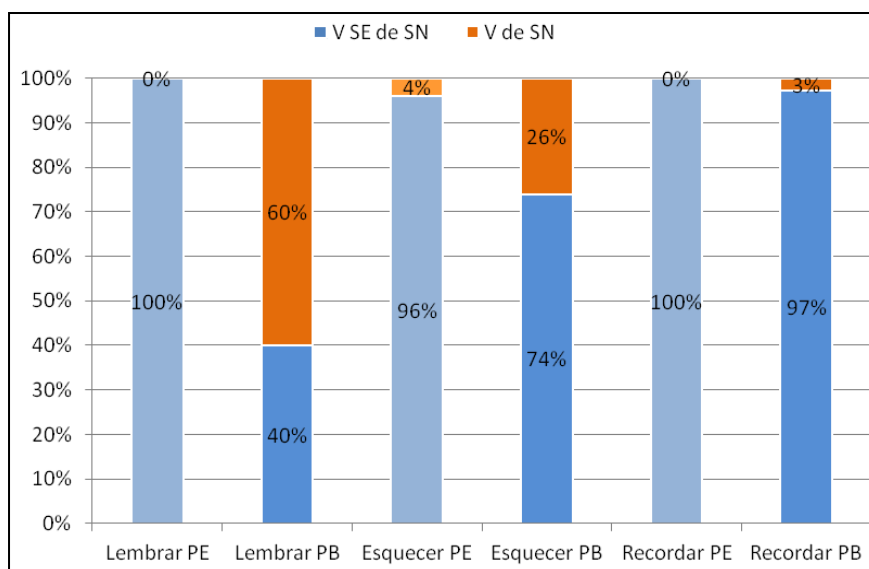


Gráfico 3. Ocorrências de [V_(se) de SN]

¹⁷ Apesar de os exemplos apresentarem normalmente apenas um dos verbos, as propriedades destacadas aplicam-se aos três verbos referidos. Quanto aos dados, nem sempre foi possível apresentar informações relativas aos três verbos, já que o verbo *recordar* apresentava poucas ocorrências em algumas das estruturas.

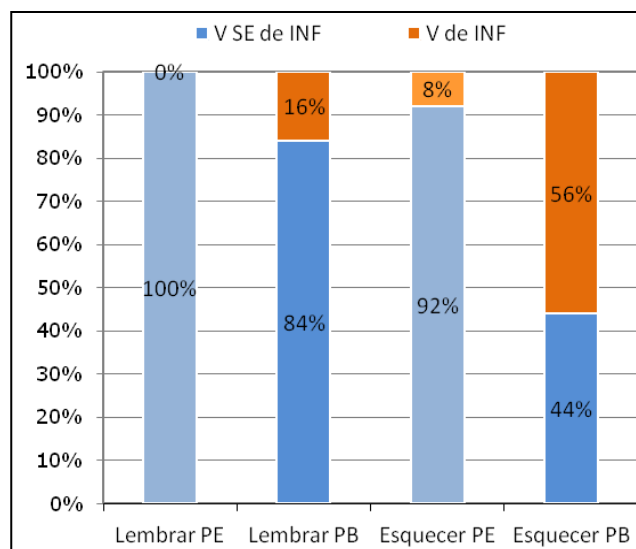


Gráfico 4. Ocorrências de [V_(se) de INF]

Verifica-se que só o verbo *esquecer* apresenta alguma queda do clítico em PE, tanto antes de SN (4%) (207) como antes de completivas não finitas (8%) (208):

(207) «Não **esqueçam dos** maquinistas do Metro...» (CRPC)

(208) [...]interrogou-mesobre um assunto muito importante e que **esqueci de** mencionar. (CRPC)

Não há exemplos análogos para *lembrar* e *recordar*. Em PB os verbos também não apresentam um comportamento uniforme: se *lembrar* perde frequentemente o clítico antes de SN (60%), o mesmo já não sucede antes de completiva não finita (16%), numa tendência contrária à de *esquecer*, que de 26% de queda antes de SN passa a 56% antes de completiva não finita; *recordar* é resistente à queda do clítico, apenas 3% antes de SN.

Deste modo, a variação nestas estruturas em PE é bastante reduzida, devendo apenas haver alguma atenção por parte do consultor/revisor para o verbo *esquecer*, que ocasionalmente poderá integrar estruturas não conformes com a norma do PE.

Ao contrário do que sucede com os casos anteriores, em que estão vincadas nos instrumentos as diferenças entre PE e PB, nas estruturas que apresentam queda de preposição a variação é interna a ambas as variedades; por exemplo, o *DSVP* admite as duas opções com *lembrar* e *esquecer*, mas apenas a versão com preposição para o verbo *recordar*:

(209) “Lembras-te que havia aqui perto um café? De repente lembrou-se (de) que tinha deixado o fogão ligado.” (DSVP)

(210) “Eu já me esquecera (de) que ele tinha sido campeão nacional.” (DSVP)

(211) “Recordo-me de que ele trazia óculos.” (DSVP)

Curiosamente, o *DHLP* não faz referência a estes casos e não apresenta nenhum exemplo, para nenhum dos verbos, com uma completiva finita, pelo que não é possível inferir qualquer posição, o que nos parece uma lacuna do dicionário, dada a frequência com que estas estruturas ocorrem. Já para Azeredo (2008: 313), com estes verbos, “as preposições *de* e *em* são opcionais no registro formal, e não ocorrem no uso coloquial”. Vejamos então os resultados obtidos com os três verbos nas variedades PE e PB:

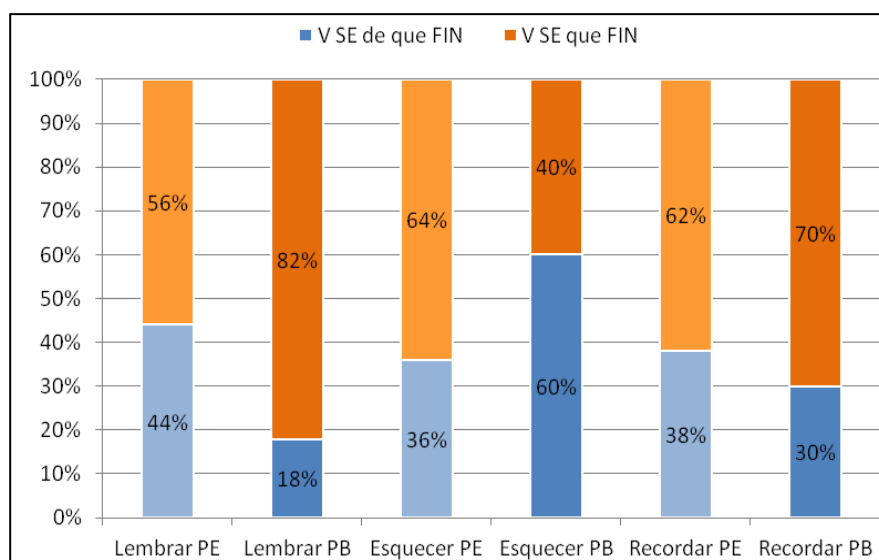


Gráfico 5. Ocorrências de [V_{se} (de) que FIN]

Ambas as variedades exibem os dois comportamentos, em percentagens que oscilam entre os 18% e os 62%. Tanto *lembrar* como *recordar* apresentam maior queda da preposição em PB do que em PE. Verifica-se que, de facto, as estruturas queístas, em quase todos os casos estudados, têm mais ocorrências. Não é possível determinar fatores que contribuam para a queda da preposição, visto que frases bastante parecidas ora preservam *de* (212), ora o deixam cair (213):

(212) Mas não **nos esqueçamos de que** a história que eles vão escrever será aquela que nós agora soubermos construir. (CRPC)

(213) Não **nos esqueçamos que** a floresta portuguesa se situa maioritariamente no interior do País [...] (CRPC)

Além disso, os instrumentos mostram também alguma permissividade relativamente à queda da preposição; mesmo Peres e Mória (1995), que apresentam as alternativas com *de*, justificando essa opção com testes de substituição pronominal (“O Paulo lembrou-se disso/*isso.”- p. 117), reconhecem que a construção sem preposição é prática comuníssima,

documentada inclusivamente nalguns dos nossos melhores autores” (p. 118). Segundo Arim (2008: 51), em alguns casos, as construções não preposicionadas são já as canónicas.

A queda da preposição foi também analisada antes de orações interrogativas (diretas ou indiretas) parciais. Apenas o *DSVP* contempla estas estruturas e somente quando introduzidas pelo constituinte *como*, defendendo neste caso o uso da preposição. Note-se o contraste entre interrogativas totais e parciais: nas primeiras não é admissível a preposição (214)-(215), ao invés do que sucede nas segundas (216)-(217).

(214) O João não **se lembrava se** tinha deixado as chaves em casa.

(215) *O João não **se lembrava de se** tinha deixado as chaves em casa.

(216) O João não **se lembrava onde** tinha deixado as chaves.

(217) O João não **se lembrava de onde** tinha deixado as chaves.

Contrariamente às interrogativas totais, as interrogativas parciais podem facilmente ser substituídas por expressões nominais com equivalência semântica, as quais não dispensam a preposição:

(218) O João não **se lembrava do** sítio onde tinha deixado as chaves.

Estendendo a análise a interrogativas introduzidas por outros constituintes além de *como* (*quando, quanto, onde, quem, qual*), obtêm-se os seguintes resultados para *lembrar*:

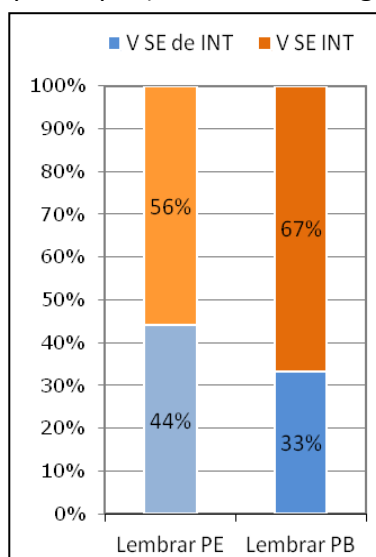


Gráfico 6. Ocorrências de [Vse (de) INT]

No caso do PE é quase igual a percentagem de ocorrências com e sem o *de* (48% e 52%, respetivamente), ao passo que em PB é um pouco mais acentuada a queda, 69%. Mais uma vez, não é possível identificar contextos que potenciem uma ou outra estrutura:

- (219) (**lembram-se quando** a Alberta Marques Fernandes " entrevistava " os " bonecos " do Contra-Informação?) (CRPC)
- (220) **Lembram-se de quando** o subchefe nos mostrou uma planta da serra? (CRPC)
- (221) Você **se lembra quando** Alice sai correndo atrás do Coelho Branco [...] (NILC)
- (222) Você **se lembra de quando** a Folha revelou, em abril, que sua média superava Pelé no início da carreira? (NILC)
- (223) Já não **se lembra como** é uma interpelação à mesa? (CRPC)
- (224) As pessoas já não **se lembram de como** estava a oferta cinematográfica [...] (CRPC)
- (225) Não **me lembro como** começou, mas vejo com estes olhos o que foi negado [...] (NILC)
- (226) Afirmou não **se lembrar de como** foi a doação. (NILC)

Deste modo, nas estruturas analisadas, quando o que está em causa é a queda do clítico, há uma clara diferença entre PB e PE, com grande resistência em PE, não parecendo haver interferência significativa de formas não padrão, o invés do maior número de possibilidades que o PB oferece. Já na queda de preposição há mais semelhanças entre as duas variedades. Verifica-se que é bastante significativa a queda de *de*, tanto antes de completivas não finitas, como de interrogativas parciais. Nestes casos, os instrumentos caracterizam-se por serem omissos ou, como o *DSVP*, por serem relativamente permissivos, o que, conjugado com dados que evidenciam elevados níveis de variação, permite ao revisor/consultor poder optar pelas duas estruturas, não esquecendo, todavia, que a estrutura sem preposição poderá encontrar alguma resistência por parte de falantes mais conservadores.

5.3.2.2 *Rir, casar, reunir e sentar*: a presença do clítico

Na sequência da análise feita para a presença/queda de SE com verbos anticausativos, consideraremos agora a mesma situação para SE inerente. Contrariamente aos verbos anticausativos, são muito poucos os verbos inerentemente pronominais que colocam esta questão, isto se não considerarmos os casos em que a ausência do clítico altera a estrutura argumental, como sucede com os verbos da secção anterior, entre outros. A partir da observação das entradas de alguns dicionários, seleccionámos quatro verbos que podem apresentar ocorrências com e sem SE inerente: *rir(-se)*, *casar(-se)*, *reunir(-se)* e *sentar(-se)*.

- (227) O João **riu-se** muito com a anedota.
- (228) O João **riu** muito com a anedota.
- (229) O João **casou-se** ontem pela segunda vez.
- (230) O João **casou** ontem pela segunda vez.
- (231) O Conselho de Administração **reuniu-se** no 5.º andar.
- (232) O Conselho de Administração **reuniu** no 5.º andar.
- (233) João, **senta-te** no banco de pedra.
- (234) João, **senta** no banco de pedra.

Alguns destes verbos poderão permitir uma leitura de SE recíproco (235)-(236), casos que excluiremos da nossa análise, de modo a não influenciarem os resultados.

(235) Depois de 8 anos de namoro, o Carlos e a Maria **casaram-se** (um com o outro).

(236) Os alunos **reuniram-se** (uns com os outros) para discutir a data do teste.

No que diz respeito aos instrumentos (Anexo 9), o *DELP* não parece ser muito sistemático, já que considera *rir* como somente *intransitivo*, mas *casar* como intransitivo e pronominal, assim como *reunir* (neste caso com significados aparentemente distintos, mas na realidade extremamente similares). No caso de *rir*, o *DSVP* apenas apresenta a possibilidade com clítico, permitindo a opcionalidade quando não existe um argumento preposicionado a seguir. Quanto aos contextos relevantes de *casar* e *reunir*, são aceites as duas estruturas, mas para *sentar* a versão sem clítico é considerada não padrão. Finalmente o *DHLP* permite as duas opções para todos os verbos. Vejamos então os dados:

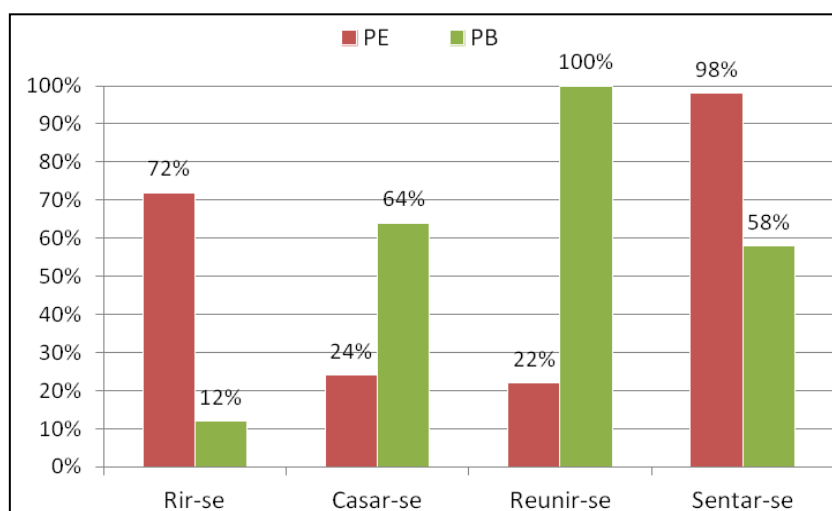


Gráfico 7. Ocorrências de SE Inerente

Rir(-se) e *casar(-se)* apresentam resultados em sentido inverso: no caso de *rir(-se)*, predomina a queda do clítico em PB, sendo mais diminuta em PE, enquanto no caso de *casar(-se)* é o PE que mais permite a queda do clítico. Esta variação parece ocorrer livremente, sem que se divise algum contexto propício a uma ou outra estrutura. Mesmo no caso de *(rir)-se*, não se pode concluir que haja influência de um argumento introduzido por *de* a seguir ao verbo, pois, das 9 ocorrências com esta estrutura, em 3 há queda de clítico e em 6 não, o que acaba por ser proporcionalmente equivalente, considerando que as frases sem SE são apenas um terço do total:

(237) Se quer **rir de** si próprio ponha um espelho à frente e terá maior satisfação. (CRPC)

(238) Aliás, há um Deputado da vossa bancada que deve estar a **rir-se de** si próprio. (CRPC)

Apesar de ser supostamente permitido pela norma, não encontrámos qualquer ocorrência de “reunir” sem o clítico em PB. Já em PE, existe uma maioria de uso sem o clítico, não havendo aparentemente contextos mais ou menos propícios à sua ocorrência, isto é, a presença de clítico parece ser aleatória.

(239) Pedia [...] aos Srs. Presidentes dos Grupos Parlamentares para **reunirem** comigo [...](CRPC)

(240) [...] peço aos presidentes dos grupos parlamentaras para **se reunirem** comigo [...](CRPC)

(241) [...] a Comissão Permanente **reúne** fora do período de funcionamento efectivo [...](CRPC)

(242) [...] nem será feita entre as quatro paredes onde **se reúne** uma comissão. (CRPC)

No caso de *sentar*, há pouca tendência para a queda de SE em PE, apenas um caso encontrado, ao passo que em PB a percentagem de utilização desta estrutura é considerável (42%). Parece-nos que em PE *sentar* sem clítico não fará parte da norma-padrão, tal como surge no *DSVP*, aparecendo apenas em algumas frases imperativas. Neste verbo em particular, o *DHLP* torna a reproduzir sem alterações a versão brasileira, o que não dá conta da clara diferença entre as duas variedades.

Em suma, excetuando a variação residual em PE de *sentar-se*, os restantes verbos apresentam duas possibilidades de realização igualmente aceitáveis, permitidas pelos instrumentos e usadas realmente pelos falantes. Como dado indicador para o trabalho de revisão/consultoria, é de reter as assinaláveis diferenças quantitativas de presença de clítico entre PE e PB, nos vários verbos.

6 CONCLUSÃO

Realizámos este trabalho com o objetivo de melhor compreender algumas estruturas com o clítico SE, tendo em vista um contexto de consultoria e revisão linguística. Ao analisar dados de *corpora*, constatámos que as estruturas com SE apresentam níveis consideráveis de variação; é, portanto, uma área problemática para o consultor/revisor, necessitando de ser estudada e descrita. Devido às múltiplas funções de SE, as conclusões a tirar variam de estrutura para estrutura, sobretudo considerando os dois grandes pontos em que esta análise se centra: questões de concordância com SE nominativo e SE passivo e presença/ausência de SE anticausativo e SE inerente.

A proximidade entre diferentes SE, concretamente nominativo e passivo, e a consequente questão da concordância foram pontos abordados neste trabalho. As concordâncias com sujeitos oracionais ou com objetos preposicionais ocorrem com alguma frequência, mas não são pontos críticos de variação e são facilmente resolvidas pelo revisor/consultor. Mais problemática é a concordância com diferentes verbos introdutórios de estruturas não finitas, em que é necessário apurar a hipótese de o clítico ser interpretado como passivo. Os dados mostram que há bastante variação, mas em menor grau com verbos de controlo. Pelos testes efetuados também nos parece que a combinação desta classe de verbos com SE passivo é menos consensual, num *continuum* em que verbos semiauxiliares, perceptivos e causativos apresentam características mais favoráveis à possibilidade de SE nominativo e, consequentemente, à concordância.

No que diz respeito ao clítico SE sem qualquer função argumental, apenas integrando a entrada lexical do verbo, sem causar qualquer impacto na estrutura em que o verbo se insere, analisámos duas situações: a presença/ausência de SE anticausativo e de SE inerente. Pudemos constatar que, acima de tudo, há variação de verbo para verbo. Há verbos mais resistentes à queda do clítico e outros mais permissivos.

Relativamente aos verbos que se combinam com o clítico anticausativo o sentido é bastante relevante. São fundamentalmente os que indicam mudança de estado físico a colocar esta questão da presença ou não do clítico e sobretudo quando usados em sentido literal; o uso em sentido figurado, remetendo para significados mais abstratos ou psicológicos corresponde a uma maior resistência à queda do clítico.

No caso do SE inerente, que ocorre em poucos verbos que não implicam alterações na estrutura argumental, a variação é também de verbo para verbo. Na generalidade dos casos, o PE apresenta maior presença do clítico (tanto anticausativo como inerente), sendo o PB mais permissivo no que toca à sua ausência.

Outro dos aspetos analisados foi a possível interferência entre diferentes estruturas permitidas pelo mesmo verbo, concretamente nos casos de SE inerente com verbos como *lembrar*, *esquecer* e *recordar*, em que o clítico determina um objeto preposicionado, e a sua ausência um objeto direto. Encontrámos duas situações distintas: quase ausência de variação quando o que está em causa é ausência do clítico perante um objeto preposicionado (no PB a variação é considerável) e grande variação nos casos de queda de preposição, sobretudo antes de completiva finita, com valores semelhantes aos do PB. Assim, enquanto os primeiros casos não são problemáticos, já as ocorrências de *queísmo* são bastante significativas e geradoras de dúvida. Parece-nos que a elevada variação e a abertura de alguns instrumentos nos permite uma maior tolerância à queda da preposição, podendo até equacionar-se se não poderá ser considerada como norma.

Além das especificidades de cada estrutura, uma das constatações incontornáveis é a de que os instrumentos disponíveis têm várias lacunas, ora porque a informação é insuficiente, ora porque é assistemática e pouco coerente. Isto leva-nos a sublinhar a importância de sólidos conhecimentos linguísticos por parte do consultor/revisor, que, ao recorrer a estes materiais na sua atividade, deve saber analisar criticamente a informação existente e encontrar respostas por si mesmo quando a informação não existe. Apesar disto, é possível aferir que, dos instrumentos analisados, o *Dicionário Sintático de Verbos Portugueses* serve satisfatoriamente os objetivos do revisor/consultor.

Em suma, julgamos ter contribuído para uma melhor descrição dos contextos de variação de estruturas com SE, de modo a direcionar a atenção em tarefas de revisão e consultoria. Além disso, sugerimos opções a tomar nesse contexto, que, sublinhamos, é geralmente bastante normativo. Não procuramos impor rigidamente determinadas opções, muitas vezes há margem para adaptar as escolhas e em alguns casos a variação é acolhida no seio da norma. Existem, naturalmente, alguns pontos que podem ser aprofundados, em particular o levantamento do comportamento de outros verbos com SE anticausativo, a análise de um maior número de ocorrências de algumas das estruturas e ainda a observação de instrumentos normativos não referidos neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albouy, Gabriela, Barrie, Michel e Frigeni, Chiara (2002). "Derived Reflexives in Romance: The Case of SE". In Sophie Burelle & Stanca Somesfalean (eds.), *Online Proceedings from the 2002 CLA Conference*. Montreal: Université du Quebec a Montreal, pp. 7-14.
http://homes.chass.utoronto.ca/~cla-acl/2002/Alboiu_Barrie_Frigeni_2002.pdf
- Álvarez, Rosario (2005). "A definición dun estándar sintáctico: problemas, cautelas, límites". In Álvarez e Monteagudo, *Norma Lingüística e Variación*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, Instituto da Lingua Galega, pp. 359-376.
- Arim, Eva (2008). "Construções queístas no discurso dos meios de comunicação social portugueses" . *Textos Seleccionados. XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 47-60.
<http://www.apl.org.pt/docs/23-textos-seleccionados/4-Arim.pdf>
- Azeredo, José Carlos de (2008). *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha.
- Bechara, Evanildo (1999) *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna (37.^a edição).
- Bogard, Sergio (1999). "Las construcciones antipasivas en español". *Nueva Revista de Filología Hispanica*, XLVII, 2, pp. 305-327.
<http://aleph.org.mx/jspui/bitstream/56789/27279/1/47-002-1999-0305.pdf>
- Bosque, Ignacio (1985). "Sobre las Oraciones Recíprocas en Español". *Revista Española de Lingüística*, 15 (1), pp. 59-96.
<http://www.uned.es/sel/pdf/ene-jun-85/Bosque.pdf>
- Bosque, Ignacio e Xavier Gutiérrez-Rechax (2009). *Fundamentos de Sintaxis Formal*. Madrid: Ediciones Akal.
- Bosque, Ignacio e Violeta Demonte (eds.) (1999). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Real Academia Española / Espasa Calpe.

- Brito, Ana Maria, Inês Duarte e Gabriela Matos (2003a). “Estrutura da frase simples e tipos de frases”. In Mateus *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 433-506.
- Brito, Ana Maria, Inês Duarte e Gabriela Matos (2003b) “Tipologia e Distribuição das Expressões Nominais”. In Mateus *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 795-867.
- Callou, Dinah (2008). “Gramática, variação e normas”. In Viana, Sílvia e Sílvia Brandão (org.) *Ensino da Gramática: Descrição e Uso*. São Paulo: Contexto, pp. 13-29.
- Carrilho, Ernestina (2003). "Ainda a 'unidade e diversidade da língua portuguesa': a sintaxe". In Ivo Castro and Inês Duarte (eds.) *Razões e Emoção. Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus. Vol. 2*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 19-41.
- http://www.clul.ul.pt/files/ernestina_carrilho/ernestina_carrilho_2003b.pdf
- Carrilho, Ernestina e Sandra Pereira. 2011. "Sobre a distribuição geográfica de construções sintáticas não-padrão em Português europeu". *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp.125-139.
- http://www.apl.org.pt/docs/26-textos-seleccionados/Carrilho_Pereira.pdf
- Castro, Ivo (2003). “O Linguista e a Fixação da Norma”. *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 11-24.
- http://www.clul.ul.pt/files/ivo_castro/2003_linguista_e_norma.pdf
- Castro, Ivo (2006). “Norma Linguística e Ensino do Português”. In *Caderno Escolar. Pensar a escola*, n.º 3. Lisboa, pp. 30-34.
- Chomsky, Noam (1957). *Syntactic Structures*. Haia: Mouton.
- Cinque, Guglielmo (1988). “On Si Constructions and the Theory of Arb”. *Linguistic Inquiry*, 19 (4), pp. 521-581.

http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CDkQFjAA&url=http%3A%2F%2Flear.unive.it%2Fbitstream%2F10278%2F507%2F1%2FOn%2520Si%2520%2520construction%2520and%2520the%2520Theory%2520of%2520Arb.pdf&ei=7x4NUKPJOpHRmAXFmKn4CQ&usg=AFQjCNFVfCc61Yce6qaOYHrhvdtK_Sv_vA&sig2=m3zQ_z_EOH8rKj0La1g9bA

Cintra, Luís Filipe Lindley (1971). “Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses”. In (1983) *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.

Correia, Deolinda (2003). *Passivas e Pseudo-Passivas em Português Europeu - Produção Provocada e Compreensão*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Coseriu, Eugenio (1973). *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos.

Cunha, Celso e Luís Filipe Lindley Cintra (2000). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa (16.^a edição).

Demonte, Violeta (2005). “La esquivia norma del español. Sus fusiones y relaciones con la variación y el estándar”. In Álvarez e Monteagudo, *Norma Lingüística e Variación*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, Instituto da Lingua Galega, pp. 13-29.

Dobrovie-Sorin, Carmen (2005). “The SE-Anaphor and its Role in Argument Realization”. In M. Everaert & Henk van Riemsdijk (eds.), *The Blackwell Companion to Syntax*. Oxford: Blackwell, pp. 118-179.

<http://llf.linguist.jussieu.fr/llf/Gens/Sorin/syncom-proofs-SE-2005a.pdf>

[link acessível a 26/06/2012; indisponível a 15/02/2013]

Duarte, Inês (2003a). “Relações Gramaticais, Esquemas Relacionais e Ordem de Palavras” In Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 275-321.

Duarte, Inês (2003b). “A Família das Construções Inacusativas”. In Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 507-548.

- Duarte, Inês (2003c). “Subordinação Completiva – As Orações Completivas”. In Mateus *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 593-651.
- Duarte, Inês, Gabriela Matos, Anabela Gonçalves e Ilza Ribeiro (2001). “Clíticos Especiais em Português Europeu e Brasileiro”. Comunicação Apresentada ao 2.º Workshop do Projeto *Português Europeu e Português Brasileiro: Unidade e Diversidade na Viragem do Milénio*, Universidade Federal do Ceará.
- Faria, Isabel Hub (2003). “Contacto, Variação e Mudança Linguística”. In Mateus *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 31-37.
- Ferreira, Manuela Barros *et al.* 1996. “Variação linguística: perspectiva dialectológica”. In Faria *et al.*, orgs. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 479-502.
- Fiéis, Alexandra e Ana Madeira (2012). “Predicados de controlo na diacronia do português”. In *Textos Seleccionados do XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 271-284.
- Fonseca, Paula (2010). *Os verbos pseudo-reflexos em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56047/2/TESEMESPAULAFONSECA000128082.pdf>
- Gonçalves, Anabela (1999). *Predicados Complexos Verbais em Contextos de Infinitivo Não Preposicionado do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, Anabela e Teresa da Costa (2002). *(Auxiliar a) Compreender os Verbos Auxiliares*. Lisboa: Colibri.
- Gonçalves, Anabela e Gabriela Matos (2008). “Reestruturação e Anáfora do Complemento Nulo em Português Europeu”. In *Textos Seleccionados do XXIII*

Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 207-223.

http://www.apl.org.pt/docs/23-textos-seleccionados/16-Goncalves_Matos.pdf

Grimshaw, Jane (1997). "The best Clitic: Constraint Conflict in Morphosyntax", in Lilian Haegeman (ed.), *Elements of Grammar*. Dordrecht, Boston e Londres: Kluwer, pp. 169-196.

<http://roa.rutgers.edu/files/250-0398/roa-250-grimshaw-1.pdf>

Hemforth, Barbara e Lars Konieczny (2003). "Proximity in agreement errors". Proceedings of the Conference of the cognitive Science Society in Boston, July/August 2003.

<http://halshs.archives-ouvertes.fr/docs/00/14/29/57/PDF/2301.pdf>

Hernández, Lucía Quintana (2010). "Aktionsart, agentividad y reciprocidad en español". *Philologia Hispalensis*, 24, pp. 143-166.

http://institucional.us.es/revistas/philologia/24/art_8.pdf

Keller, Frank (2000). *Gradience in Grammar – Experimental and Computational Aspects of Degrees of Grammaticality*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Edimburgo.

Langendoen, Terence (1978). "The Logic of Reciprocity". *Linguistic Inquiry*, 9 (2), pp. 177-197.

<http://dingo.sbs.arizona.edu/~langendoen/LogicOfReciprocityOrig.pdf>

Martins, Ana Maria (2003a). "Construções com SE: mudança e variação no português europeu". In Ivo Castro and Inês Duarte (eds.) *Razões e Emoção. Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 163-178.

Martins, Ana Maria (2003b). "Variação e mudança no português". In *A Língua Portuguesa: Actas dos IX Cursos Internacionais de Verão de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais e Instituto de Estudos Sociais, pp. 29-44.

http://www.clul.ul.pt/files/ana_maria_martins/MartinsVariacaoMudanca.pdf

Matos, Gabriela e Duarte, Inês (1986). "SE Impessoal: Sua Caracterização Sintáctica. In *Actas do 1.º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 335-352.

<http://www.apl.org.pt/docs/actas-01-encontro-apl-1985.pdf>

Mateus, Maria Helena Mira (2005) "A mudança da língua no tempo e no espaço". In Mateus & Bacelar (orgs.) *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Editorial Caminho.

http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2005-mhmateus-mudanca_lingua.pdf

Mateus, Maria Helena Mira e Esperança Cardeira (2007). *O Essencial sobre a Língua Portuguesa: Norma e Variação*. Lisboa: Editorial Caminho.

Mendes, Amália. (2004). *Predicados Verbais Psicológicos do Português. Contributo para o Estudo da Polissemia Verbal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Mendicoetxea, Amaya (1999a). "Construcciones con Se: Medias, Pasivas e Impersonales". In Ignacio Bosque e Violeta Demonte (eds.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española. Vol. II: Las Construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales*. Madrid: Espasa/Calpe, pp. 1631-1722.

Mendicoetxea, Amaya (1999b). "Construcciones Inacusativas y Pasivas". In Ignacio Bosque e Violeta Demonte (eds.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española. Vol. II: Las Construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales*. Madrid: Espasa/Calpe, pp. 1575-1629.

Miguel, Afonso João (2006). *Sobre a Referência Indeterminada de Sujeito e Agente da Passiva em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa, Universidade de Lisboa.

http://www.clul.ul.pt/files/telmo_moia/afonsomiguel2006.pdf

Milroy, James (2007). "The ideology of the standard language". In Carmen Llamas, Loïuse Mullany e Peter Sockwell (eds.) *The Routledge Companion to Sociolinguistics*. Routledge: Londres, pp. 133-139.

Móia, Telmo (2004) "Algumas áreas problemáticas para a normalização linguística – disparidades entre o uso e os instrumentos de normalização". *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 109-125.

http://www.clul.ul.pt/files/telmo_moia/tmoia_apl2004.pdf

Móia, Telmo (2008). "Inovação e Desvio no Português Europeu Escrito do Século XXI: Questões de Ortografia, de Léxico e de Gramática". Roundtable « A Língua Portuguesa no Século XXI: Novos Usos – A Língua em Transformação: Novos Usos, Nova Norma?», Encontro Comemorativo «ILTEC (Instituto de Linguística Teórica e Computacional), 20 Anos».

http://www.clul.ul.pt/files/telmo_moia/tmoia_ILTEC2008.pdf

Naro, Anthony (1976). "The Genesis of the Reflexive Impersonal in Portuguese: a Study in Syntactic Change as a Surface Phenomenon". *Language*, 52 (4), pp. 779-810.

<http://www.jstor.org/stable/413295>

Peregrín Otero, Carlos (1999). "Pronombres Reflexivos y Recíprocos". In Ignacio Bosque e Violeta Demonte (eds.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española. Vol. I: Sintaxis Básica de las clases de palabras*. Madrid: Espasa/Calpe, pp. 1427-1518.

Pereira, Sandra (2010). "A informação sintáctica na versão portuguesa do dicionário Houaiss". *Textos Seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 643-659.

<http://www.apl.org.pt/docs/25-textos-seleccionados/43-Sandra%20Pereira.pdf>

Pereira, Sandra (2012). *Protótipo de um Glossário dos Dialectos Portugueses com Informação Sintáctica*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- Peres, João Andrade e Telmo Mória (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho (2.^a edição).
- Raposo, Eduardo e Juan Uriagereka (1996). "Indefinite SE". *Natural Language and Linguistic Theory*, 14 (4), p. 749-810.
<http://www.springerlink.com/content/p35k571221g7m184/fulltext.pdf>
- Reinhart, Tanya (2000). "The theta system: syntactic realization of verbal concepts". (To appear (extended) in the LI Monographs Series, MIT Press).
<http://igitur-archive.library.uu.nl/let/2006-1215-202805/UUindex.html>
- Ribeiro, Pablo Nunes (2010). *A Alternância Causativa no Português do Brasil: A Distribuição do Clítico SE*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/24047/000743616.pdf?sequence=1>
- Ribeiro, Sílvia Isabel do Rosário (2011). *Estruturas com SE anafórico, impessoal e decausativo em português*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa, Universidade de Coimbra.
<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/17893/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Doutoramento%20S%C3%ADlvia%20Ribeiro.pdf>
- Sánchez López, Cristina (ed.) (2002). *Construcciones con se*. Madrid: Visor Libros.
- Schütze, Carson T. (1996). *The Empirical Base of Linguistics: Grammaticality Judgments and Linguistic Methodology*. Chicago: University of Chicago Press.
- Souza, Paulo Chagas de (1999). *A Alternância Causativa no Português do Brasil: Defaults num Léxico Gerativo*. Dissertação de Doutoramento em Linguística, Universidade de São Paulo.
- Vergara, Carlos González (2006). *Las construcciones no reflexivas con «se». Una propuesta desde la Gramática del Papel y la Referencia*. Dissertação de Doutoramento, Universidade Complutense de Madrid.

<http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/vanvalin/rrg/Las%20construcciones%20no%20reflexivas%20con%20se.pdf>

Weinreich, Uriel, William Labov e Marvin Herzog (1968). "Empirical foundations for a theory of language change". In Lehman, W & Malkiel, Y (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, pp. 97-195.

<http://www.utexas.edu/cola/centers/lrc/books/hist05.html>

Zwicky, Arnold (1977). *On clitics*. Indiana University Linguistics Club.

http://www.stanford.edu/~zwicky/on_clitics.pdf

Dicionários

Dicionário Editora da Língua Portuguesa 2010 (2009). Porto: Porto Editora.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2003). (dir. Houaiss, Antônio & M. S. Villar) Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia. Lisboa: Círculo de Leitores [6 vol.].

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2011). (dir. Houaiss, Antônio & M. S. Villar) Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia. Lisboa: Círculo de Leitores [2 vol.].

Busse, Winfried (coord.) (1994). *Dicionário Sintático de Verbos Portugueses*. Coimbra: Almedina.

Corpora

Corpus de Referência do Português Contemporâneo. Base de dados disponível em linha em <http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/>

Corpus NILC/São Carlos. Base de dados disponível em linha em <http://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=SAOCARLOS>

Nota: salvo indicação em contrário, todos os endereços estavam ativos a 15 de fevereiro de 2013

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Síntese dos traços prototípicos dos vários usos de SE - Ribeiro, 2011: 276...	18
Tabela 2. Estruturas de SE indeterminado com verbos preposicionados no plural	38
Tabela 3. Contextos de pluralização do verbo <i>precisar</i>	86
Tabela 4. Entradas do verbo <i>precisar</i>	88
Tabela 5. Entradas do verbo <i>necessitar</i>	88
Tabela 6. Concordância em estruturas não finitas dependentes de diferentes classes de verbos	92
Tabela 7. Entradas de verbos anticausativos - <i>Dicionário Editora da Língua Portuguesa</i>	96
Tabela 8. Entradas de verbos anticausativos - <i>Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa</i>	97
Tabela 9. Entradas de verbos anticausativos - <i>Dicionário Sintático de Verbos Portugueses</i>	101
Tabela 10. Ocorrências de SE anticausativo	104
Tabela 11. Total de ocorrências de verbos anticausativos (pesquisa por lemas no CRPC)	110
Tabela 12. Entradas de <i>lembrar, esquecer e recordar</i> – <i>Dicionário Editora da Língua Portuguesa</i>	112
Tabela 13. Entradas de <i>lembrar, esquecer e recordar</i> – <i>Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa</i>	112
Tabela 14. Entradas de <i>lembrar, esquecer e recordar</i> – <i>Dicionário Sintático de Verbos Portugueses</i>	113

Tabela 15. Ocorrências de [V _(se) de SN]	116
Tabela 16. Ocorrências de [V _(se) de INF]	116
Tabela 17. Ocorrências de [V _{se} (de) que FIN]	117
Tabela 18. Ocorrências de [V _{se} (de) INT]	117
Tabela 19. Entradas de <i>rir, casar, reunir e sentar</i> – <i>Dicionário Editora da Língua Portuguesa</i>	120
Tabela 20. Entradas de <i>rir, casar, reunir e sentar</i> – <i>Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa</i>	120
Tabela 21. Entradas de <i>rir, casar, reunir e sentar</i> – <i>Dicionário Sintático de Verbos Portugueses</i>	121
Tabela 22. Ocorrências de SE inerente	124

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Concordância em estruturas não finitas dependentes de diferentes classes de verbos.....	45
Gráfico 2. Percentagens de ocorrências de SE anticausativo	57
Gráfico 3. Ocorrências de [V _(se) de SN]	61
Gráfico 4. Ocorrências de [V _(se) de INF]	62
Gráfico 5. Ocorrências de [V _{se} (de) que FIN]	63
Gráfico 6. Ocorrências de [Vse (de) INT]	64
Gráfico 7. Ocorrências de SE Inerente.....	66

ANEXO 1. CONTEXTOS DE PLURALIZAÇÃO DO VERBO *PRECISAR*

Tabela 3. Contextos de pluralização do verbo *precisar*

Contexto	Exemplo	N.º
precisar-se de SN	agora até nos jornais diários vêm dizendo: Precisam-se de médicos no hospital de Lagos»	2
precisar-se [] SN	Precisam-se administradores com ordenados chorudos para empresas nacionalizadas ou falidas?	3
[] SN precisar-se	Alívio e... preocupações para o campeonato. Avançados precisam-se!	36
se precisar de SN	E deste modo, uma vez que se precisam de automóveis na vida moderna (...)	1
SN que se precisar de INF	Há, além disso, outras que se precisam de completar, sob pena de não satisfazerem integralmente os fins (...)	1
se precisar [] SN	(...) sentem e recomendam a expansão pecuária, primeiro como regra de que se precisam alimentos abundantes e baratos.	1
SN que se precisar [] INF	Como as quantidades globais que se precisariam utilizar eram avultadas (...)	1
SN [] que se precisar	(...) sem graves perigos para as soluções que se precisam com vista a preparar o futuro.	5
ser [] SN que se precisar (clivada)	Não são comissões de discussão e de regulamentação que se precisam , mas sociedades e agrupamentos de colaboração (...)	1
Total		51

ANEXO 2. ENTRADAS DOS VERBOS *PRECISAR* E *NECESSITAR*

Tabela 4. Entradas do verbo *precisar*

DELP	verbo transitivo 1. calcular ou indicar de modo preciso; determinar; explicitar; particularizar 2. ter precisão de; necessitar de; carecer de
DHLP	1 transitivo directo e transitivo indirecto ter necessidade de; carecer, necessitar <quando precisava (de) algum dinheiro aparecia por lá> <p. de roupas> [...] GRAM a) Na actual norma portuguesa da língua, este verbo, quando na acp. de “ter necessidade de”, pede objecto indirecto; há porém, bom número de abonações de autores clássicos, como Camilo e Bocage, que o empregaram com transitividade directa; na verdade, na língua, a regência deste verbo oscila entre uma coisa e outra, com peso maior para o objecto indirecto, tanto no Brasil como em Portugal, excepto quando a ele se segue outro verbo no infinitivo, caso em que, em Portugal, se usa sempre seguido de preposição (<i>preciso de fazer, precisava de sair, precisou de se explicar</i>), enquanto, no Brasil, tal emprego tem vindo a rarear (<i>preciso fazer, precisava sair, precisou explicar-se</i>) b) depois de <i>precisar</i> a prep. <i>de</i> é freq. omitida antes de complemento oracional (p. ex. <i>Precisava (de) que lhe fornecessem comida</i>)
DSVP	N-V-de N <i>Preciso de dinheiro/de ajuda. A sopa precisa de mais tempero e o arroz de mais sal.</i> N-V-(de) Fc <i>Precisas que te traga alguma coisa da rua? Preciso que me faças um favor.</i> N-V-de I <i>Preciso de fazer compras. O facto de terem morrido assim tantos cientistas precisava de ser cuidadosamente investigado.</i>

Tabela 5. Entradas do verbo *necessitar*

DELP	verbo transitivo 1. ter necessidade de; precisar de; carecer 2. exigir; requerer 3. tornar necessário ou imprescindível 4. privar do necessário 5. obrigar; forçar
DHLP	1 transitivo directo, transitivo indirecto e intransitivo ter necessidade (de); passar necessidade; carecer, precisar <veja se vai n. (de) mais alguma coisa do capelista> <a esmola é para quem necessita> 2 transitivo directo reclamar em função de direito legítimo ou suposto; exigir <boas escolas necessitam bons professores>

	<p>3 transitivo directo</p> <p>fazer que seja necessário <a reforma da casa necessitou grande investimento></p> <p>[...]</p> <p>GRAM depois de <i>necessitar</i>, a prep. <i>de</i> é freq. omitida antes de complemento oracional (p. ex., <i>necessita (de) que o amparemos</i>), o que faz com que alguns autores considerem este verbo tb. transitivo directo</p>
DSVP	<p>N-V-de N <i>Necessito da tua ajuda. A democratização do ensino, <para N, l> timidamente afluída no regime anterior, necessita de meios materiais e humanos que irão levar anos a reunir. A Rodésia continuou a receber todo o combustível de que necessitava. [sc]</i></p> <p>N-V-Fc <i>Ele necessita que lhe dê lições de inglês.</i></p> <p>N-V-de l <i>Hoje não posso falar contigo, ainda necessito de fazer compras. Os computadores profissionais necessitam, por várias razões, de transmitir informações para papel, em listagens. [cp]</i></p> <p>N-V-l * <i>Hoje não posso falar contigo, ainda necessito fazer compras.</i></p>

* “Estruturas, ou partes delas componentes, raramente usadas na linguagem corrente, aparecem em *petit*” [Busse, 1994: IV]

**ANEXO 3. CONCORDÂNCIA EM ESTRUTURAS NÃO FINITAS DEPENDENTES DE
DIFERENTES CLASSES DE VERBOS**

Tabela 6. Concordância em estruturas não finitas dependentes de diferentes classes de verbos

	Singular			Plural		
Dever	11	50	22%	39	50	78%
	→ A meu ver, deve-se estabelecer contratos-programas para haver uma estratégia comum com financiamentos comuns.			→ À semelhança do que já se fez com hospitais e sanatórios, deviam-se estabelecer contratos com as empresas termais [...]		
Poder	9	50	18%	41	50	82%
	→ Pode-se medir algumas dessas necessidades, outras não.			→ Efectivamente, podem-se reduzir as importações, [...]		
Começar a	11	50	22%	39	50	78%
	→ Mas dentro do PSD e do grupo parlamentar começa-se a ouvir algumas vozes insistentes [...]			→ E quando se começam a ouvir algumas hesitantes palmas, sucede-nos ficar perplexos:		
Continuara	12	50	24%	38	50	76%
	→ Aqui, continua-se a fazer propostas em que se mudam vírgulas, acrescentam palavras vazias, [...]			→ Não me calarei e denunciarei aqui que no nosso país se continuam a fazer obras de fachada, [...]		
Querer	40	50	80 %	10	50	20%
	→ [...] quis-se estabelecer os equilíbrios financeiros fundamentais.			→ [...] sempre que nele se quiserem estabelecer excepções à lei geral.		
Conseguir	30	50	60%	20	50	40%
	→ [...] conseguiu-se atingir objectivos que a Comissão da Condição Feminina se propôs [...]			→ Não é complicando o processo que se conseguem atingir os objectivos [...]		
Tentar	43	50	86%	7	50	14%
	→ Quanto mais se tenta arranjar critérios, fundamentar, justificar, mais complicada se torna a coisa [...]			→ Estabeleceu -se a polémica, desenharam -se imagens virtuais, tentaram-se arranjar justificações [...]		

Procurar	43	50	86%	7	50	14%
	→ Estudo que se encontra ultimado e no qual se procurou encontrar soluções para aspectos actualmente incontroláveis [...]			→ Agora, procuram-se encontrar todas as justificações para os erros [...]		
Pretender	41	50	82%	9	50	18%
	→ Pretende-se criar os mecanismos necessários para garantir a viabilidade económico-financeira [...]			→ [...] pretende-se, sim, reconhecer a sua importância social, pretendem-se criar mecanismos de apoio.		
Deixar	16	50	32%	34	50	68%
	→ [...] da situação em que se deixou cair as relações entre as magistraturas judiciais e do Ministério Público?			→ A montante, é também lamentável o aviltamento em que se deixaram cair os serviços tutelares de menores.		
Mandar	12	48	25%	36	48	75%
	→ Também é urgente que se mande reformular as instalações do Banco do Hospital [...]			→ [...] anunciar que se mandaram construir duas bancadas para completar o hemiciclo.		
Ouvir	2	17	17%	15	17	83%
	→ De vez em quando, lá se ouve anunciar umas concessõezitas dos parceiros comunitários [...]			→ [...] quando já a parte baixa da cidade escurece, ouvem-se gritar soldados nas muralhas do castelo, [...]		
Ver	1	31	3%	30	31	97%
	→ [...] onde se vê prosperar os medíocres e estiolar a classe superior;			→ Nos limos da ribeira, por baixo da ponte, vêm-se ondear as enguias.		

ANEXO 4. ENTRADAS DE VERBOS ANTICAUSATIVOS

Tabela 7. Entradas de verbos anticausativos - *Dicionário Editora da Língua Portuguesa*

Evaporar	verbo pronominal 1. transformar-se em vapor por evaporação 2. evolar-se; desaparecer
Derreter	verbo pronominal 1. liquefazer-se 2. <i>figurado</i> dissipar-se; desfazer-se 3. <i>figurado</i> comover-se; enternecer-se 4. <i>figurado</i> apaixonar-se
Dissolver	verbo pronominal 1. sofrer dissolução 2. desfazer-se 3. deixar de ter existência 4. dissipar-se
Congelar	verbo intransitivo 1. tornar-se gelo 2. formar gelo 3. tornar-se frio como gelo; regelar verbo pronominal solidificar-se
Cristalizar	verbo intransitivo 1. converter-se em cristal 2. <i>figurado</i> permanecer em certa forma ou estado 3. <i>figurado</i> não progredir
Solidificar	verbo transitivo, intransitivo e pronominal 1. tornar(-se) sólido; congelar; endurecer 2. tornar(-se) estável, firme
Encher	verbo pronominal 1. ficar cheio ou repleto 2. saciar-se; fartar-se 3. <i>coloquial</i> perder a paciência; aborrecer-se, chatear-se
Esvaziar	verbo pronominal 1. ficar vazio 2. <i>figurado</i> perder o significado
Dissipar	verbo pronominal 1. espalhar-se; evaporar-se 2. desvanecer-se; desaparecer
Partir	verbo pronominal 1. quebrar-se
Romper	verbo pronominal 1. abrir-se 2. rasgar-se 3. interromper-se 4. suspender-se
Quebrar	verbo pronominal 1. partir-se 2. perder o vigor, a força moral 3. requebrar-se 4. cessar
Afundar	verbo pronominal 1. submergir-se 2. <i>figurado</i> meditar 3. <i>figurado</i> arruinar-se 4. <i>figurado</i> perder-se
Abrir	verbo pronominal 1. descerrar-se 2. ser franco 3. desabafar 4. revelar-se 5. declarar-se
Fechar	verbo pronominal 1. encerrar-se 2. terminar 3. calar-se; retrain-se 4. tornar-se mais denso ou mais escuro

Nota: nestas transcrições, e em todas as outras, só foram transcritos os excertos que consideramos relevantes para o nosso trabalho.

Tabela 8. Entradas de verbos anticausativos - *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*

	Sentido Literal	Sentido Figurado
Evaporar	<p>1 transitivo directo, intransitivo e pronominal transformar(-se), converter(-se) [líquido] em vapor <e. a água do mar para obter sal> <os perfumes mal vedados acabam por se e.> <e.-se a água contida num recipiente></p>	<p>5 transitivo directo, intransitivo e pronominal <i>sentido figurado.</i> fazer desaparecer ou desaparecer; dissipar(-se), sumir(-se) <ele evaporou as últimas chances de um bom negócio> <nas mãos dele o dinheiro evapora facilmente> <evaporou-se no meio da multidão></p>
Derreter	<p>1 transitivo directo, intransitivo e pronominal fazer passar ou passar ao estado líquido sob a acção do calor ou de outro agente qualquer; liquefazer(-se), dissolver(-se), fundir(-se) <d. um metal> <o gelo derreteu> <o gelado derreteu(-se) antes de o consumir></p>	<p>3 transitivo directo e pronominal <i>sentido figurado.</i> fazer sentir ou sentir-se em emoção intensa; enternecer(-se), comover(-se) <aquelas palavras derreteram-no> <o seu coração de pai derretia-se com as graças da criança> 4 pronominal <i>Derivação: sentido figurado.</i> ser excessivo em manifestações de sentimentos, de estados de espírito; desfazer-se em <d.-se em lágrimas> <d.-se em risos> <d.-se em amabilidades></p>
Dissolver	<p>1 transitivo directo e pronominal desfazer(-se) uma substância sólida, em pó ou pastosa, num meio líquido, de maneira que forme uma mistura homogénea; liquefazer(-se), derreter(-se) <d. sal e açúcar> <o açúcar não se dissolveu inteiramente> 2 transitivo directo e pronominal desagregar(-se), dispersar(-se), dissipar(-se) <o vento dissolveu as nuvens> <ao meio-dia a bruma matutina dissolvera-se> 5 transitivo directo e pronominal decompor(-se); desintegrar(-se) <a água do lago dissolveu a matéria orgânica> <os cristãos crêem que o corpo se dissolve, mas a alma permanece íntegra></p>	<p>3 transitivo directo e pronominal <i>sentido figurado.</i> fazer desaparecer ou desaparecer; dissipar(-se), eliminar (-se), resolver(-se) <as suas explicações dissolveram todas as nossas dúvidas> <à vista dos argumentos, a sua desconfiança dissolveu-se> 4 transitivo directo e pronominal <i>Derivação: sentido figurado.</i> acabar com a existência (própria ou de algo); romper(-se), desagregar(-se), extinguir(-se) <d. o parlamento> <a polícia dissolveu a manifestação> <o conselho dissolveu-se> 6 transitivo directo e pronominal <i>Derivação: por metáfora.</i> estragar(se), corromper(-se) <o narcotráfico está a dissolver as bases da sociedade> <no império decadente, dissolviam-se os costumes></p>

Congelar	<p>1 transitivo directo, intransitivo e pronominal fazer passar ou passar (um corpo) do estado líquido ao estado sólido por acção do frio <o álcool dificilmente (se) congela></p> <p>1.1 transitivo directo, intransitivo e pronominal transformar ou transformar-se (um líquido) em gelo; gelar <não congele a sobremesa> <o refrigerante congelou(-se)></p>	
Cristalizar	<p>1 transitivo directo, intransitivo e pronominal fazer ganhar ou ganhar a contextura e a forma do cristal; passar a ter ou constituir cristais; transformar(-se) em cristal <cristalizou as frutas que sobraram> <o mel verdadeiro cristaliza(-se)></p>	<p>2 transitivo directo, intransitivo e pronominal <i>por metáfora.</i> estratificar(-se), imobilizar(-se) <o sectarismo acabou cristalizando as suas opiniões> <só a partir daí a sua ambição cristalizou> <o projecto há de c.(-se) na luta></p> <p>4 intransitivo e pronominal manter num mesmo estado; estacionar <a doença cristalizara, o seu estado era letárgico> <o projeto cristalizou(-se) já nos tímidos começos></p>
Solidificar	<p>1 transitivo directo, intransitivo e pronominal converter(-se) de líquido em sólido; congelar(-se), endurecer, cristalizar <o frio solidifica a água> <no Inverno, a água solidifica(-se)></p>	<p>2 transitivo directo e pronominal <i>por metáfora.</i> tornar(-se) sólido, estável, firme, durável <golpes de Estado não solidificam a democracia> <com as novas medidas solidifica-se o poder central></p> <p>3 transitivo directo e pronominal <i>Derivação: por metáfora.</i> tornar(-se) robusto, resistente <s.(-se) a fé dos paroquianos></p>
Encher	<p>1 transitivo directo e pronominal ocupar determinado espaço ou determinado volume; tornar(-se) cheio ou pleno <e. o copo> <a banheira encheu-se rapidamente></p> <p>6 transitivo directo existir ou apresentar-se em considerável quantidade em <multidões enchem as praças></p>	<p>5 transitivo directo irradiar-se ou espalhar-se por <o seu perfume encheu o ambiente></p>

Esvaziar	<p>1 transitivo directo tornar vazio, desguarnecido; verter o conteúdo de alguma coisa; descarregar <e. uma caixa></p> <p>1.1 transitivo directo beber (de um continente) todo o seu conteúdo <sedento, esvaziou o copo></p> <p>3 transitivo directo e pronominal deixar ficar ou ficar despovoado; desocupar (recinto) <a chuva forte esvaziou as ruas> <com os deputados em campanha, a assembleia esvaziou-se></p>	<p>5 transitivo directo e pronominal <i>sentido figurado.</i> retirar a significação, o relevo de (alguma coisa) <os jornais tentaram e. a manifestação da oposição> <com aqueles escândalos, sua candidatura esvaziou-se></p>
Dissipar	<p>1 transitivo directo e pronominal fazer desaparecer ou desaparecer; dispersar(-se), desfazer(-se), espalhar(-se) <o sol dissipou a neblina> <o nevoeiro já se dissipara></p>	<p>1.1 transitivo directo e pronominal <i>sentido figurado.</i> <o tempo dissipou a saudade> <os seus temores dissiparam-se> <temos de lutar para d. esta nova dificuldade> <os perigos ainda não se dissiparam></p>
Partir	<p>1 transitivo directo e pronominal dividir(-se) em partes, fazer(-se) em porções ou pedaços; separar ou ficar separado, em pedaços, em duas ou mais partes ou porções <partiu a hóstia e tomou-a com o vinho> <as células partem-se na mitose> <a Coreia partiu-se em duas depois da Guerra de 1950></p> <p>1.1 transitivo directo e pronominal danificar(-se) ou destruir(-se), quebrando <p. um relógio, atirando-o contra a parede> <arremessado contra o chão, o prato partiu-se> <a escada partiu-se, e ela caiu></p> <p>1.2 transitivo directo e pronominal causar ou sofrer fratura <a pancada partiu-lhe o punho> <seu fémur partiu-se em dois no desastre></p>	
Romper	<p>13 transitivo directo e pronominal reduzir a ou fazer-se em pedaços; partir(-se), fragmentar(-se), quebrar(-se)</p> <p>14 transitivo directo e pronominal separar(-se) em duas ou mais partes, com violência; rebentar <o touro rompeu o laço a que se prendia> <a corda rompeu-se, assustando o trapezista></p> <p>15 transitivo directo e pronominal gastar(-se) até ao fim; desfazer(-se) em pedaços; estragar(-se), rasgar(-se), consumir(-se) <rompeu as botinas nas caminhadas até a casa da namorada> <as luvas romperam-se></p>	<p>8 transitivo directo fazer desaparecer; afastar, desfazer, eliminar <r. os entraves></p>

Quebrar	<p>1 transitivo directo, intransitivo e pronominal reduzir(-se) a pedaços; fragmentar(-se), despedaçar(-se), romper(-se) <q. o vidro sem querer> <o vidro quebrou(-se) com a trepidação></p>	<p>5 transitivo directo e pronominal pôr termo a ou chegar a termo; acabar, interromper, cortar; desfazer(-se), dissipar(-se) <a música estridente quebrou o tédio> <quebrou-se a nuvem de poeira></p>
Afundar	<p>1 transitivo directo, bitransitivo, intransitivo e pronominal ir ou fazer ir ao fundo; imergir <afundou o pé numa poça de água> <com vento e mar revolto, vários chapéus (se) afundaram></p> <p>12 transitivo directo, intransitivo e pronominal <i>Rubrica: termo de marinha.</i> meter ou ir a pique; naufragar, submergir (-se) <as bombas afundaram o navio> <vários barcos afundaram> <o iate afundou(-se)></p>	<p>6 intransitivo e pronominal tornar-se frustrado; malograr-se <os seus projectos afundaram(-se)></p> <p>9 transitivo indirecto e pronominal <i>Derivação: sentido figurado.</i> deixar-se imergir, mergulhar; engolfar-se <a.(-se) em lembranças></p> <p>10 pronominal deixar de ser percebido; desaparecer, perder-se, extinguir-se <a lucidez afunda-se na perturbação emocional></p> <p>11 pronominal chegar ao fim; extinguir-se, acabar-se <sentia que a sua vida se afundava></p>
Abrir	<p>1 transitivo directo franquear (abertura ou passagem), afastando ou deslocando aquilo que veda ou fecha <a. a porta> <a. o alçapão></p> <p>2 transitivo directo descerrar, desunir as partes móveis de <a. a boca, os olhos></p> <p>5 transitivo directo e pronominal efectuar (a desobstrução) de; franquear <a remoção da pedra abriu a estrada> <com a remoção do entulho, abriu-se o caminho></p>	
Fechar	<p>transitivo directo 1 tapar a abertura de <f. as torneiras> <f. um buraco></p> <p>transitivo directo, bitransitivo e pronominal 2 impedir a comunicação entre o interior e o exterior feita por (porta, janela, entrada, saída, fronteira etc.) <f. a fronteira (para os refugiados)> <a porta fechou-se de repente></p> <p>transitivo directo e pronominal 7 cerrar(-se), unir(-se) ou juntar(-se) o que está separado, aberto, cortado; unir os bordos ou os lábios de um ferimento <f. as cortinas> <o grampo era perfeito para f. cortes cirúrgicos> <a sua boca fechou-se rapidamente></p>	

Tabela 9. Entradas de verbos anticausativos - *Dicionário Sintático de Verbos Portugueses*

Evaporar	2. N-V _{se}	<i>A água evaporou-se. A alegria dele evaporou-se. _Tenho pena. Apetecia-lhe deitar-se, esquivar-se, chorar até poder dormir, minguar, evaporar-se, deixar de existir. (pc)</i>
	3. N-V	<i>A água evaporou (com o calor).</i>
Derreter	4. Nc-V _{se}	<i>Tanto calor lhe dei que o metal se derreteu.</i>
	5. Np-V _{se} <de N>	<i>Sempre que o via a brincar com o filho derretia-se de prazer.</i>
	6. Np-V _{se} -por Np	<i>Quando a Maria cantava, eles derretiam-se todos por ela.</i>
	8. Np-V _{se} - em N	<i>Ela derrete-se em atenções, em gentilezas. Derreteu-se-lhe o coração em ternura.</i>
	9. N-V	<i>Brilhou o sol e a neve acabou por derreter.</i>
Dissolver	2. N-V _{se} (L, em N)	<i>O açúcar dissolveu-se (no café).</i>
	4. N-V _{se}	<i>Fizeram uma sociedade para montar a metalurgia, mas era tão frágil que acabou por dissolver-se uns meses depois.</i>
Congelar	2. N-V <com N>	<i>A água congelou (com o frio). Com este frio congela-se.</i>
Cristalizar		Não surge no dicionário.
Solidificar		Não surge no dicionário.
Encher	2. N-V _{se} -(de N)	<i>Encheu-se de morangos. A banheira enche-se (de água). A cidade enche-se (de gente). Ele encheu-se (da Alemanha).</i>
	4. N-V _{se} -de N	<i>A cozinha enche-se de água / de fumo. Encheu-se de dinheiro e não liga mais aos amigos.</i>
Esvaziar	2. N-V _{se}	<i>A vasilha partiu-se e esvaziou-se. O pneu esvaziou-se num instante.</i>
	4. N-V _{se} -de N	<i>De tão usado, esse termo esvaziou-se de sentido.</i>
Dissipar	2. N-V _{se}	<i>As trevas/a neblina/o medo/as dúvidas dissiparam-se. Depressa se dissipara o túbio interesse inicial da noiva agradecida, de quem ele fizera “uma senhora”. (pc)</i>
Partir	2. Nc-V _{se}	<i>Partiram-se-me duas costelas. Partiu-se-me o copo. Ao cair, o prato partiu-se. Partiu-se-lhe o coração com a morte do pai.</i>
	4. N-V _{se} -(em Npl)	<i>O prato partiu-se em duas metades, ao meio. Um barco de carreira embateu contra um tronco e partiu-se em dois. (dn)</i>

Romper	2. N-V _{se}	<i>Olha, rompeu-se-me a saia. Ultimamente, então, haviam-se rompido entre eles os últimos fios de uma compreensão que ambos sabiam já fictícia. (pc) Denunciar os dramas, mas também as causas, foi aqui que se rompeu o consenso. (dn)</i>
	3. N-V	<i>Os canos romperam. O dia começara a romper. Rompia a madrugada quando ela adormeceu. Uma voz de mulher rompeu então no meio da multidão: Morte ao conde!...É um traidor, um vil, um homicida! (av)</i>
Quebrar	2. N-V _{se}	<i>O jarro quebrou-se. As ondas quebraram-se já longe da praia.</i>
	3. N-V	<i>O vidro da janela quebrou, mas ele não se cortou.</i>
Afundar	2. N-V _{se}	<i>O submarino francês explodiu e afundou-se. (dn)</i>
	3. N-V	<i>O navio ia afundando sem que ninguém pudesse intervir.</i>
	5. N-V _{se} -em N	<i>Afundou-se na bebida. Afundar-se em recordações.</i>
Abrir	2. Nc-V _{se}	<i>O pára-quedas não se abriu. As paredes abriram-se com o terramoto. Se sonhei, que representa este sonho?_E aqui se abriria uma interessante discussão tendente a saber porque me identifico com a Morte. (tm)</i>
	4. Nc-V <com N>	<i>As galerias já abriram às 8 horas. O pára-quedas não abriu a tempo. As paredes abriram com o terramoto. O tempo abriu.</i>
Fechar	2. Nc-V _{se}	<i>A porta fechou-se. A janela fechara-se.</i>

ANEXO 5. OCORRÊNCIAS DE SE ANTICAUSATIVO

Tabela 10. Ocorrências de SE anticausativo

	Presença de SE – PE						Presença de SE – PB					
	Sentido Literal			Sentido Figurado			Sentido Literal			Sentido Figurado		
Evaporar	43	50	86%	50	50	100%	6	18	33,3%	11	19	57,9%
	→ [...] os materiais voláteis , como o gelo, evaporaram-se devido à proximidade com a nossa estrela. → [...] que depois se vão concentrando à medida que a água evapora .			→A propósito deste como que evaporar-se parcial do influxo de Nobre da consciência poética contemporânea.			→Ao utilizar o ar-condicionado, em menos de uma hora a água do radiador se evapora [...] →Cerca de 80 % do mercúrio queimado evapora e vai para a atmosfera.			→No Brasil a discussão se evapora . → O restante evaporou das prateleiras.		
Derreter	25	50	50%	13	13	100%	4	36	11,1%	13	13	100%
	→Espalhas sal no chão e uma parte do gelo derrete-se , deixando à vista a pedra que está debaixo. →Glaciares dos Alpes franceses estão a derreter com o calor [...]			→Entretanto o homem derretia-se em elogios à sua terra: Não imagina!			→ [...] e duas velas de cera derretiam-se no lugar do bom e do mau ladrão. → E o sorvete derrete no congelador.			→ O presidente eleito Fernando Henrique Cardoso derreteu-se em elogios ao Mercosul [...]		
Dissolver	50	50	100%	50	50	100%	20	22	90,9%	50	50	100%
	→ [...] são recolhidos porque, entretanto, o sal se dissolveu e a droga subiu à superfície.			→ [...] a personalidade dos rapazes dissolve-se , ao passo que a vida rústica modela-os.			→ Na água se dissolvem quase todas as substâncias, como açúcares, proteínas e sais. → Evite produtos à base de gel, que dissolvem na água.			→De mãos atadas, o grupo se dissolve .		

Congelar	2	41	4,9%				1	18	5,6%			
	→[...] todo esse rés-do-chão se congelava com um frio mineral, uma frescura de catacumbas. →[...] a água, quando pura, e à pressão atmosférica normal, congela a 0°C e entra em ebulição a 100°C.						→[...] preferiram contornar as águas ou aguardar que eles se congelem permitindo passagem. →No inverno, toda essa água congela e vira um imenso rínque de patinação.					
Cristalizar	1	25	4%	23	50	46%	4	6	66,7%	35	36	97,2%
	→[...] amontoava-se de pedregulhos sobrepostos de nuvens e o meu mijo cristalizava-se no húmido ar de Inverno e espumava na terra [...] →É um metal duro e frágil, de cor branca prateada e cristaliza em romboedros.			→[...] para lançar mais uns avisos sobre os riscos da União Europeia se cristalizar na sua vertente económica. →As leis não devem nem podem cristalizar .			→ Contudo, acima de 2.000 atmosferas, a água se cristaliza em várias formas diferentes [...] → Devia estar ali há anos; a areia tinha cristalizado no seu interior.			→ Foi lendo isso que uma coisa que já andava rondando minha cabeça se cristalizou . → O ego, Freud argumentou, é um fenómeno secundário; é uma estrutura que cristaliza ' fora ' da anonimidade cósmica.		
Solidificar	7	45	15,6%	34	44	77,2%	5	8	62,5%	11	11	100%
	→ [...] o orifício tapado com borra de alcatrão que facilmente se solidifica ou com qualquer outra substância que impeça a entrada de outros [...] →[...]por exemplo, a água solidifica a 273 K (0°C) e o metanol a 179 K (-94°C).			→A fama de Barnard ia- se solidificando . →O mercado vai alargar, crescer, solidificar : até 2007, segundo as previsões apresentadas esta semana [...]			→Se isso ocorrer, a água se solidifica e aumenta de volume [...] → [...] quando os veios da fusão solidificaram .			→O cristianismo solidificou-se com a perseguição romana.		

Encher	41	50	82%	50	50	100%	29	40	72,5%	29	29	100%
	→ O Estádio da Luz encheu-se de novo na estreia de Graeme Souness. → "Habitualmente, e segundo a minha experiência, os estádios não enchem na totalidade antes das competições finais [...]			→ [...] na capital de Timor Lorosae encheu-se de alegria para festejar a liberdade.			→ Quando se anunciava um bombardeio, num segundo, o terraço do Passeio Público se enchia . → «Em época de safra, os armazéns enchem e com juros altos não é aconselhável fazer estoques»			→ [...] os brasileiros se encheram de orgulho.		
Esvaziar	47	50	94%	49	50	98%	12	21	57,1%	20	21	95,2%
	→ No verão a cidade esvazia-se , só cá fico eu mais três ou quatro pobres coitados [...] → Lá para o final do Verão, quando a praia esvaziar , a Nazaré terá, pelo menos, mais um habitante [...]			→ [...] que não pode , e essa é a questão central, é esvaziar-se a garantia de um tempo mínimo de intervenção. → Aliás, é a expressão de uma capa a esvaziar .			→ Ia a 320 km/h, durante treino, quando um pneu traseiro se esvaziou . → Meia hora mais tarde a festa esvaziou .			→ Esvazia-se a estratégia do PT de vencer no primeiro turno. → Quercia diz que campanha de FHC está esvaziando e volta a atacar Ciro [...]		
Dissipar	50	50	100%	50	50	100%	10	10	100%	31	31	100%
	→ [...] a transpiração dos azulejos dissipava-se pouco a pouco [...]			→ [...] o seu desânimo estudioso dissipava-se por magia.			→ As nuvens de tempestade saíram do continente em direção ao oceano Atlântico e se dissiparam .			→ A julgar pelas previsões do ministro, as sombras não se dissiparam de todo [...]		

Partir	47	50	94%				18	23	78,3%			
	→ E os ruídos, gritos, passos e garrafas que se partem são aqui tão importantes como a música». → A corda esticou demasiado, parece que não partiu [...]						→ O italiano bateu sobre a pedra com o vaso que se partiu em pedaços. → Com o impacto, o carro partiu ao meio.					
Quebrar	33	50	66%	48	50	96%	19	50	38%	27	28	96,4%
	→ [...] foi atingido por um cano cheio de vapor que se quebrou . → [...] construiu um ninho tão pesado que o ramo da figueira de repente quebrou e lá foi tudo parar ao chão!			→ Estava a quebrar-se a fúria da onda popular. → Quanto mais estática for a política da "coesão" nacional baseada no centralismo, no século e na Europa da descentralização, mais possibilidades terá de quebrar , porque maior será [...]			→ Em caso de impacto sobre o pára-brisas, o vidro se quebra em lascas longas e cortantes [...] → [...] usou filamentos de fios de algodão carbonizado por aquecimento em forno, mas esses filamentos quebravam facilmente.			→ [...] não significa necessariamente que o encanto se quebrou . → Se aumentarem os salários, o plano também quebra , porque haverá crescimento inevitável do consumo [...]		
Romper	44	50	88%	45	50	90%	38	50	76%	37	37	100%
	→ [...] o aeróstato foi tocar na cornija do palácio, onde se rompeu , descendo depois devagar [...] → [...] muitas dessas fibras, e são milhões, rompem .			→ [...] só não prosseguiu exactamente porque a coligação se rompeu . → É também a mera gestão corrente que está a romper .			→ Peritos suecos afirmam que a rampa frontal da balsa se rompeu , provocando o naufrágio [...] → [...] a galeria não suportou o volume de água que veio do lago do Ibirapuera e rompeu .			→ A estabilidade logo se rompeu e a república teve de optar por uma política de austeridade.		

Afundar	43	50	86%	48	50	96%	2	50	4%	17	50	34%
	→ [...] onde o submarino nuclear russo “Kursk” se afundou no sábado com 118 homens a bordo. → [...] que no momento em que o Kursk afundou já não havia ninguém vivo a bordo [...]			→ Se o general tivesse um discurso politicamente correcto, não se afundava tanto [...] → Apelamos à cooperação do mundo inteiro, porque, se a Rússia afundar , virá uma nova guerra fria [...]			→ Ainda a espuma não se apagara, e já a piroga inimiga se afundou , parecendo que a tragara uma baleia. → Segundo a PM, o barco afundou por excesso de peso.			→ O vocalista Steven Tyler e o guitarrista Joe Perry se afundaram nas drogas. → Sem ele, o Palmeiras afunda .		
Abrir	36	50	72%				39	50	78%			
	→ [...] a válvula abre-se permitindo que o óleo se dirija ao cilindro [...] → Em V-2 - a válvula de descarga abre e o ar e é impulsionado [...]						→ Houve tumulto quando as portas se abriram . → Ela e o motorista Edílson Osório Rosa estavam na cabine, quando a porta do caminhão abriu .					
Fechar	43	50	86%				13	25	52%			
	→ O homem estava entregue. E os portões do Linhó fecharam-se . → A cozinha era atroz, as portas não fechavam . [...]						→ Nisto ouviram-se bater em baixo as portas do armazém, que se fechavam [...] → Um dos homens atirou uma granada M-2 e a porta fechou [...]					

ANEXO 6. TOTAL DE OCORRÊNCIAS DE VERBOS ANTICAUSATIVOS

Tabela 11. Total de ocorrências de verbos anticausativos (pesquisa por lemas no CRPC)

Verbo	Total de Ocorrências
Evaporar	331
Derreter	535
Dissolver	1826
Congelar	836
Cristalizar	219
Solidificar	273
Encher	6 651
Esvaziar	1 436
Dissipar	944
Partir	11 263
Quebrar	3 593
Romper	5 131
Afundar	1 561
Abrir	42 926
Fechar	14 631

ANEXO 7. ENTRADAS DOS VERBOS *LEMBRAR*, *ESQUECER* E *RECORDAR*

Tabela 12. Entradas de *lembrar*, *esquecer* e *recordar* – *Dicionário Editora da Língua Portuguesa*

Lembrar	verbo transitivo 1. trazer à memória; recordar 2. comemorar; celebrar 3. sugerir 4. admoestar verbo intransitivo vir à memória verbo pronominal recordar-se
Esquecer	verbo transitivo 1. deixar fugir da memória; olvidar 2. não fazer caso de; desprezar 3. omitir verbo intransitivo 1. sair da lembrança 2. perder a sensibilidade verbo pronominal 1. não se lembrar 2. enlevar-se 3. meditar nalguma coisa, com abstração de tudo o mais
Recordar	verbo transitivo 1. trazer à memória, relembrar, rememorar 2. ter analogia ou semelhança com 3. estudar outra vez verbo pronominal lembrar-se

Tabela 13. Entradas de *lembrar*, *esquecer* e *recordar* – *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*

Lembrar	1 transitivo directo e bitransitivo trazer (algo) à memória (própria ou de outrem); recordar, relembrar <conversavam os dois lembrando os tempos passados> <lembrou ao amigo a antiga promessa> 2 transitivo directo e pronominal guardar ou ter (algo ou alguém) na lembrança; recordar(-se) <lembravam a figura do João com saudade> <lembro-me da figura do João com saudade>
Esquecer	1 transitivo directo e pronominal perder a lembrança de; não pensar em; olvidar <não consegue e. a ex-namorada> <e. as coisas ruins> <e. o passado> <e.-se do que passou> <e.-se da sua terra natal> Obs.: ver GRAM/USO a seguir 2 transitivo directo, transitivo indirecto e pronominal deixar escapar da memória; não se lembrar de <ela esqueceu (d)o livro que me havia prometido> <ele esqueceu-se da reunião> 3 bitransitivo deixar (algo) por distração, pressa, falta de atenção etc. <esqueceu o guarda-chuva no táxi> 4 transitivo directo deixar de lado; abandonar <e. a ambição> <e. o cigarro> <esqueça as dietas> 5 transitivo directo desprezar, desdenhar <e. os amigos> <e. a dor> 6 transitivo directo, transitivo indirecto e pronominal descuidar-se de; relaxar-se com <tem esquecido (d)as obrigações> <vive tão ocupada que se esquece de si mesma>

	<p>Gramática e uso - a) são possíveis outras construções com o v. esquecer, hoje p.us. e próprias da linguagem formal, como <i>esqueceu-nos o cinema ontem</i> (= <i>esquecemos o[ou do] cinema ontem</i>), e <i>o semblante dela esqueceu</i> (= <i>o semblante dela foi esquecido</i>) b) a construção <i>esquecer de (algo ou de fazer algo)</i> é comum na língua falada coloquial brasileira e tb. muito us. na literatura escrita, embora alguns gramáticos a condenem (p.ex.: <i>esqueci do seu livro</i>; <i>esqueci de comprar os bilhetes</i>) c) a regência t.d. foi consid. gal. pelos puristas, que sugeriram no seu lugar: <i>esquecer-se de</i></p>
Recordar	<p>1 transitivo directo, transitivo indirecto, bitransitivo e pronominal fazer voltar à memória ou vir de novo à memória; lembrar(-se) <r. a mocidade> <não me recorda bem o nome do filme> <recordei-lhe a nossa viagem> <ao acordar, recordou-se de tudo></p>

Tabela 14. Entradas de *lembrar*, *esquecer* e *recordar* – *Dicionário Sintáctico de Verbos Portugueses*

Lembrar	1. Np-V-Ncp	<i>Todas as tardes o velho sentava-se à beira do rio e lembrava o tempo em que D. Carlos visitava a cidade. Lembro com saudades os meus tempos de faculdade. Às vezes ainda lembrava o pai, mas a distância já ia apagando as sua últimas marcas.</i>
	6. Np-Vse-de N	<i>Lembra-se do acidente? Lembro-me neste momento, mais delas do que de ti.[po]</i>
	7. Np-Vse-(de)Fi	<i>Lembras-te que havia aqui perto um café? De repente lembrou-se (de) que tinha deixado o fogão ligado.</i>
	8. Np-V _{se} -de como Int	<i>Lembro-me de como chovia na viela, quando, guiado por um anúncio de jornal, bati à porta daquela casa esguia e sórdida. [np]</i>
	9. Np-V _{se} -Int	<i>Lembra-se se ele tinha aulas?</i>
	10. Np-V _{se} -de I	<i>Lembro-me de ter comprado aqui um casaco para minha mulher.</i>
	11. Np-V-de N	<i>BRAS.: Eu lembro sempre de você.</i>
Esquecer	1. Np-V-N	<i>Nunca mais esqueceria aquele terror debilitante, aquela vergonha de que a descobrissem, de que a enxovalhassem, o medo de ser marcada com um ferrete qualquer, de gado humano.[pc] Esqueci-o.</i>
	2. Np-V-Fi	<i>Não esqueceu que ele tinha prometido levá-la a Lisboa.</i>
	3. Np-V-I	<i>Esqueci ter dito isso.</i>

	4. Np-V _{se} -de N	<i>O João esqueceu-se da reunião.</i>
	5. Np-V _{se} -(de) Fi	<i>Eu já me esquecera (de) que ele tinha sido campeão nacional. Ó pá, desculpa lá não te ter ido esperar, mas é que me esqueci que chegavas hoje. Não se esqueça de que só o amor vale a pena! [np]</i>
	6. Np-V _{se} -de Int	<i>Já me esqueci de como se joga xadrez.</i>
	7. Np-V _{se} -de I	<i>Ouvi-o ralar à hospedeira do sorriso esplendoroso, que se esquecera de lhe perguntar se queria café. [np]</i> <i>Esqueci-me totalmente de te telefonar.</i>
	8. Np-V-N-L	<i>Esqueci o guarda-chuva no metro.</i>
	9. Np-V _{se} -de N-L	<i>Esqueci-me do livro em casa.</i>
Recordar	1. Npc-V-N	<i>Eu recordava as férias/o João. Estes prédios recordam os da minha cidade.</i>
	2. Np-V-Fi	<i>Eu recordo que havia dantes um café ao fundo desta rua.</i>
	3. Np-V-Int	<i>Ainda recordo como se faz o queijo.</i>
	4. Np-V-I	<i>Eu recordo ter visto o João na praia.</i>
	8. Np-V _{se} -Fi	<i>Recordo-me que ele trazia óculos.</i>
	9. Np-V _{se} -Int	<i>Não me recordava onde estavam os sapatos.</i>
	10. Np-V _{se} -I	<i>Recordo-me termos escorregado numa casca de laranja à entrada do hotel.</i>
	11. Np-V _{se} -de N	<i>Não me recordo do nome da obra. Não me diga que não se recorda de mim!</i>
	12. Np-V _{se} -de Fi	<i>Recordo-me de que ele trazia óculos.</i>
	13. Np-V _{se} -de Int	<i>Ainda me recordo de como a minha mãe fazia marmelada.</i>
	14. Np-V _{se} -de I	<i>Recordo-me de ter visto o João a praça. Recordas-te de termos escorregado numa casca de laranja à entrada do hotel?</i>

**ANEXO 8. OCORRÊNCIAS DE DIFERENTES ESTRUTURAS COM SE INERENTE –
*LEMBRAR, ESQUECER, RECORDAR***

Tabela 15. Ocorrências de [V_(se) de SN]

	PE						PB					
	V _{se} de SN			V de SN			V _{se} de SN			V de SN		
Lembrar	50	50	100%	0	50	0%	20	50	40%	30	50	60%
	→ Quem não se lembra de Ben Johnson...			Sem ocorrências			→ Abalado, Osmar lembrou-se com tristeza do momento do acidente.			→ Cabral lembra do grande sucesso europeu da peça: [...]		
Esquecer	48	50	96%	2	50	4%	37	50	74%	13	50	26%
	→ Adivinha -se o atropelo das ideias, não vá esquecer-se de alguma coisa importante.			→ É que a organização esquecera da autorização do IPPAR necessá-ria ao vigilante dos painéis [...]			→ No enlevo em que ficara, o desgraçado até se esqueceu do sítio onde estava.			→ FHC e Ricupero quase esqueceram da economia nos discursos de transmissão de cargo.		
Recordar	50	50	100%	0	50	0%	35	36	97%	1	36	3%
	→ Todos nos recordamos da pos-tura desenfreada deste Governo [...]			Sem ocorrências			→ Mônica se recorda do mundo pós-1986.			→ Eu recordo de uma exposição de fotografias na virada do século [...]		

Tabela 16. Ocorrências de [V_(se) de INF]

	PE						PB					
	V _{se} de INF			V de INF			V _{se} de INF			V de INF		
Lembra	50	50	100%	0	50	0%	42	50	84%	8	50	16%
	→ Lembro-me de deitar o lixo ao sair de casa.			Sem ocorrências			→ Não me lembro de ter visto nada fora de série.			→ Ele lembra de ter sido procurado por Íbsen da Costa Manso [...]		
Esquecer	46	50	92%	4	50	8%	22	50	44%	28	50	56%
	→ Esqueceram-se de encarar de frente o problema da camio*nagem [...]			→ [...] sem esquecer de atribuir responsabilidades [...]			→ Não se esqueça de rir por último ao completar sua obra.			→ Não esqueça de clicar com o mouse em cada uma das prateleiras.		

Tabela 17. Ocorrências de [V_{se} (de) que FIN]

	PE						PB					
	V _{se} de que FIN			V _{se} que FIN			V _{se} de que FIN			V _{se} que FIN		
Lembrar	22	50	44%	28	50	56%	9	50	18 %	41	50	82%
	→ [...] mas lembro-me de que Vila Franca nesse dia tinha aquele ar luminoso [...]			→ Lembro-me que filmámos muito perto do pôr do Sol [...]			→ Deve lembrar-se sempre de que alguns miliohms introduzidos na antena magnética [...]			→ Ele tinha se lembrado que entre dois perigos o melhor era preferir o mais remoto;		
Esquecer	18	50	36%	32	50	64%	30	50	60%	20	50	40%
	→ As pessoas esquecem-se de que " normal " pode ser encarado de várias formas [...]			→ Não nos esqueçamos que a floresta portuguesa se situa maioritariamente no interior do País [...]			→ Não se esqueça de que cada segundo é importante para tentar salvar a vida do acidentado.			→ Não se esqueça que as vezes é preciso parar.		
Recordar	19	50	38%	31	50	62%	3	10	30%	7	10	70%
	→ Recordo-me de que V. Ex. ^a tinha pedido esse esclarecimento [...]			→ Recordo-me que lhe apertei a mão com ardor;			→ Recordemo-nos também de que G. K. Zipf [...]			→ Paul Singer se recorda que a primeira reunião foi na casa de FHC.		

Tabela 18. Ocorrências de [V_{se} (de) INT]

	PE						PB					
	V _{se} de INT			V _{se} INT			V _{se} de INT			V _{se} INT		
Lembrar	22	50	44%	28	50	56%	10	30	67%	20	30	33%
	→ [...] porque ninguém se lembra de onde a pôs [...]			→ Só não se lembra onde deixou as fotos.			→ Afirmou não se lembrar de como foi a doação.			→ Não consigo me lembrar como isso começou [...]		

ANEXO 9. ENTRADAS DOS VERBOS *RIR*, *CASAR*, *REUNIR* E *SENTAR*

Tabela 19. Entradas de *rir*, *casar*, *reunir* e *sentar* – *Dicionário Editora da Língua Portuguesa*

Rir	verbo intransitivo 1. manifestar riso; sorrir 2. assumir uma expressão alegre; ter aspe(c)to agradável 3. gracejar 4. fazer troça 5. <i>popular</i> rasgar-se; fender-se
Casar	verbo intransitivo e pronominal 1. unir-se pelo casamento 2. <i>figurado</i> combinar-se, harmonizar-se 3. <i>figurado</i> adaptar-se
Reunir	verbo intransitivo 1. ter uma sessão 2. comparecer 3. agregar-se; agrupar-se verbo pronominal 1. fazer uma reunião 2. agregar-se; juntar-se
Sentar	verbo pronominal 1. assentar-se 2. tomar lugar; colocar-se 3. <i>figurado</i> estabelecer-se; fixar-se

Tabela 20. Entradas de *rir*, *casar*, *reunir* e *sentar* – *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*

Rir	<p>1 transitivo indirecto, intransitivo e pronominal contrair, em geral de modo súbito, os músculos faciais, em consequência de uma impressão alegre ou cómica; achar graça em <riu das histórias que o avô contou> <peça que faz r.> <r.(-se) de um dito picante></p> <p>2 intransitivo assumir expressão alegre, feliz, ger. esboçando um sorriso de alegria, manifestar fisionomicamente satisfação, prazer; sorrir <está feliz, vive rindo> <apaixonados, os seus olhos riam></p> <p>4 transitivo indirecto tratar sem seriedade (alguém ou algo determinado), utilizando palavras ou ditos espirituosos ou engraçados que manifestam humor, malícia, troça; fazer pouco caso, galhofa de; troçar, caçoar <os colegas riram da gafe que cometeu></p> <p>5 transitivo indirecto, intransitivo e pronominal tratar ou considerar (alguém ou algo determinado) com desdém, escárnio, menosprezo; ridicularizar, zombar <diante de tal petulância, o remédio é r.> <r.(-se) de sua arrogância></p>
Casar	<p>2 regência múltipla e pronominal unir(-se) por matrimónio <foi ele o padre que casou os dois> <pretendiam c. Pedro com Inês> <casei em pleno Verão> <não vai mais c.-se (com Pedro)></p>

Reunir	<p>7 transitivo directo, intransitivo e pronominal promover encontro, reunião ou encontrar-se com (outrem), com fins deliberativos, para resolver algum assunto, tomar decisões etc.; agrupar-se, agregar-se, congregar-se <r. os alunos para a aula no laboratório> <o congresso reuniu(-se) para resolver assunto grave></p> <p>8 transitivo directo, intransitivo e pronominal promover encontro entre ou encontrar-se com (outrem), por motivos recreativos, festivos etc.; irmanar(-se), congregar(-se) <r. os ex-alunos> <a família reuniu(-se) na casa de praia></p> <p>9 pronominal ir ter com outrem <no dia seguinte iria r.-se com os seus superiores></p>
Sentar	<p>1 transitivo indirecto, intransitivo e pronominal flexionar as pernas até apoiar as nádegas em assento; tomar assento; assentar-se <preferiu s.(-se) na poltrona> <preferiu s.(-se) a ficar em pé></p>

Tabela 21. Entradas de *rir*, *casar*, *reunir* e *sentar* – *Dicionário Sintáctico de Verbos Portugueses*

Rir	<p>1. N-V <i>O João ria. Com surpresa minha, este parlapiê obteve um êxito clamoroso._ Todos riram a fartar, velhinho incluído. [np]</i></p> <p>2. N-V-para Np <i>Ele disse aquilo, rindo disfarçadamente para a irmã.</i></p> <p>3. N-V_{se} <i>O Miguel ri-se quando ouve a notícia de falta de escudos nos bancos.[oj] O deputado pretendeu certamente ter graça, mas ninguém se riu. [pj]</i></p> <p>4. N-V_{se}-de N <i>Não te rias de mim! Lembrei-me novamente de que o meu pai se devia esta a rir de mim.[fa]</i></p>
Casar	<p>4. Npl -V_{se} <i>Eles casaram-se ontem.</i></p> <p>5. N-V_{se}-(com N) <i>Ouve cá, Tó: quando te casas comigo? [np] Tivesse a Clara só um vestido de chita no corpo e casava-me na mesma_Casei por amor, posso jurá-lo. [np]</i></p> <p>6. Npl-V <i>Eles casaram só no Registo Civil, não foram à Igreja.</i></p> <p>7. N-V-(com N) <i>Tivesse a Clara só um vestido de chita no corpo e casava-me na mesma_Casei por amor, posso jurá-lo. [np] Que eras tu, antes de casares comigo?[np] Ela casou (com ele) por interesse, não por amor.</i></p>
Reunir	<p>2. Npl-V_{se} <i>A comissão reuniu-se à porta fechada. Os velhos camaradas reuniram-se para celebrar.[kf] Essa Assembleia deverá reunir-se em breve para a proclamar formalmente como presidente.[oj]</i></p>

	<p><i>Vários factores se reuniram para causar a sua queda.</i></p> <p>4. N-V_{se}-com N <i>Reuniu-se com eles para preparar a festa.</i></p> <p>5. Npl-V <i>O Conselho de Ministros reúne às quintas-feiras. A comissão reuniu à porta fechada.</i></p> <p>6. N-V-com N <i>O presidente da República reuniu-se com o primeiro-ministro. *</i></p>
Sentar	<p>2. N-V_{se}-(La, em...) <i>Sentara-me no sofá, ela no chão e comecei a afagar-lhe os cabelos.[tm] Escreva, ande lá!_Vá, sente-se à secretária.[np] Sentar-se à mesa/numa cadeira.</i></p> <p>3. N-V-(L) <i>Senta aí, menino, e pára quietinho!</i></p>

* Supomos que houve aqui um lapso, ao estar “reuniu-se” quando a indicação é apenas “V”, portanto deveria ser “reuniu” ou “V_{se}”.

ANEXO 10. OCORRÊNCIAS DE SE INERENTE

Tabela 22. Ocorrências de SE inerente

	PE			PB		
	36	50	72%	6	50	12%
Rir	→ Aliás, há um Deputado da vossa bancada que deve estar a rir-se de si próprio. → Era o povo a rir daquela farsa toda.			→ Riu-se Pereira do equívoco e, explicando-o, continuou a discutir com seu interlocutor... → Ele já leu a peça, riu muito desse texto-verdade, que deverá ser dirigido por mim.		
	12	50	24%	32	50	64%
Casar	→ Pela ordem natural das coisas, os filhos crescem, casam-se e vão abandonando a casa paterna. → Muitos dos refugiados nasceram, casaram , divorciaram-se ou separaram-se nas antigas colónias.			→ Quando veio, não ficou em guetos, casou-se com uma brasileira. → Tem as que casam com os bons partidos e não trabalham porque eles não querem.		
	11	50	22%	50	50	100%
Reunir	→ O Sr. Presidente convocou a Comissão de Economia para reunir-se no dia seguinte. → [...] a Comissão de Equipamento Social e Ambiente é convocada para reunir , segunda-feira [...]			→ Para a Corte se reunir , é necessária a presença de pelo menos seis juízes.		
	49	50	98%	29	50	58%
Sentar	→ Na sala empoeirada, sentam-se em caixas de madeira ou em cadeiras bambas. → Vamos sentar ali, meu pai? – disse Mécia.			→ Em seguida, sentou-se e inclinou a cabeça para baixo. → Sangrando também na altura do nariz, Marco Antônio sentou em uma cadeira, chorando.		